



PODERIA SER CÁLIDO

em dois atos

ROTEIRO DE CRIAÇÃO COLETIVA

TEXTO FINAL BIRATÃ VIEIRA



A T O I

BLOCO I - FLASH BACK



(Luz sobre Ana Maria, que desce lentamente em direção a platéia.)

ANA

Quisera ser um mágico para poder lhes desvendar minha vida de uma forma encantada. Mas sei que o mais sincero, e talvez o mais simples, seja contar tudo como realmente aconteceu. Sem esconder os momentos tristes, pois eles me levaram muitas vezes a sentir que minha vida não significava nada, que a única saída seria a morte. Nasci numa cidadezinha do interior, meu pai e minha mãe...

(Luz sobre Ana Maria menina, brincando de pular corda. O movimento, de início lento, vai acelerando até que surge a imagem do irmão menor, que vem em sua direção com os braços estendidos. Ana joga a corda, dá as mãos ao irmão e rodopiam.)

CRIANÇAS

Currupiu, piu, piu,
a galinha me guspiu
lá na casa do meu tio...

MEFINO

Ai, eu vou cair, eu vou cair!
(Soltam-se e caem.)

ANA

Não era prá soltar agora, guri bobo!
(Com os pés, as crianças empurram areia formando um monte. Luz sobre a mãe que lava roupa.)

MÃE

(Cantando) Certa vez você falou, que era meu o seu amor,
Que ninguém ia separar você de mim...
Agora você vem dizendo, adeus...
Que foi que eu fiz...

(Luz sobre as crianças que batem com as mãos espalmadas sobre o monte de areia.)

ANA

Vamos fazer um bolo?

2



MENINO Vamos.

ANA Um bolo de aniversário.

MENINO De quem?

ANA Nosso.

MENINO Tem que ter velinha.

ANA Procura uns gravetos.
(Menino procura perto dos pés da mãe.)

MÃE Sai prá lá, não vem me incomodar.
(Menino entrega um pequeno palito para Ana.)

ANA Tem que ter merengue! Mãe, dá um pouco de espuma prá fazer de merengue?

MÃE Não tem espuma, Vão brincar prá lá.

ANA Ah, mãe, só um pouquinho.

MÃE Não!

ANA Mas a gente queria botar no bolo.

MÃE Não, já disse. Será que vocês são surdos?

ANA Mas, mãe...

MÃE Sai daqui. Vão brincar prá lá, me deixem em paz, eu já fa
lei.

ANA Eu nunca vi um bolo de aniversário sem merengue.

MÃE Pois vai ver agora.
(As crianças vêm sorrateiramente, pelas costas da mãe, e roubam um pouco de espuma.)

MÃE Ai, tirem essas mãos sujas daí. Olha só como ficou a minha roupa limpa. Seus nojentos. É só prá isso que vocês prestam, não é? Eu me mato trabalhando nesta casa e o que é que vocês fazem? Só me atrapalham, só me incomodam! Que inferno de vida! Vão brincar prá lá, não quero mais saber de criança aqui!
(Crianças afastam-se.)

ANA Vamos botar as velinhas.

MENINOS Quantos anos?

ANA Ô, mãe, quantos anos tem a prima Belinha?



MÃE Não sei quantos anos tem a prima Belinha, não me incomoda!

ANA Então é 15.

MENINO Tão tá.

CRIANÇAS (Batem palmas e cantam) Parabéns a você, nesta data querida...

HOMEM (Gritando fora de cena) Jussara, Jussara!

MÃE Que foi, que gritaria é essa?

HOMEM (Entrando) Uma tragédia lá no bar.

MÃE Mas o que é?

HOMEM O Zeca levou um tiro.

MÃE Um tiro? Mas o que é isso, tu tá ficando louco?

HOMEM Foi um tiro no pescoço. Ele tá morto.

MÃE Não é possível!

HOMEM O Zeca tá morto!

MÃE Minha Nossa Senhora! O que é que eu vou fazer agora? Ele não podia fazer uma coisa dessas comigo. O que é que eu / faço com duas crianças prá criar. Também, ele tinha que me deixar sozinha?

ANA Que foi, mãe?

MÃE Nada, não aconteceu nada. Vão lá prá dentro! O que é que vai ser de mim agora?

AVÓ (Entrando) Mas que gritaria é essa? O que foi, mulher?

MÃE Aconteceu uma coisa horrível. Foi o Zeca .

AVÓ O que houve com o Zeca ? Fala!

MÃE Deram um tiro nele.

AVÓ Um tiro? Onde é que ele está?

MÃE Lá no bar. Ele tá morto.

AVÓ Meu filho! Eu quero ver meu filho, eu quero ver meu filho...

HOMEM Foi vingança, foi vingança do gaúcho... foi vingança...
(Saem de cena. Aos poucos vão se afastando as vozes e os choros. A menina fica só. Chuta o bolo de areia.)

(Luz sobre Ana Maria.)

ANA Existem fatos tão distantes no tempo, que apenas lembro de imagens e falas esparsas. Mas me marcaram muito e sei que vou trazê-las comigo para sempre, esteja onde estiver. É um olhar, uma voz, um movimento, uma dor, uma batida mais forte do coração. E quando eu penso que a memória esgotou se, tudo recomeça e eu me redescubro. A minha infância... A minha infância, tenho a impressão...

CENA MUDA - A TRANSFORMAÇÃO DA MÃE - O ABANDONO

ANA A minha infância às vezes me parece um grande pesadelo. Daqueles quando a gente tem muita febre e as sombras na parede são grandes monstros que nunca chegam a nos esmagar/totalmente, mas o que é pior, nos provocam vertigens e que à luz do Sol são apenas manchas de umidade de chuvas passadas... A minha vó... Ô, vó...

(Luz sobre Ana menina e avó.)

ANA Ô vó, olha aqui, ó.

AVÓ Fôra com isso, menina. Vai buscar a blusa prá vó costurar.

ANA (Indo em direção à roupa.) Tu vai costurar agora?

AVÓ (Pegando a roupa.) Vou, sim. Meu Deus, que rasgão, como é que foi isso, Aninha? Subindo na árvore de novo, não é?

ANA Ô vó, a gente brinca, né.

AVÓ Toma cuidado, menina.

ANA Só rasgou isso aqui, ó vó. (Gesto com o indicador e o polegar.) Quem foi que te ensinou a costurar, hein, vó?

AVÓ A minha mãe.

ANA Por que a minha mãe não me ensina?

AVÓ Acho que tua mãe não sabe costurar. E se sabe não tem tempo. A vó te ensina, quer?

ANA Quero.

AVÓ Primeiro, pega a linha, assim.

ANA Que tamanho.

AVÓ É, um pedaço bem grande prá não ficar trocando de linha to



da hora. Aí, se bota a linha aqui.

ANA Tem um buraquinho, né?

AVÓ Tem.

ANA Tu não tá acertando, vó.

AVÓ Eu já não enxergo direito.

ANA Deixa eu fazer prá ti. Pega a pontinha e enfia no buraquinho, assim.

AVÓ Agora a gente dá um nózinho na ponta.

ANA Por quê?

AVÓ Senão escapa.

ANA Só?

AVÓ Só. A gente faz assim: junta as duas partes rasgadas...

ANA Depois pega um linhão grande assim, e uma agulhona grande assim e tem que caminhar. E anda, anda, vem e volta...
(A menina entra na fantasia do ato de costurar; percorre todo espaço enredando a vó na sua linha imaginária. A, avó embarca totalmente na fantasia da menina.)

AVÓ Ai, Aninha, a vó ficou com medo de tu não voltar mais. Tu foi tão longe!

ANA É mesmo? Onde é que eu fui, hein, vó?

AVÓ Tu foi subindo, subindo, por ali, ó! (Aponta toda trajetória da menina.) E depois veio descendo e aí entrou ali.

ANA Onde, vó, onde foi que eu entrei?

AVÓ Naquele jardim bonito que tem lá, ó!

ANA Qual, vó, aquele de portão grande?

AVÓ É!

ANA E aí, vó, eu abri ele?

AVÓ Abriu e entrou. É um jardim tão lindo. Cheio de árvores de maçã. Cada uma deste tamanho!

ANA É. Aí eu subi na árvore e... e... rasguei a blusa.

AVÓ Ah, safadinha! E tu não pegou uma maçã prá ti?

ANA Não. Aí, por que eu não peguei uma maçã, né, vó?

AVÓ Olha! (Tira do bolso uma maçã.) A vó tava escondida lá



atrás do portão e trouxe uma prá ti.

ANA Tu trouxe mesmo, vó.

AVÓ Claro, eu sabia que tu ia esquecer. Agora a vó vai costurar de novo.

ANA Tá, vó. Deixa eu ver.

AVÓ Olha, bota a agulha aqui e puxa e puxa, um do lado do outro.

ANA E fecha o burquinho.

AVÓ Bem do ladinho do outro. Bem firme.

ANA Deixa eu fazer, vó.

AVÓ Tem que ser bem juntinho.

ANA Assim?

AVÓ Assim. Olha, a vó não quer mais que tu suba na árvore.

ANA Aí a gente não pega as frutinhas!

AVÓ E se quebra um galho? E se tu cai?

ANA Se eu cair, a vó me segura.

AVÓ A vó não tem mais força prá isso.

ANA Tem sim, a vó me pega no colo, ó!

AVÓ Ana, cuidado, eu tô com a agulha, cuidado! Pára, pára Aninha!

ANA Costura, vó. Costura.

(Ao fundo aparecem dois homens e uma mulher. Um homem bate palmas.)

HOMEM 1 Se ajeitem aí que é gente de família.

MULHER Pode deixar que eu falo.

HOMEM 1 Não abre essa boca, vai me fazer passar vergonha.

HOMEM 2 Pode deixar que eu falo, então.

HOMEM 1 Vê se te comporta. (Ana aproximando-se.) Boa-tarde, mocinha. A dona da casa está?

MULHER Quem é que mora aqui?

ANA A vó.

MULHER Então chama a vovó prá nós.

ANA Vó, ô vó. Tem umas gente aí.



HOMEM 1 (Para a avó.) Boa-tarde, minha senhora. Nós viemos de São Paulo, essa aqui é minha esposa...

MULHER Prazer.

HOMEM 1 E essa aqui é a... é... é um amigo nosso. Nós viemos de São Paulo lhe trazer uma notícia...

MULHER Fala logo. Sabe o que é, madame, a senhora é a mãe da Jussara, não é?

AVÓ Sogra.

MULHER Ah, claro, sogra. (Para homem 1) Tá na cara. Nós, somos amigos da Jussara.

AVÓ Ah, é confusão.

HOMEM 1 Não, não é confusão. A confusão que tinha nós já resolvemos.

HOMEM 2 (Chora) Antes fosse confusão. É muito pior.

HOMEM 1 Não leve a mal. A viagem foi longa, ela tomou umas coisinha aí, tava nervosa.

HOMEM 2 Nervosa, não!

MULHER Ela tá muito cansada.

AVÓ Se é problema pro meu lado, eu já vou avisando, não tenho dinheiro.

HOMEM 1 Não senhora, não é dinheiro.

HOMEM 2 (Chora) Antes fosse dinheiro...

AVÓ O que é que a Jussara inventou dessa vez?

MULHER Sabe o que é, madame...

HOMEM 2 A Jussa ó, puf!!! Fffff!

MULHER É, a Jussara morreu.

AVÓ Eu sabia que ela ia acabar desse jeito.

HOMEM 2 Olha, ela morreu, mas morreu feliz, viu? Porque ela não sabia que tinha câncer. O médico chegou prá mim e disse...

HOMEM 1 Respeita a madame.

HOMEM 2 A senhora desculpe o que eu vou dizer. O médico chegou prá mim e disse que ela tinha câncer. Tava com os bucho tudo revirado. Não tinha mais jeito. O dia que o médico falou

isso eu tomei um porre, um porre, mas um porre, mas não contei prá ela. Ela morreu feliz, porque nós não contamos prá ela.

MULHER (Amparando homem 2) Calminha, calminha.

HOMEM 1 Olha aqui, eu disse prá não trazer esta peste.

AVÓ Eu já disse que não tenho dinheiro. É prá pagar o hospital não é?

MULHER Mas ninguém tá lhe pedindo nada, madame. A senhora tá fazendo um juízo muito errado de nós!

HOMEM 2 Nós viemos fazer um favor prá senhora.

HOMEM 1 A senhora não se preocupe, nós já pagamos tudo.

HOMEM 2 Pagamos, sim. Ela era minha amiga do peito. O enterro estava tão bonito. Eu levei uma dúzia de rosa amarela. Ela adorava rosa amarela.

MULHER Aqui tão as coisas dela, nós não queremos ficar com nada.

HOMEM 2 As roupinha dela. (Chora)

AVÓ Muito obrigado.

HOMEM 2 Eu mesma arrumei. É bom a senhora dar uma desinfetadinha, né? Fiz questão de arrumar as roupinhas dela. Ela vivia / junto comigo, no mesmo quarto que eu. Até os mesmos namorados, tudo, nós era muito amiga.

HOMEM 1 Bem, vamu indo. Minha senhora, passe muito bem.

MULHER Seja forte, viu?

HOMEM 2 Engraçado, né? Aqui não chove, me disseram que chovia, até trouxe guarda-chuva, vim de galocha, por causa da chuva e agora passo um vexame aqui.

HOMEM 1 Se precisar da gente, tamo lá em São Paulo mesmo.

MULHER A senhora desculpe qualquer coisa.
(Ana Maria corre para outra extremidade do palco.)

AVÓ Ana! Ana Maria!

ANJA Que é, vó?

AVÓ Que é que tu tá fazendo?

ANJA Nada, vó. Nada.



(Luz abre sobre Ana Maria.)

ANA

Eu estava lá, no meio da horta, chorando sozinha, de cabeça baixa, prá ninguém me ver. Fingindo que colhia abobrinha. Depois passou. Tudo passa com o tempo: o amor, o ódio, o sofrimento, e ficamos nós, nós! E quando pensamos que tudo terminou, descobrimos que é apenas o início...

ANA

(menina) O início de uma nova vida. (Ela levanta-se e começa a ser vestida pela vó.)

CENA MUDA - A VIAGEM PARA O NOVO LAR

BLOCO II - O NOVO LAR

(Pai, mãe e Ana Maria entrando. Já estão em cena: Marcelo, D. Edite e João Batista.)

TODOS

Parabéns, parabéns, saúde, felicidade.

Que tu colhas, sempre, todo dia,

Paz e alegria na lavoura da amizade!

PAI

Esta é a tua nova casa. Esses são nossos amigos. A d. Edite, o João Batista, e esse agora é teu irmão, o Marcelo.

MÃE

Gostou da nossa casa? Marcelo, leva a sacola dela lá prá dentro.

PAI

Agora tu vai morar aqui com a gente.

MÃE

Prá sempre.

EDITE

Que bonitinha. Parece uma bolachinha. Como é teu nome?

MÃE

Diz teu nome prá tia Edite, diz.

MARCELO

Ela não é tia, é vizinha.

MÃE

Marcelo! Olha o respeito.

PAI

Marcelo, não começa. Diz, filhinha, diz o teu nome.

MARCELO

Ela não fala!

PAI

Ti pára, Marcelo. Vê se toma jeito, guri.

MÃE

Anda, querida, diz teu nome prá tia ver.

ANA

Ana.

EDITE

Ana! Que coisa mais mimosa.

PAI

Aninha, fala com o tio João Batista, fala.



JOÃO BATISTA Dá um beijo no titio, dá.

EDITE Eu também quero um beijinho. Que bolachuda!

PAI Vem cá, eu vou te mostrar o laboratório. Tu sabia que o pai faz perfumes, sabia?

MÃE Espera, Bernardo. O Marcelo ainda não deu um beijo na irmã.

EDITE É sim, agora são irmãos. Têm que ser amigos.

MÃE Vamos, Marcelo, dá um beijo na tua irmã.

PAI Que que há, Marcelo? Que que tu tá esperando? Agora ela é tua irmãzinha.

MÃE Beija ela, Marcelo.

PAI Beija logo antes que eu te dê um puxão de orelha. Anda! (Beija rapidamente) É desse jeito que se beija uma menina?

MÃE Ela é tão bonitinha. Pode levá-la prá conhecer teus colegas.

MARCELO Ah, não. Isso não!

MÃE E por que não?

MARCELO Eu tenho 12 anos.

PAI Mas o que é isso, Marcelo?

MARCELO Ela tem que sair com as gurias. Os meus amigos são meus amigos.

PAI Tu me respeita, tu me respeita!

MÃE Calma, Bernardo. Não liga, filhinha. Ele tá estranhando. Depois acostuma. Tá com fome? Não quer comer um pedaço de bolo?

EDITE Come, sim. Eu trouxe uns docinhos prá ti. Quando tu quiser comer doce, vai lá na casa da tia Edite. É a terceira casa da direita.

PAI Ó Clara, dá um copo de leite prá ela.

MÃE Mas ela não quer.

EDITE Ela precisa engordar um pouquinho. Diz prá tia, quantos aninhos tu tens?



ANA
MÃE
EDITE
PAI
MÃE
MARCELO
PAI
JOÃO BATISTA
MÃE
EDITE
PAI
EDITE
JOÃO BATISTA
MARCELO
MÃE
EDITE
PAI
MÃE
JOÃO BATISTA
EDITE
PAI
JOÃO BATISTA
MÃE
EDITE
MARCELO

Seis.
Quando ela fizer sete, a senhora vai fazer um bolo de ani
versário prá ela, não é comadre?
Vou, sim!
Nós vamos fazer uma grande festa. E tu vais pro colégio /
também.
(Para d. Edite) Ela já é uma mocinha. Veio sozinha de
trem.
Ela morava com a avó. A mãe dela morreu.
Marcelo! Onde já se viu, falar nessas coisas!
(Para a mãe) Ela era filha daquela sua...
É, daquela minha irmã...
Ela vai ser adotada mesmo?
Vai ser sim, de papel passado, d. Edite.
Isso mesmo. Tem que fazer tudo nos conforme da lei.
Ela é até parecida com o Marcelo.
Hum, era só o que faltava! Deus me livre, Deus me livre!
Que horror, esse guri tá cada vez pior!
Isso é da idade, né comadre? Vem cá, Marcelo. Vem falar /
com a tua madrinha, vem.
Que cheiro de queimado, não tão sentindo?
É mesmo.
O churrasco, o churrasco! (Corre para fora)
Bem que eu queria falar, tava sentindo um cheiro de quei-
mado!
Eu não sabia que ele já tinha posto carne no fogo.
(Todos saem. Ana Maria fica só em cena. Todas as falas a
seguir serão dadas fora de cena.)
Com a chegada da menina eu me distrai.
Olha só, Bernardo, que judiaria.
Mas torrou mesmo.
Aproveita e faz mais brasa, tá puro carvão.

MÃE Que é isso, Marcelo, respeita os mais velhos.
PAI Paciência, né João Batista. Vamos botar mais carne no fo-
go. Ô Clara, faz uma cachacinha prá gente.
EDITE Olha, compadre, eu vou abrir o olho e cuidar do meu pudim.
MÃE E a salada, d. Edite, posso bater a maionese?
EDITE Já tá pronta. Olha, eu acho que chega, né? Sai, Marcelo,
tira essas mãos sujas daí!
MÃE Te some, Marcelo. Vai prá lá com os homens.
PAI Marcelo, o carvão!
(Luz vai morrendo em resistência.)
(Pátio de escola. Crianças brincam formando uma sucessão
de movimentos harmônicos. Há uma perfeita integração nos
jogos por parte dos meninos e das meninas. Ana Maria vem
correndo e integra-se às brincadeiras. Surge a Chefe de
Disciplina com um sino.)
C. DE DISC. Prestem atenção! Vamos deixar uma coisa bem clara de uma
vez por todas. Eu não quero ver, absolutamente, meninas /
correndo atrás de bola, feito guri. Não quero ver meninas
misturadas com meninos. Entenderam? Onde já se viu uma coi-
sa dessas? Menina brinca com menina e menino com menino./
Não quero mais saber deste tipo de brincadeira aqui na es-
cola. A bola só poderá ser jogada no horário de Educação/
Física. E se jogará somente com bolas da escola. Estamos
entendidos? Dispersar.
(Crianças separam-se. Não há mais possibilidade de harmo-
nização.)
(Foco de luz em Ana Maria. Ela abre seu material escolar
e começa a trabalhar.)
PAI (Entrando com uma sacola na mão) Clara! Clara! Onde está
a tua mãe?
ANA Não sei.
MÃE (Entrando) O que é, Bernardo?
PAI Aprontei as encomendas. Leva ligeiro lá, senão vão fechar.



Vê se cobra tudo, estamos sem dinheiro. Aninha, tu vai com a mãe, ou fica comigo?

MÃE

Pode dizer que eu vou sozinha. Não demoro.

MARCELO

(Entrando) Ó pai, ó mãe, tô com fome. Tu vai sair, mãe, agora, na hora da janta?

PAI

A mãe tem que fazer umas entregas, come um pedaço de pão.

MÃE

A janta tá pronta, é só esquentar.

MARCELO

O que é que eu faço com a minha fome?

MÃE

Preciso fazer a entrega, senão, como é que vamos receber?

PAI

Está escurecendo, Marcelo, vai com a tua mãe.

MÃE

Não é preciso, tem muita gente no ônibus. E as passagens, a gente tem que economizar.

PAI

Vai, sim. Não fica bem uma mulher casada sozinha na rua. É quase noite. Vai, Marcelo, vai com tua mãe.

MÃE

Ele tá com fome. Chegou agora do colégio.

PAI

Depois ele janta, não é, Marcelo?

MARCELO

Vamo logo, mãe.

MÃE

Dá janta prá Ana. Tchau.

PAI e ANA

Tchau.

ANA

Pai, por que menina não pode jogar bola?

PAI

Ué, porque jogo de bola é jogo de bola, e...

ANA

Eu sei que é jogo de bola. Mas por que é que as meninas / não podem jogar bola?

PAI

Tu não perguntou isso prá professora?

EDITE

Dá licença, eu tô entrando. Mas, que mimosa, desenhando! Como tá adiantada. Ô compadre, hoje é dia de festa, pelo jeito.

PAI

Por quê?

EDITE

A comadre saiu toda arrumada, tão bonita!

PAI

Ela foi fazer entregas. O Marcelo foi junto.

EDITE

Ah, eu achei que ela ia a algum lugar. Ai, eu pensei, vou ver se o compadre está precisando de alguma coisa. A Aninha já jantou?



PAI

Não se preocupe. A Clara deixou a janta pronta, depois eu esquento. Não quero que a senhora se incomode e se me...

MARCELO

(Entrando) Pai, vamos comer?

PAI

O que foi que aconteceu?

MARCELO

A mãe disse que eu não precisava ir.

PAI

Tu tinha que ficar com a tua mãe.

MARCELO

Mas, se ela mandou, o que eu ia fazer?

PAI

Ficar com ela.

MARCELO

Ah, pai, mas ela disse outra coisa. Eu fiz o que ela mandou.

PAI

É, d. Edite, ela não gosta de sacrificar o menino nesses ônibus cheios.

MARCELO

Ela não pegou o ônibus.

PAI

Ué, mas então prá onde ela foi?

MARCELO

Ela atravessou a faixa.

EDITE

Ela foi pegar o circular, então.

PAI

É, apesar de mais demorado, vai menos cheio.

MARCELO

Não, pai, ela dobrou a esquina no armazém do seu Ribeiro.

PAI

Então, eu não sei onde ela foi...

EDITE

Eu já vou indo, compadre. Se precisar de alguma coisa...

Tchau!

PAI

Obrigado. (sai d. Edite) Vem cá, Marcelo. Me explica por que tu voltou.

MARCELO

A mãe mandou, pai. Eu tenho culpa se a mãe mandou eu voltar?

PAI

Outra vez que eu te mandar ir com ela, tu não volta. (Mãe entrando) Já?

MÃE

(Furiosa) O que ele tá pensando que eu sou?

PAI

Quem?

MÃE

Aquele velho da farmácia. Já é a segunda vez que ele me enrola.

PAI

Por que o Marcelo não pode ir contigo?

MÃE

Não é que não pode. Eu não quero criança enrabichada em mim.

2



PAI E onde é que tu foi? Não fez todas as entregas.

MÃE É, desisti de ir pro centro.

PAI O Marcelo disse que tu dobrou a esquina do seu Ribeiro.

MARCELO Mãe, eu tô com fome.

MÃE Já vou esquentar. Olha, eu fui pegar o ônibus mais embai-
ro. Será que eu não sei andar sozinha?

PAI Eu não sei.

MÃE E como é que tu podes saber se tu não sai de dentro desta
casa?

PAI As crianças estão com fome. É bom tu ver isso.
(Mãe sai de cena. Barulho de panelas fora de cena.)

MÃE (Entrando) Por que tu não deu janta prá eles?

PAI Eu esperei por ti.

MÃE Eu tenho que fazer tudo aqui? (para Marcelo) Por que é
que vocês não serviram a janta?

MARCELO O pai disse prá nós esperar.

MÃE Quando eu morrer, quem é que vai fazer as coisas aqui den-
tro, hein?

PAI (Depois de uma pausa) Vão lavar as mãos prá comer.

MARCELO Vamos comer, pai.

PAI Vai, meu filho, o pai não tá com fome.

ANA Tá triste, pai?

MÃE O pai tá trabalhando demais.

ANA O que é que tu tá pensando, pai?

PAI Nada, filha, nada.

ANA E tu, mãe?

MÃE Vão comer, vão.
(Luz baixa em resistência.)
(João Batista deitado com a Mãe sobre o chão.)

JOÃO BATISTA Nós podíamos fazer sabe o quê?

MÃE Hum?

JOÃO BATISTA Fegar um trem.

MÃE Hum?

JOÃO BATISTA Um trem.



MÃE E ir prá onde?

JOÃO BATISTA Pro Rio de Janeiro.

MÃE Rio de Janeiro?

JOÃO BATISTA Pruma praia.

MÃE Deserta?

JOÃO BATISTA Só nós dois. Só nós dois e o mar.

MÃE Uma praia. Ficar quanto tempo?

JOÃO BATISTA Uma semana, um mês... Não sei.

MÃE Uma praia... Um mês...

JOÃO BATISTA Teu corpo todo no sol.

MÃE Bronzeadinha...

JOÃO BATISTA Gostosinha...

MÃE Imagina eu dizer: Bernardo, vou passar um mês no Rio de Janeiro. Não, eu não vou sozinha.

JOÃO BATISTA Vai muito bem acompanhada.

MÃE (Imitando Bernardo) Não pode.

JOÃO BATISTA Mas um fim de semana bem que podia.

MÃE Um fim de semana?

JOÃO BATISTA Dá uma desculpa.

MÃE Não!

.....

JOÃO BATISTA Às vezes eu sinto que tu me escapa.

MÃE Eu?

JOÃO BATISTA ... tu.

MÃE Eu sempre achei que era tu que me escapava.

JOÃO BATISTA Por quê?

MÃE Tu nem sempre está perto quando eu quero. Me deixa esperando...

JOÃO BATISTA Nem sempre eu posso estar. E de que adianta eu ir na tua casa? Não posso nem te tocar.

MÃE Mas é só prá isso que tu me quer?

JOÃO BATISTA Tu sabe que não. Não sabe? Hein? Responde prá mim.

MÃE Sei...



JOÃO BATISTA

Tai, porque tu não vem morar comigo? (Ela ri) Não sei que
é sério. (Ela ri mais ainda) Hum?...

MÃE

Meu Deus, olha só, já são quase sete horas. Hoje eu não
podia me atrasar.

JOÃO BATISTA

Ah, não vai ainda.

MÃE

Não posso.

JOÃO BATISTA

Por favor.

MÃE

Não...

JOÃO BATISTA

Fica...

MÃE

Não...

(Baixa luz sobre o casal. Abre luz sobre o Pai, Marcelo
e Ana.)

MARCELO

A tua boneca não come.

ANA

Come sim.

MARCELO

Não come.

ANA

Pai, olha o Marcelo.

PAI

Marcelo, não briga com a guria, Marcelo.

MARCELO

A tua boneca não bebe.

ANA

Bebe sim, bebe sim.

MARCELO

Não bebe, ela tá morta.

ANA

Pai, ele disse que minha boneca tá morta. (chora)

PAI

Marcelo, pelo amor de Deus, quer parar de massacrar essa
criança?

MARCELO

Eu só tô brincando, pai.

(Ana chora.)

MÃE

(Entrando) Por que a Ana tá chorando?

PAI

Ela tá com fome!

ANA

O Marcelo tá implicando comigo.

MÃE

Por que é que vocês não comeram alguma coisa até a mãe chegar?

MARCELO

Só pão que tinha prá comer, mãe, só pão. Eu tô cheio.

MÃE

Dá graças a Deus, tem gente que nem pão tem.

MARCELO

É muito melhor, assim podem comer outra comida.



MÃE Não tem nem pão nem comida.

ANA O que é que eles comem?

MÃE Nada. Já pensou não comer nada?

EDITE Dá licença. Eu tô entrando. Vim ver como é que vocês tão. Não apareceu lá em casa hoje, Marcelo? Tinha bolo! Como é que vai, compadre?

PAI Como é que vai, vai bem?

EDITE Eu estou bem. E a comadre, como está?

MÃE Bem, d. Edite. Muito bem.

EDITE Sabe quem é que eu vi agora?

MÃE Quem?

EDITE O seu João Batista.

MÃE Ah, é?

PAI Onde a senhora viu ele?

EDITE Descendo a rua, aqui, de carro.

PAI Por que será que ele não chegou aqui?

EDITE Não sei. Cheguei no pátio e vi ele descendo a rua. Eu conheço o carro.

MÃE Vou preparar a janta.

EDITE Ainda não jantaram?

MÃE Não, d. Edite.

PAI Ela foi fazer uma entrega.

EDITE É por isso que esse guri tá desse jeito. Olha aqui, coita dinho. E a guria também. Por que não foram comer lá na tia Edite?

MÃE Vamos jantar agora.

EDITE (Cheia de intenção—Olhando para mãe) Marcelo, eu tô desconfiada que tu não gosta mais de mim.

MARCELO Por que, tu sempre faz bolo prá mim.

EDITE Tu nunca mais foi lá em casa. E pensa que eu não sei que tu me chama de velha catorrita? Hein, Marcelo?

MARCELO Eu não.

EDITE Como é que tu faz isso com a tua madrinha, Marcelo. Olha, um dia eu vou ficar braba contigo.



MÃE Vamos jantar?

EDITE Já que vocês vão jantar, eu tô indo embora.

PAI A senhora está convidada, d. Edite.

EDITE Não, eu já jantei. Eu não fui passear.

MÃE Quem é que anda passeando?

PAI A mulher saiu foi prá trabalhar. Que coisa é essa, d. Edite?

EDITE Não, eu não falei por mal, pensei que ela tinha ido passear.

MÃE Claro, ela não precisa trabalhar, quando sai é prá passear.

EDITE É, às vezes eu passeio. Mas a senhora sabe, né comadre, que trabalhar mesmo, eu trabalho é em casa.

PAI Mas a minha mulher saiu foi prá entregar perfumes nas farmácias.

EDITE É, entrega. Tudo bem. Eu tô indo. Hora da janta é hora da família ficar reunida. (Black-out)
(Sons de crianças brincando em recreio. Musiquinhas maliciosas como: "quero cagar não posso"; "tão pequenininho, sapatão tão grande")

C. DE DISC; Atenção, todos em fila. Rápido! Quantas vezes eu tenho que dizer, - vai prá fila, Luís Felipe. Depois tu fala. Os meninos têm uma fila e as meninas outra? Mirian! Cobrir!

L. FELIPE A minha pasta, professora. Roubaram a minha pasta.

C. DE DISC. Cala a boca, Luís Felipe. Descansar! O que é, Luís F. ?

L. FELIPE Roubaram a minha pasta.

PAULO DAVI Ele tá sem pasta, professora. Ele tá sem pasta.

C. DE DISC. Quem foi que pegou a pasta do Luís Felipe?

TODOS Eu não fui!

L. FELIPE (Aponta para Ana) Eu acho que foi essa guria, aqui.

ANA Não fui eu, não fui eu.

L. FELIPE Foi tu sim. Fedorenta de perfume. (Todos acusam Ana)

C. DE DISC. Só podia, só podia! É sempre a Ana Maria. (Luís Felipe faz apartes) Cala a boca Luís Felipe! Olha aqui, Ana Ma-



ANA
C. DE DISC.
JOÃO
C. DE DISC.
MIRIAN
C. DE DISC.
JOÃO
C. DE DISC.
C. DE DISC.
JOÃO
L. FELIPE
JOÃO
C. DE DISC.
MIRIAN
C. DE DISC.
MIRIAN
C. DE DISC.
PAULO DAVI
C. DE DISC.
PAULO DAVI
C. DE DISC.
TODOS
C. DE DISC.

ria, eu já estou cansada dessas tuas brincadeiras. Eu estou te cuidando, guria. Tu te comporta.
Eu não peguei a pasta dele.
Ana Maria, se tu não devolver a pasta dele imediatamente, eu vou te deixar de castigo.
Não foi ela, professora.
Então quem foi?
Professora, posso ir no banheiro?
Não! Quem pegou a pasta, João? Diz, quem foi?
Fui eu.
Por que, João?
(João chama a professora e fala no ouvido dela.)
Fala alto. (João murmura) Fala alto. Eu quero que todo / mundo ouça! (João fala um pouco mais alto e enrolado) Fa la alto!
Ele passou a mão na minha bunda, aí eu escondi a pasta de le!
(Todos riem.)
Ele tava brincando de roda com as gurias, ele é bixa!
(Saindo da fila) Bixa é tu, mulherzinha!
João, volta prá fila! Quantas vezes eu tenho que dizer que eu não quero ver meninos brincando com meninas? Eu estou cansada dessas brincadeiras obscenas!
Professora...
Que é?
Eu quero ir no banheiro.
Não! Eu já disse que não, tu estás na fila.
Professora, professora!
O que é?
Nada.
Mas... Escuta, Paulo Davi, onde está teu uniforme? (Silên cio) Qual é a cor do uniforme?
Azul e branco!
E onde se compra o uniforme?



TODOS Na secretaria!

C. DE DISC. E onde fica a secretaria?

TODOS Lá em cima!

C. DE DISC. E por que tu não tens uniforme ainda, Paulo Davi?

PAULO DAVI Professora, é que eu não...

MIRIAN Ele não tem pai!

C. DE DISC. Isso não vem ao caso.

JOÃO Ele não tem dinheiro, ele é pobre.

ANA Ele não tem pai prá comprar!

PAULO DAVI É que a professora que distribui os uniformes, disse que só vai dar na 5ª feira.

C. DE DISC. Não me interessa. Tu estás matriculado, portanto, deves seguir as regras desta escola. Tens que usar uniforme. Se amanhã tu vieres sem uniforme, vais ficar três dias suspenso.

MIRIAN Professora, posso ir ao banheiro?

C. DE DISC. Não, Mirian. Eu já disse três vezes, não! (Cai uma bola)
Mas, o que é isso?

TODOS O que, professora?

C. DE DISC. Saíam da minha frente. Uma bola! Eu posso saber o que faz uma bola aqui na fila? Vocês já estão cansados de saber que é proibido jogar bola fora do horário de Educação Física.

PAULO DAVI Professora...

C. DE DISC. O que é?

PAULO DAVI Eu acho que ela quer ir ao banheiro.

C. DE DISC. Cala a boca! Quem é que trouxe esta bola?

CRISTINA Eu.

C. DE DISC. Tu, Cristina?

CRISTINA É que meu irmão fez uma aposta com a Ana e ela ganhou. Eu trouxe a bola prá ela.

C. DE DISC. Ah... Ah! Ana Maria! Tinhas que estar metida nisso!

CRISTINA Meu irmão prometeu, eu tinha que trazer...

C. DE DISC. Se quiseres esta bola de volta, teu pai ou tua mãe tem que



vir pegar.

CRISTINA Ah, professora...

C. DE DISC. Tem que ir na diretoria. Eu não quero saber mais disso...
(Todos riem. Mirian começa a chorar.) Mas o que é isso?

TODOS Maria Mijona!

C. DE DISC. Mas que coisa! Tu não tens vergonha de fazer uma coisa deg
sas, Mirian?

JOÃO Que mijo fedorento!

C. DE DISC. Calam a boca! Párem de rir! Agora eu ainda vou ter que ar
ranjar alguém prá te levar prá casa.

MIRIAN Eu não posso, tenho prova!

C. DE DISC. Não me interessa! Este é teu castigo por ter feito xixi na
fila. Vais ficar sem prova! Todo mundo prá aula! Marchan-
do, como eu ensinei. Alinhem-se! As meninas primeiro. Com
energia! Um, dois, um, dois... Vamos, prá diretoria, Mi-
rian! (Vão saindo)

MIRIAN Mas, professora, eu não posso, a minha prova...

C. DE DISC. Não me interessa, tu vais ficar sem prova!
(Abre luz sobre Ana Maria e o pai que trabalham no labo-
ratório.)

PAI Limpa direitinho. Não pode ficar nem um cheirinho de per-
fume nos instrumentos.

ANA Eu queria fazer um perfume.

PAI Vou dar uma receita prá ti.

MÃE (Fora de cena) Ana, ô Ana!

ANA O que é mãe.

MÃE Vem aqui me ajudar.

PAI Ela está aqui trabalhando comigo.

MÃE Ana, vem me dar uma mão aqui.

PAI Ela está me ajudando, depois ela vai.

MÃE (Entrando) Ana, será possível, eu tenho um monte de rou-
pa prá passar, tenho que lavar a louça do almoço e ainda
preparar o jantar. Será que ela não pode me ajudar?

PAI Não!



MÃE Tu acha que eu sou máquina?

PAI Ela vai ficar sentadinha aqui, aprendendo a fazer perfumes. Faz a janta primeiro, depois passa a roupa.

MÃE Eu vou atrasar o jantar, depois tu não vem reclamar.

PAI Põe aí, minha filha, duzentos gramas de...

MÃE Tu mina demais essa guria. Depois ela vai ficar insuportável!

PAI Eu não estou mimando coisa nenhuma, ela está trabalhando.

MÃE Eu tenho que fazer tudo sozinha nesta casa, agora, é?

PAI Tu é ou não uma dona de casa?

MÃE Sou, sim. Sou, sim senhor. Mas não sou burro de carga.

PAI Então vai lá, vai fazer a janta. Vai!

MÃE Depois tu não reclama se eu atrasar a janta.

PAI Vamos, Aninha, põe duzentos gramas de almíscar.

ANA Almíscar.

PAI É, já vê o álcool. E o fixador.

ANA Tem um bicho aqui dentro, pai.

PAI Um bicho?

ANA É, um bicho.

PAI Deixa eu ver. Quem é que botou isso aqui dentro?

ANA Eu não fui.

PAI Uma lixa! (levantando) Clara, ô Clara!

MÃE (Entrando) Que é?

PAI O que é isso aqui?

MÃE Uma lixa. Não estás vendo?

PAI Claro que estou vendo, não sou cego!

MÃE Mas, então...

PAI E quem é que usa lixa?

MÃE Ora, quem usa lixa; usa quem quer!

PAI Eu não uso lixa. E sabe onde é que estava?

MÃE Não, não sei. Onde é que estava?

PAI Dentro do meu álcool, que deve ser puro.

MÃE Ah, claro! Tu deixa as crianças mexerem nas tuas coisas!

PAI As crianças, as crianças. Não põe a culpa nas crianças. Tu



anda bisbilhotando nas minhas coisas.

MÃE Tu fica dando liberdade prá elas, depois a culpa é minha, não é? Tudo que acontece de errado nesta casa sou eu a culpada. Que vida!
(Batem na porta)

ANA O tio chegou! O tio chegou!
(Entra João Batista)

PAI Ah? João Batista, como vai? Vamos entrando!

JOÃO BATISTA Tudo bem, Bernardo. Como vai, d. Clara. Trouxe um vinhozinho prá nós.

PAI Opa! Um vinhozinho para a janta. Pensei que tinha esquecido o convite. Bota na geladeira, minha filha.

ANA Posso tomar um pouco, pai?

PAI Não. Tu não pode tomar, minha filha.

ANA Como é que eu posso tomar, pai?

PAI Sangria. Mistura água e bota bastante açúcar. Agora leva o vinho prá geladeira.

ANA Tá!

PAI Vai prá cozinha, mulher. Vai terminar a janta.
(Mãe sai)

JOÃO BATISTA Parece que eu cheguei numa hora imprópria, Bernardo.

PAI Não, foi só uma discussãozinha. (Pausa) Coisa de marido e mulher.

JOÃO BATISTA Trabalhando ainda? Hoje é sábado!

PAI O que é que se vai fazer? Tenho que sustentar quatro bocas. A única solução é trabalhar, trabalhar, trabalhar. Na da mais.

JOÃO BATISTA Desse jeito, tu vai acabar ficando louco. Que que há, Bernardo?

PAI Essa lixa aí... dentro do álcool. A mulher... me largou a lixa dentro do álcool que tem que ser puro. Agora vai fora. Sai caro isso!

JOÃO BATISTA Mas não é por um litro de álcool que tu vai ficar assim./
(que que tá havendo?)

PAI É que... não tá havendo, viu, João Batista. Não sei o que fazer. Foi bom tu ter chegado. A minha mulher tá diferente. Estamos sempre brigando. Eu vivo neste laboratório.

JOÃO BATISTA Bernardo, quem sabe... sei lá, a d. Clara não está trabalhando demais? Ela tá sempre fazendo as entregas.

PAI É isso aí, ela anda saindo demais.

JOÃO BATISTA Mas ela precisa sair... prá fazer as entregas!

PAI É que... não está mais acontecendo...

JOÃO BATISTA Mas... não está acontecendo...???

PAI É, não está mais acontecendo, de noite, na cama...

MÃE (Entrando) Olha uma cachacinha! Quem quer?

PAI Toma, João Batista, é de butiá, tu vai gostar.

MÃE Essa é da boa!

MARCELO (Entrando) Ó! Mãe, tô com fome, tá pronta a janta?

MÃE Espera só um pouquinho.

PAI Marcelo, não cumprimenta o tio?

ANA Marcelo, trouxe a bola?

MARCELO Não enche meu saco. Eu tô com fome.

PAI Marcelo, cumprimenta o tio.

MARCELO Já cumprimentei, pai.

PAI Tu deu "ó", cumprimenta direito.

JOÃO BATISTA Tudo bem, Marcelo?

MARCELO Tudo bem, como é que vai?

PAI Que rapazinho mal-educado, não repara, João Batista.

ANA Marcelo, trouxe a bola?

MARCELO Que bola, guria?

MÃE (Também não precisa ficar sempre brigando com ele, não é Bernardo?)

ANA A bola que o Paulinho ia mandar.

PAI (Mas é falta de educação mesmo. A gente deve falar enquanto é tempo.)

MARCELO Ele não mandou bola nenhuma.

JOÃO BATISTA (Não te preocupe, Bernardo. Isso é coisa de jovem. Logo passa.)



ANA Ele ficou de emprestar a bola dele, nós fizemos um time.

MARCELO Que time, guria? Sempre te metendo com os guri, né? Que bola que tu quer?

MÃE (Eu já falei pro Bernardo. Mas agora ele deu prá implicar com o rapaz.)

ANA A de futebol, nós combinamos que a gente ia treinar hoje.

MARCELO Que futebol, guria, tá querendo levar uma bola na cara, é?

PAI (Viu? É por isso que os filhos não respeitam mais ninguém. Tu te mete.)

ANA Por que é que tu não quer que eu jogue com vocês, hein?

MARCELO Ah! Só tem tu de guria! Vai andar sempre atrás dos guri?

ANA Ah! E pensa que eu não sei que vocês foram pro rio, ontem? Tu não deixou eu ir junto.

MARCELO Não tinha nada contigo. Só tinha homem lá.

ANA E daí? For que é que eu não podia tomar banho no rio também?

MARCELO Eu vou te dar um bife daqui a pouco!

PAI (Marcelo, que jeito de falar com a tua irmã. Que é isso?)

MARCELO Já disse, não tinha guria, e tu é muito pequena.

ANA Pensa que eu não sei, pensa que eu não sei, vocês foram lá fazer...

MARCELO Que, guria, me deixa, vai brincar de boneca, ô!

ANA Vocês foram lá fazer tunheta, né?

MARCELO Tu não tem que te meter, viu?

ANA O que é tunheta, hein?

MARCELO Vê se te enxerga, isso não te interessa!

ANA Ah! Não era tunheta, era... bunheta, bunheta, isso mesmo, vocês foram lá prá fazer bunheta, o Rogério me contou. Bunheta!

MARCELO Não é bunheta coisa nenhuma, é PUNHETA!

ANA Ah! Isso mesmo. Punheta! Ô mãe, o que é punheta, hein?..

PAI, MÃE e JOÃO BATISTA ?!?!?!?!?!?!?!?!?!!!!!!!

(Corte rápido de luz. Abre a luz na sala de aula. Crian-



ças entram seguidas da professora.)

ALUNOS Bom dia, professora. Com licença! (Sentam-se)

PROFESSORA Que desordem. Foi assim que a professora ensinou? A professora vai entrar de novo.

ALUNOS Bom dia, professora. Com licença!

PROFESSORA Muito bem, muito bem!

PAULO DAVI Professora, é hoje que tem versinho, né? Eu trouxe um versinho prá...

PROFESSORA É, hoje tem versinho, mas primeiro...

PAULO DAVI A senhora quer ver?

PROFESSORA Paulo Davi, eu estou falando. E quando a professora fala os alunos...

ALUNOS Se calam!

PROFESSORA Muito bem!

PAULO DAVI Professora, nós não vamos estudar hoje?

PROFESSORA Menino, eu mandei tu abrires a boca? (silêncio) Eu vou passar no quadro um versinho para o Dia das Mães. Eu sei que vocês não merecem. Fico pesquisando prá trazer versinho / prá vocês e é assim que vocês me agradecem, não é? Eu tenho que andar aos berros com vocês. Pensam que eu não fico com dor de garganta? Depois eu fico tomando gemada de noite. (silêncio) Copiem: " Mãe, palavrinha ditosa...

PAULO DAVI O que é ditosa, professora?

PROFESSORA " que tanto queremos bem."

PAULO DAVI O que é ditosa, professora?

L. FELIPE O que é ditosa, hein, professora? Eu não sei.

PROFESSORA Ninguém sabe o que é ditosa?

ALUNOS Não!

PROFESSORA Muito bem. Então o tema de casa vai ser este: Vão na biblioteca e procurem no dicionário o que é ditosa prá professora.

L. FELIPE A professora não sabe o que é ditosa.

PROFESSORA Claro que a professora sabe.

CRISTINA Então por que não diz prá gente?



ças entram seguidas da professora.)

ALUNOS Bom dia, professora. Com licença! (Sentam-se)

PROFESSORA Que desordem. Foi assim que a professora ensinou? A professora vai entrar de novo.

ALUNOS Bom dia, professora. Com licença!

PROFESSORA Muito bem, muito bem!

PAULO DAVI Professora, é hoje que tem versinho, né? Eu trouxe um versinho prá...

PROFESSORA É, hoje tem versinho, mas primeiro...

PAULO DAVI A senhora quer ver?

PROFESSORA Paulo Davi, eu estou falando. E quando a professora fala os alunos...

ALUNOS Se calam!

PROFESSORA Muito bem!

PAULO DAVI Professora, nós não vamos estudar hoje?

PROFESSORA Menino, eu mandei tu abrires a boca? (silêncio) Eu vou passar no quadro um versinho para o Dia das Mães. Eu sei que vocês não merecem. Fico pesquisando prá trazer versinho / prá vocês e é assim que vocês me agradecem, não é? Eu tenho que andar aos berros com vocês. Pensam que eu não fico com dor de garganta? Depois eu fico tomando gemada de noite. (silêncio) Copiem: " Mãe, palavrinha ditosa...

PAULO DAVI O que é ditosa, professora?

PROFESSORA " que tanto queremos bem."

PAULO DAVI O que é ditosa, professora?

L. FELIPE O que é ditosa, hein, professora? Eu não sei.

PROFESSORA Ninguém sabe o que é ditosa?

ALUNOS Não!

PROFESSORA Muito bem. Então o tema de casa vai ser este: Vão na biblioteca e procurem no dicionário o que é ditosa prá professora.

L. FELIPE A professora não sabe o que é ditosa.

PROFESSORA Claro que a professora sabe.

CRISTINA Então por que não diz prá gente?



PROFESSORA

Porque vocês têm que aprender. Vocês vão querer todo aê
mão beijada sempre? Tem que fazer o trabalho na bibliote-
ca. Continuando com o versinho... Mirian, olha que bonito
o caderno dela, colorido, olhem. Que capricho! Não é boni
to?

ALUNOS

É!

PROFESSORA

Vai ganhar ótimo com estrelinhas.

CRISTINA

A mãe dela ajuda ela, professora.

MIRIAN

A minha vó disse que se eu ganhasse estrelinha, ela ia me
dar um chocolate.

L. FELIPE

Por isso que ela é gorda assim.

(Todos riem. Bagunça geral.)

MIRIAN

É melhor ser gorda do que piolhento!

PROFESSORA

Escutem aqui uma coisa... (Mirian interfere) Cala a boca,
Mirian. A professora tá falando. Qual é a postura que a
professora ensinou prá sentar na sala de aula? Baixa a mão
Mirian. Ana Maria, isso é jeito de sentar, Ana Maria? Es-
tás com algum problema no pescoço? Escreveste o verso, me
nina?

ANA

Escrevi.

PROFESSORA

Deixa eu ver. (Para João e Mirian) Vamos parar de cochi-
char, vocês dois, hein?

JOÃO

Ah, professora, ela que tá conversando comigo.

MIRIAN

Sabe o que é, professora, o Luís Felipe tá com piolho.

L. FELIPE

Bobalhona.

PAULO DAVI

A minha mãe não quer que eu sente do lado dele.

JOÃO

É sim, ele tá com piolho!

CRISTINA

Tira ele da aula, professora! (Todos falam)

PROFESSORA

Silêncio, meninos, a professora vai examinar. Luís Felipe!
Tu tá cheio de piolho, menino. Uiiii! (Recompondo-se) Is-
so é muito bom que aconteça. Sabem por que vocês pegam pio-
lho? Porque vocês não tomam banho, porque vocês não têm
higiêne nenhuma, vocês não lavam a cabeça. São uns relaxa-
dos. Luís Felipe, vai já pro Gabinete Médico. Vai e volta



em cinco minutos, não fica brincando nos corredores! (Luís Felipe sai) João, o que é isso, hein?

JOÃO O meu caderno, professora. Eu fiz um desenho prá senhora.

PROFESSORA Mas que garranchos são esses, menino? Quem foi que te ensinou isso?

JOÃO Foi a professora.

PROFESSORA Além de fazer garranchos ainda é malcriado, é? Pois vou te ensinar a escrever. Tu me traz amanhã, em letra caprichada, duzentas vezes a frase: " Devo melhorar minha caligrafia." Repita!

JOÃO Devo melhora minha caligrafia.

PROFESSORA Isso. Então faz. Bem, vamos continuar com o versinho. Espera, Ana Maria. " Mãe, palavrinha ditosa que tanto queremos bem. É tão pura, tão formosa, que rimas ela não tem." Linda, não é mesmo? O que é, Ana Maria? Terminou de copiar?

JOÃO Professora, ela me chamou de cagalhão.

PROFESSORA Mas o que é isso?

MIRIAN Mentira! A senhora acha que eu ia dizer uma coisa dessas?

JOÃO Quer ver meu cagalhão, quer?

MIRIAN Professora, a senhora viu o que ele me disse?

PROFESSORA Pelo amor de Deus, caíem a boca! Que é, Ana Maria?

ANA A senhora ficou com o meu caderno.

PROFESSORA (Examinando o caderno) Mas esse caderno é teu, Ana Maria? Que significa isso?

ANA O que, professora? (Levanta-se e vem em direção à prof.)

PROFESSORA Essa riscaria toda.

ANA O verso tá aqui, professora.

PROFESSORA Mas o que é isso? É assim que se apresenta um caderno prá professora?

ALUNOS Não!

PROFESSORA Olha só! Todo sujo, cheio de orelha de burro, encardido, desse jeito! Onde é que tu anda com esse caderno, menina?

ANA Em casa.

PROFESSORA Esfregando ele pelo chão? (Todos riem) A professora se re



cusa a olhar um caderno desses. Amanhã tu me vem com o caderno novinho e bem caprichado, senão, castigo prá ti. Volta prá tua classe.

(Entra Luís Felipe. Todos riem.)

PROFESSORA

O que é isso? Párem de rir do colega. Isso é feio. Qualquer um de vocês poderia estar com piolho. Vai sentar, Luís Felipe.

L. FELIPE

Esse cheiro é ruim, professora. (Aproximando-se da prof.)

PROFESSORA

Ai, que horror, sai daqui, sai. Vai te sentar logo.

MIRIAN

Eu não quero sentar perto de piolhento!

L. FELIPE

Empanturrada!

PROFESSORA

Mirian, pega teu material e vai lá prá trás.

MIRIAN

Ah, não, professora, lá tem piolho.

PROFESSORA

Vai, Mirian, piolho dá na cabeça, e não na classe. Que foi Luís Felipe, qual o motivo do riso?

L. FELIPE

Essa guria tá fazendo diabo na senhora.

PROFESSORA

O quê?

ANA

É mentira, professora.

PROFESSORA

Isso é coisa que se faça, Ana Maria?

ANA

Eu não fiz nada.

PROFESSORA

Sabe o que vai acontecer agora? Eu vou ser obrigada a te dar um castigo. A professora não gosta de dar castigo. / (murmúrio de Cristina e Mirian) Escuta, menina, será que eu vou ter que puxar tuas orelhinhas? (continuam murmurando e rindo) Calem essa boca! Eu tô falando! Vocês têm que respeitar a professora na sala de aula. Vocês pensam que estão aonde, hein? Na casa de vocês? Vocês estão aqui para aprender, têm que fazer silêncio, obedecer a professora. Senão, vão ser o que quando crescer? O quê, hein? Lixeiro? (João levanta a mão) É isso que vocês querem ser? Então têm que aprender a obedecer para... O que é, menino?

JOÃO

Eu quero ser astronauta.

PROFESSORA

Eu não te perguntei. Eu tô perdendo a paciência. Eu quero



silêncio, senão vocês vão ficar sem recreio. Não quero vir um pio aqui dentro.

ANA
PROFESSORA
L. FELIPE
PROFESSORA
JOÃO BATISTA
MÃE
JOÃO BATISTA

Piu. (Todos riem)

Quem foi? Quem foi? (silêncio) Quem foi? Querem perder o recreio e a merenda?

Foi ela. (Aponta para Ana Maria)

Pega tuas coisas e já prá rua! Tu só me entra na sala de aula se vier o teu pai ou tua mãe falar comigo. Sai! Não fica perambulando pelo colégio. (Ana sai)

(Luz sobre Mãe e João Batista)

Como é que tá?

Morrendo de saudades.

Eu também. Demorou tanto prá vir.

É. A coisa não tá fácil.

Eu tenho vontade de ir lá te ver, mas pode ser pior.

Eu não tô mais aguentando. O que é que eu faço?

Vamos... morar junto.

Deixar o Bernardo?

É..., eu tenho um terreninho aí, podia fazer uma casa e... que que tu acha?

Não sei. As crianças... tá falando sério?

Pega o que é teu e vem prá cá. Enquanto isso eu dou um jeito na casa.

Assim, de repente, eu não sei. Não sei mesmo. Nunca pensei...

Nunca?

Eu não posso me mudar prá cá assim... tenho a família, meus filhos.

Tu vive falando que não aguenta mais a casa, lavar roupa, a falta de dinheiro, o Bernardo. Tu não aguenta mais o cheiro do Bernardo!

Não fala do Bernardo.

Quando a gente se encontra, tu só te queixa. Então eu não tô te entendendo!



MÃE

É, eu falo dele, tá bem. Acho que o nosso casamento tá errado, foi errado! Mas, eu tenho meus filhos, eles precisam de mim. A Ana tem quase 12 anos. O Marcelo... não, não prá sair assim... eu não posso! O Bernardo tá velho, precisa de alguém que cuide dele. Tu não acredita, eu quero/bem ele, tenho pena dele.

JOÃO BATISTA

O problema do Bernardo não me interessa!

MÃE

Tu não pode ser tão egoísta. Se eu pudesse sair de lá, da aquela casa, pegar meus filhos... Eu quero dar uma vida boa prá eles... não posso. Tu não me entende.

JOÃO BATISTA

Não entendo, tu sempre reclama que eu não gosto de ti, não te dou atenção, que eu tô me aproveitando, não me preocupo contigo... Agora eu me decidi!

MÃE

Prá ti é fácil, não sai de casa, não larga nada nem ninguém.

JOÃO BATISTA

Eu acho...

MÃE

Eu posso levar meus filhos prá viver com a gente? Tu me ajuda a criar eles?

JOÃO BATISTA

Eu quero te ajudar. Os teus filhos com o Bernardo... A Ana nem tua filha é!

MÃE

É a mesma coisa. Ela é minha filha.

JOÃO BATISTA

Eu não adotei ninguém!... Além do mais acho difícil eles morarem com a gente. Eles não vão me aceitar.

MÃE

Se eu te aceito, eles também te aceitam. Se eu gosto de ti eles vão gostar também!

JOÃO BATISTA

Mas e o Bernardo? Toda criança quer ver o pai. Imagina eles acostumados a me chamar de tio, de repente sou pai. / Mas eu não sou o pai!

MÃE

Pelo amor de Deus, que é que tu quer que eu faça?

JOÃO BATISTA

Eu fiz uma proposta. Tu não aceita. Eu não quero mais continuar me encontrando assim, escondido. Não está certo. O Bernardo é meu amigo há muito tempo e...

MÃE

É agora que tu pensa nisso? For que não pensou antes?

(Silêncio)



JOÃO BATISTA Bom, eu pensei numa solução... Tu não aceita.

MÃE Tu sabe que eu não posso aceitar. Tu sabia que eu não ia aceitar!

JOÃO BATISTA Não era isso que tu dizia.

MÃE Eu nunca disse que ia deixar meus filhos...

JOÃO BATISTA Disse que não aguentava mais.

MÃE Disse! Mas as crianças... tu não entende.

JOÃO BATISTA Não dá prá continuar assim.

MÃE Tem outra solução?

JOÃO BATISTA Tá na tua hora.

MÃE Vou indo.
(Luz sobre Pai e Ana Maria no laboratório)

PAI Botou a mesma medida de essência?

ANA Botei.

PAI Agora põe o fixador.
(Mãe entra e começa a limpar a mesa do Pai)

PAI Acho que está bom. Deixa descansando na prateleira...

MÃE É, vai aprendendo. Tu vai ver o que vai te acontecer.

PAI O que é que tu tem contra perfume?

MÃE Nada!

PAI Então é contra mim!

MÃE Tu acordou ruim, hoje, hein meu filho?

PAI Tu é que tá me provocando. E pára de me chamar de " meu filho". Ana, vai brincar um pouco lá fora, vai. (Ana sai)

MÃE Ô Clara, a gente tem que parar de discutir desse jeito. O que é, hein? O que é, hein? Me diz o que eu faço de errado.

PAI A senhora sabe muito bem o que eu tô falando.

MÃE Não, eu não sei o que tu tá falando!

PAI Faz mais de um mês que tu não me aceita quando eu te procuro na cama. É isso que eu tô reclamando.

MÃE Também, não precisa fazer isso todo dia.

PAI Tu ainda é minha mulher, fica sabendo.

MÃE Bem que eu gostaria de me esquecer disso.

PAI Eu trabalho como um animal. Eu ganho o dinheiro que te sus



MÃE tenta. Tu não faz mais que a tua obrigação. Minha obrigação! O dia inteiro dentro dessa casa e ainda faço as entregas na rua! E tu sempre reclamando!

PAI E não tenho que reclamar? Clara, tu não precisa de tanto tempo assim prás entregas. Tu vive na rua!!!!

MÃE Se eu vivo na rua, é prá trabalhar!

PAI Não é o que os vizinhos falam!

MÃE Eu estou pouco me importando com os vizinhos.

PAI Eu sei! Eu sei que tu estás pouco te importando com os vizinhos. Então tu confessa que gosta de andar na rua, não é?

MÃE Gosto, gosto mesmo. Porque aí eu não tenho que te ouvir / reclamar, não tenho que aturar essa casa, os vizinhos, nada! Eu aí estou sozinha na rua, eu vejo...

PAI Sozinha?

MÃE Sozinha.

PAI Sozinha, mesmo?

MÃE Sozinha!

PAI Não acredito. É por isso que tu tá cheia de mim!

MÃE Como é que eu não posso estar cheia de ti? Eu ainda sou nova, eu quero ver gente, não quero ficar enfurnada aqui dentro.

PAI Isso não é coisa que mulher decente pensa. Onde já se viu mulher casada batendo cola na rua?

MÃE Eu estou trabalhando prá ti!

PAI Ah, é? Pois agora tu não vai mais trabalhar prá mim. De hoje em diante, eu faço as entregas. Tu fica em casa, cuidando dos teus filhos. Agora ninguém mais vai falar que tu sai arrumada todo dia.

MÃE Claro. Só vão falar que eu vivo com um velho vestido de trapos...

PAI Tu é minha mulher! Tu tem que me aceitar! Tu é minha mulher!

MÃE Me larga, me larga, sai de cima de mim, velho nojentol!

PAI Tu não tá sendo prá mim. Prá quem é que tu tá sendo, vaga



bunda! Tu anda me traindo!

MÃE Me larga, me larga!

PAI Por que é que tu não me quer, hein, vagabunda? Diz, por quê?!?!?

MÃE Eu tenho nojo de ti. Eu tenho nojo desse teu cheiro de perfume, que não sai nunca de mim. Eu quero aproveitar mais a minha vida, e tu é um velho, tu tá apodrecendo dentro dessa casa. (Ele tenta agredi-la) Não bota essa mão em mim, seu velho nojento!

PAI Pois vai embora, vai embora! Sai da minha frente!

MÃE Vou sim, vou porque estou cansada de ti! (Sai)

PAI Vai pro meio da rua, que tu gosta, sua puta, vagabunda! (Ana Maria entra) O que é que tu tá fazendo aqui? Eu não disse prá tu ir brincar lá na rua?

ANA Tu não vai me ajudar a fazer perfume?

PAI Depois, depois, minha filha. Amanhã. Amanhã, tá? Vai brincar, vai. (Mãe aparece e fica olhando a menina que se afasta) Pensa nas crianças.

MÃE Em que é que tu acha que eu penso?

PAI Então fica.

MÃE Eu não durmo mais contigo.

PAI Nem eu quero.

MÃE Não quero que tu me toque, nunca mais.

PAI Eu tenho nojo de ti.

MÃE Não mais que eu de ti. (Silêncio) Eu vou fazer o almoço.

PAI (Chamando) Ana, vem ajudar a tua mãe!

MÃE (Já fora de cena) Ana, tu arrumou tua cama hoje?

ANA Arrumei, mãe.

(Pátio da escola. Ana Maria perambulando e chutando coisas. Alguns jovens passam por ela. Sua maneira de olhá-los é francamente desafiadora.)

GLÓRIA Ué, que tu tá fazendo aqui?

ANA Tô. Vou ver se encontro um chará que andou me sacaneando.

GLÓRIA Chiii, lá vem bronca. Puxa, Ana, tu me cansa com essas tu

ANA as histórias. Tu quer brigar com todo mundo.
GLÓRIA Não te mete nessa, tá bom? É coisa minha. Eu resolvo.
ANA Pô, Ana, a turma já não tá mais te aguentando.
Te manda, não tô a fim de ouvir sermão.
(Aproxima-se um rapaz. Ao ver Ana pára. Faz menção de voltar. Fica indeciso.)
ANA (Dirigindo-se ao rapaz) Olha aí, eu quero levar um papinho contigo.
CARLOS Que que é?
ANA Seguinte, eu não engoli aquela tua lá na frente do pessoal dizendo que eu tava querendo bagunçar a festa de sábado.
CARLOS Tá bom, esquece, tá?
ANA Esquece coisa nenhuma. Eu não gostei e tô querendo ver igso contigo.
CARLOS Olha, se tu quer mesmo saber, tu tava querendo patifar a festa da gente.
ANA Que que há, eu só tava querendo dar minha opinião.
CARLOS Tu tá sempre querendo impor tua opinião.
ANA Não é nada disso, chará.
CARLOS Não sou chará, coisa nenhuma. Tu patifa tudo, quando não/é tu que decide. A turma decidiu, tá decidido, tchau!
ANA Espera aí, ô...
GLÓRIA Ana, pára com isso, ele não quer discutir contigo.
ANA Me larga, sua merda. Olha aqui, carinha, não me interessa se não quer discutir comigo. Tu vai me ouvir nem que seja na marra!
CARLOS Sai, me deixa. Não vem me encher o saco. Olha, eu não gosto de bater em mulher, vê se te manca!
ANA Se tu não me ouvir, eu te meto a mão na cara, me ouve, me ouve!
CARLOS Sai prá lá, guria, pára...
ANA Não pero, por quê? Vai me bater agora, vai? Bate! Quero ver se tu bate mesmo!
CARLOS Olha aqui, guria...

ANA Pate, seu merda, bate!

GLÓRIA Párem com isso, párem!

CARLOS Aiii! Tu tá louca, guria, que é isso?

ANA Me bate, desgraçado, me bate, me bate.

GLÓRIA Ana, pára! Meu Deus, ele tá sangrando, Ana. O que tu fez, guria? Ajudem, ajudem, ele tá ferido!

PROFESSORA Que houve, que gritaria... O que é isso, ele tá sangrando!

GLÓRIA A Ana espetou ele com o compasso.

ANA Eu te disse, chará, eu te disse.

PROFESSORA Levem ele pro Gabinete Médico, depressa. Olha, Ana, se is so for grave como eu tô pensando, tu vai te ver com a Di- retora. Te prepara. (Saem todos em direção ao Gabinete / Médico, carregando Carlos. Ana fica só em cena. Furiosa, / ela chuta o chão.)

(Luz sobre o Pai que entra com uma sacola na mão. Mãe ar ruma a casa. Ana observa o movimento dos pais.)

PAI Ana, diz prá tua mãe que eu vou fazer as entregas.

MÃE Ana, pergunta pro teu pai se ele vai pro centro.

PAI Eu vou entregar perfumes na farmácia do seu Leonardo.

ANA O pai não vai pro centro.

MÃE Diz pro pai não esquecer de pegar as notas.

ANA (Para o Pai) Deu prá entender?

PAI Eu não esqueço nada quando faço minhas coisas. Tchau, mi- nha filha.

ANA Tchau, pai. (Pai sai) Como o pai tá triste. (Mãe não to ma conhecimento do que Ana diz) Tu não gosta mais dele?

MÃE O pai não tá triste e eu gosto dele.

ANA E por que vocês não conversam, não dormem mais juntos? I so que vocês fazem é coisa de gente doida.

MÃE Olha o respeito. Isso são modos de falar comigo? O teu pai não anda muito bem nos últimos meses e...

ANA Dá prá parar com essa mentira toda, prá mim não precisa / fingir. Tu sente remorso por ele andar triste assim?

MÃE Acho bom tu te arrumar prá ir pro colégio. Vai acabar te



atrassando.

ANA Ele era muito velho quando tu casou com ele?

MÃE Não muito. Mas ele agora parece tão mais velho. Por quê?

ANA Será que quando a gente fica velho fica triste?

MÃE Vai, Ana, vai prá aula. Me deixa trabalhar. Vai logo.

ANA Tchau.

MÃE Tchau. (Ana sai.)
(Batem à porta.)

JOÃO BATISTA Posso?

MÃE Tô te esperando.

JOÃO BATISTA Cheirosa, gostosinha... (Beijos e abraços)

MÃE Custaste a aparecer. Que tu andas fazendo?

JOÃO BATISTA Fiquei pensando um pouco na situação. Como é que estão as coisas? E o Bernardo?

MÃE Cada vez mais rabujento. É, vai se levando, né? Tem outro jeito? Ele faz tempo, deixou uma encomenda prá ti. Tu não apareceu mais....

JOÃO BATISTA Não fala agora. Me dá uns beijos. Cheirosa. Cheirosa...

MÃE Ai, não me aperta assim... Eu tô um pouco agoniada.

JOÃO BATISTA Esquece. Esquece...

MÃE Tu desaparece e me deixa assim...

JOÃO BATISTA Cheirosa...

MÃE Me beija, me beija... (Beijam-se. Ana Maria aparece e fica olhando os dois.) Ana!... Tu já veio?... Então? Que houve, minha filha?

JOÃO BATISTA Ó, Aninha! Tudo bem?... Dá um beijo no tio. Sabe que o / tio...

MÃE Não teve aula, Ana Maria? Por quê?

JOÃO BATISTA Vou pegar a encomenda que o Bernardo deixou, então.

MÃE Pega. Ele deixou em cima da mesa.

JOÃO BATISTA Onde é que está?

MÃE Bem em cima.

JOÃO BATISTA É essa aqui?

MÃE É.

JOÃO BATISTA Então tá. Fim de semana eu passo por aqui, diz pro Bernar

nardo. Boa tarde, d. Clara. Tchau, Aninha. Tá preocupada, hoje? Tchau!

(Silêncio)

MÃE ... que foi, Ana Maria?

ANA O pai sabe disso?

MÃE Disso, o quê?

ANA Não vai querer me dizer que não houve nada.

MÃE Não, não houve nada.

ANA Claro, ele tem mesmo que andar triste. Coitado do pai. Tu não tem pena dele? Trabalha todo dia prá sustentar a casa e tu fica aí, esperando esse homem o dia inteiro. Ele tem que saber.

MÃE Não existe nada prá ele saber, tu tá entendendo? Não bota minhoca na tua cabeça. Já chega de incomodação.

ANA Eu te vi com ele aqui. Eu entrei e fiquei olhando. Eu queria que tu soubesse que eu vi. Essa não é a primeira vez.

MÃE Tu não viu nada, entendeu? Nada!

ANA Vi, sim. Vi a minha mãezinha e o seu amante se agarrando/ aqui.

MÃE Não viu!

ANA Vi! Vi! Vi!

MÃE Cala essa boca!

ANA Tu não pode fazer uma coisa dessa, tu é a mãe! Sabe o que eu vou fazer? Vou contar tudo prá ele. Tudo, entendeu? Tu do!

MÃE Ana! Olha prá mim. Ana, olha prá mim. Tu não pode contar/ nada pro teu pai. Ele tá velho, doente. Tu quer matar ele duma vez? É isso, Ana? Tu quer matar teu pai de desgosto? Pelo amor de Deus, Ana, não dá importância prá isso. Isso que aconteceu aqui não tem importância. Eu não pude evitar mas não tem importância. Eu juro, Ana. Eu juro!

ANA Não me interessa se tem importância ou não, eu vou contar. Ele precisa por um fim nisso tudo. Tu é mulher dele, tu...

MÃE Pensa no teu irmão, pensa na tua família. Tu não gosta da



nossa família? O pai vai morrer, Ana. E por uma coisa sem importância. Tu não vais contar, não é? Eu sei que tu podes compreender. Tu tens a cabeça no lugar. Olha, Ana ... (silêncio) ... se tu abrir a boca, tu nem sabe o que vai te acontecer. Eu tô te avisando. Eu te largo no inferno, Ana. Tá ouvindo? Me responde! (Entra o pai, abatido e cansado) Eu te avisei, eu te avisei, hein?

(Mãe sai de cena)

PAI

Ó, Ana.

ANA

Ó.

PAI

Que que há com a tua mãe?

ANA

Não sei... Pai, eu quero te dizer uma coisa. Eu não gosto de te ver triste. Tu... tu, (Pai fica olhando-a) tu tem ciúme da mãe?

PAI

(Olhando no olho da filha) Tenho! Por quê?

ANA

Pai... pai... o tio, o João Batista teve aqui... Ele e a mãe...

PAI

O João Batista. (silêncio) O João Batista? (Olha para Ana. Ela faz que sim com a cabeça. Ele sai de cena. Todo diálogo a seguir é feito fora de cena.)

PAI

Tu não tem vergonha, não respeita a tua própria casa?

MÃE

Andou ouvindo o que aquela guria disse, é? Ela tá louca, louca! Tu viu o que ela fez no colégio.

PAI

Não respeitar o marido e os filhos, tu não presta!

MÃE

O que é que tu quer, velho! Tu acha que eu vou ficar o resto da minha vida - tu não te atreve, tu não te atreve a me tocar, eu boto a boca no mundo, faço o maior escândalo.

PAI

Tu é mesmo escandalosa, vagabunda! Trazer teus amantes prá dentro de casa, tu não tem vergonha dos vizinhos?

MÃE

Fois vai brigar com ele. Belo amigo, né? Belo amigo o teu.

PAI

Garanto que foi tu que te ofereceu prá ele, puta sem vergonha!

MÃE

Pelo menos eu sou feliz. Eu tô com um homem que me faz feliz.

PAI

Imunda!



MÃE Tu não vem prá cima de mim, não vem!

PAI Nojenta, eu te mato! Te mato!

MÃE Socorro! Socorro! Sai de cima de mim, sai!

ANA Pai! Pai! Por favor, pai, por favor, por favor... (Pausa)

PAI Sai dessa casa!

MÃE Não saio!

PAI Maldita!

MÃE Essa casa também é minha! Daqui não saio! (Mãe entrando, vem em direção a Ana Maria) Muito bonito, não é? Olha aqui, guriazinha... Se não fosse por esse velho, eu te mandava agora mesmo pra'quela maloca onde tu morava junto com a tua avó, prá comer lixo, feito cachorro. Porque eu te trago prá minha casa e te dou meu nome, te trato feito filha, te dou comida, e tu fazes uma dessas comigo? Muito bonito, muito bonito! Bem parecida com a tua mãe que tu é./ Ordinária! Agora eu vou te avisar: dessa eu não vou me esquecer. Tu vais levar o troco. Ah, se vai! Eu tô te avisando. E não vai ser pouca coisa. Não vai mesmo. Te prepara, entendeu? Te prepara. Porque tu acabaste de destruir minha família. Mas tu não vai sair livre dessa. Viu? Sem vergonha! Tu te prepara! Eu te avisei, eu tinha te avisado: fica de boca fechada, né? É, mas outra tu não me apronta. (Mãe sai de cena. Ana fica só. Luz morre muito lentamente em resistência.)

(Luz sobre pátio da escola. Ana vagando desconsolada e triste. Passam alguns jovens, entre eles, Carlos. Ana tenta aproximar-se.)

ANA Carlos! (O rapaz a ignora) Carlos, tu ainda tá muito ... (O rapaz e os outros jovens olham-na e continuam conversando) Carlos, turma, eu precisava falar com alguém. Queria falar com vocês.

CARLOS Que que é, hein?

ANA Quero falar contigo.

CARLOS (Aproximando-se) Tá, pode falar.

ANA É, sabe, tava boa a festa?

CARLOS Foi bacana, sim. E aí?

ANA Não, é que... eu tive pensando, não foi legal o que eu fiz. Tu... a gente é amigo e... não foi legal o que eu fiz contigo!

CARLOS Seguinte, é, vê se me esquece, tá bom?

ANA Olha, eu preciso... Olha, eu queria pedir desculpas prá ti.
(silêncio) Te pisei muito?

CARLOS Nada, quase nada. Tô legal, tá vendo?

ANA Amigos de novo? Sem grilo?

CARLOS É, sem grilo.

ANA Eu já vou voltar prá aulas.

CARLOS Jóia...

ANA É, vamos reunir a turma...

CARLOS (Para a turma) Olha aí, turma, ela veio me pedir desculpas.

ANA É sim, eu tava precisando de...

CARLOS Que que é, Aninha? Tá a fim de mim, é? (Para turma) Ela tá a fim de mim, ó! (Todos riem) Olha só o que ela disse: se tu não me perdoar, eu não sei o que eu faço. (risadas) Sai, guriazinha! (Dá um empurrão em Ana) Vê se te enxer-ga!

(Ana fica atônita olhando para todos. A turma se afasta rindo. Luz morre em resistência e abre no Pai e Ana no laboratório.)

PAI Almíscar...

ANA Esse foi o primeiro perfume que tu me ensinou a fazer.

PAI Faz tanto tempo...

ANA O Marcelo não gosta de fazer perfume, né?

PAI Nunca se interessou. Tu viu ele hoje?

ANA Não.

PAI Ele tá chegando sempre tarde em casa.

ANA E se eu botasse um pouquinho desse junto?

PAI Não bota muito, senão fica forte demais. Não esquece o fixador.

ANA Ah, é!



PAI Parece que só vivem duas pessoas nesta casa.

ANA Só nós dois.

PAI Tu também anda saindo muito. Tu ainda é muito nova prá an dar até tão tarde na rua, minha filha.

ANA (Cheirando o frasco) Olha, acho que ficou bem gostoso.

PAI É, fica sim. Eu gosto muito de ti. (Abraça-a)

ANA Eu também gosto muito do pai. Tu acha que vai ficar bom?
(Pai fica olhando Ana num momento de evasão)

PAI Experimenta em ti. Deve estar. (Ele aproxima-se e acaricia os cabelos dela demoradamente. Ela põe o perfume, depois no pai)

ANA Cheira em mim se tá bom. (Ele aspira o perfume no pescoço de Ana, enlaça-a pela cintura e começa a beijá-la no pescoço. Acaricia-lhe os seios. Ana a princípio hesita. Se dá conta e tenta fugir dos braços do pai) Pai! O que é is so, pai! Pai, me solta! (Ele segura firme o seu braço) / Ai, meu braço! Ai!

PAI O que houve? O que há com o teu braço? Deixa ver!

ANA Tu quebrou meu braço. Tu quebrou meu braço!

PAI Eu não fiz por querer! Me desculpa, deixa eu ver! Me desculpa! Tu não conta prá ninguém, viu? Não conta. Eu não sei o que eu tava fazendo. Eu não sei.

MÃE (Entrando) O que aconteceu?

ANA Quebrei o braço.

PAI Ela tava me ajudando no laboratório e caiu em cima de um ferro.

MÃE Estão esperando o quê? Vamos logo pro Pronto-Socorro.
(Tempo. Voltam do Pronto-Socorro. Ana com o braço enfaiado)

MÃE Tá doendo muito?

ANA ...

PAI (A distância observa mãe e filha) Eu vou trabalhar um pou co.

MÃE Não vai lá trabalhar com o teu pai?

ANA Não.



MÃE Por quê?

ANA Não quero.

MÃE Vai prá lá com ele. Vai. Vai!

ANA Eu tenho medo, eu tenho medo! (chora)

MÃE ... (Vai em direção ao laboratório do pai)

PAI Que tu quer aqui?

MÃE Isso é coisa que se faça?

PAI Que coisa?

MÃE Eu sei, ela caiu em cima do ferro. Pensa que eu engulo es
sa?

PAI O que é que tu tá pensando?

MÃE Não tô pensando, tenho certeza. Mesmo adotada, ela é tua
filha! Tu tá ficando louco?

PAI Não quero ouvir mais nada. Sai, sai! (silêncio. Mãe sai)
Eu te pedi. Eu te supliquei. Foi um momento de fraqueza,
de loucura minha. Eu te pedi perdão. Eu disse que não fa-
zia mais. Tu não me atendeu. Tu não me perdoa. (chorá) /
Me perdoa! Me perdoa. (Sai de cena. Ana chora silenciosa-
mente. Luz vai baixando em resistência.)

CENA MUDA - DOG'S BAR

(Pai trabalhando nos seus perfumes. Mãe caminha de um la-
do para outro, visivelmente nervosa. Pai vai até a porta)

MÃE Quando ela chegar a gente vê. Todo mundo já anda falando.

PAI Claro, vive dia e noite na rua. Como é que não vão falar!

MÃE Tu devia falar com ela.

PAI Tu é que devia falar com ela.

MÃE Eu falei. Ela não ouve mais ninguém. Nem o Marcelo ela res-
peita mais. Tu tem que ser mais firme.

PAI Tu vive dizendo isso! Por que tu não fala com firmeza com
ela? (Silêncio. Mãe caminha de um lado pro outro.)

MÃE E se nós dois conversássemos com ela? Eu e tu?

PAI E tu acha que resolve?

MÃE Pelo menos a gente tenta. Imagina se acontece alguma coi-
sa com ela na rua? Com que cara a gente fica? Vão dizer /
que eu não cuidei direito. (Pai vai até a porta) Pelo



amor de Deus, sai daí. Quer que todo mundo veja que nós
tamos esperando por ela?!

PAI Eu estou preocupado com ela!

MÃE Isso não é normal. Uma menina com 14 anos, o que é que e-
la tá procurando na rua?

PAI E é tu que me faz essa pergunta?

MÃE Se fosse uma pessoa que não tivesse família, que não ti-
vesse ninguém por ela. A gente deu casa, comida, roupa, tu
do! Eu sempre fiz tudo por essa guria. Meu Deus, quantas
vezes eu me sacrifiquei, passei as noites em claro, cuidan-
do dela, me diz...

PAI Tu tá me deixando mais nervoso que já estou!

MÃE Eu não aguento, não aguento! Eu fico imaginando mil coisas
onde ela tá, o que ela tá fazendo? Com quem? Eu vou ficar
louca!

PAI Então vai fazer alguma coisa. Não fica aqui, sai do meu /
lado!

MÃE Eu estou preocupada, nervosa...

PAI Então sai prá rua também, vai procurar! Prá saber!

MÃE Eu fui mãe a vida inteira.

PAI Coisa nenhuma!

MÃE A culpa é tua!

PAI A culpa é minha? Por acaso eu também não fui pai a vida /
inteira?

MÃE Não sei.

PAI Como não sabe? Em nenhum outro lugar ela ia ter o que ela
tem aqui dentro. Eu não entendo onde foi que eu errei, aon-
de eu falhei. Por que ela não é uma menina normal? A gen-
te faz tudo, pensa que está fazendo o melhor...

MÃE Vai ver que não é assim.

PAI Não deve ser assim, senão ela estaria aqui com a gente...

MÃE Então, o que que é?

PAI Não sei.

MÃE O que é que a gente faz?

PAI Vamos esperar.



- (Entra Ana Maria, visivelmente bêbada.)
- MÃE Ah, chegou é, vem cá.
- PAI Onde é que tu anda até essa hora?
- MÃE Onde é que tu estava, Ana Maria? Tu pensa que a gente é de ferro? A noite inteira pensando no que pode te acontecer por aí. Que falta de consideração.
- PAI O que é que tu tá pensando da vida, hein guria? Me explica!
- ANA Tava na casa de uma amiga minha.
- MÃE Tu acha que eu vou acreditar nessa história?
- PAI Tem que chegar mais cedo em casa.
- ANA Tava na casa da Regina.
- MÃE (Para o Pai) Quem é Regina?
- PAI Não sei de Regina nenhuma!
- ANA Uma amiga minha.
- MÃE Tu não pensa nos teus pais que trabalham o dia inteiro e ficam até esta hora te esperando? Não sei com quem estás, onde estás, se estás bem. E se te prenderem? Se te fizerem alguma coisa?
- PAI A gente fica preocupado, uma criança não pode andar na rua de noite! O perigo que tu corre na rua. A gente tá vendo todo dia nos jornais, televisão, as coisas que acontecem! Tu pode ser assaltada, violentada, nunca pensou nisso?
- ANA Eu posso ser atropelada quando for pro colégio.
- MÃE Pelo menos a gente sabe que tu foste pro colégio. Se tu demorar eu vou lá te procurar. Assim eu não sei, não sei/nem por onde começar. Me explica! Olha prá mim, Ana Maria, o que é que tu queres da vida?
- PAI Onde é que tu queres chegar, onde é que tu queres chegar com tudo isso?
- ANA Não quero chegar a lugar nenhum. Eu quero que vocês me deixem livre, me deixem em paz...!
- MÃE Tá bom, tu vais ver a paz que tu vais ter!
- PAI Amanhã nós vamos conversar!
- (Ana sai de cena. Luz sobre consultório da Psicóloga)



PSICÓLOGA Querem fazer o favor de sentar.

PAI É que a ... gente veio aqui... porque...

MÃE Sabe o que é, doutora, a nossa filha, ela tá...

PSICÓLOGA É filha...

MÃE Quer dizer, ela não é filha.

PSICÓLOGA Não é filha.

MÃE É filha adotiva, mas é como se fosse!

PAI É de papel passado!

PSICÓLOGA Como se fosse!

MÃE Não. Sabe o que é, doutora, é o seguinte, essa menina está com problema. Tem um comportamento muito estranho pra idade dela.

PSICÓLOGA Qual é a idade da menina?

PAI e MÃE 14 anos.

PSICÓLOGA Ah, isso é muito natural! É a adolescência!

PAI Mas ela está bebendo!

PSICÓLOGA Bebendo?

MÃE Se a senhora soubesse o que ela faz.

PSICÓLOGA Na adolescência eles descobrem o sexo, a bebida, o fumo, tudo!

PAI Mas ela passa a noite na rua!

MÃE Ela está muito agressiva, a gente não sabe o que fazer, agora ela sai todas as noites e volta bêbada de madrugada.

PSICÓLOGA É uma questão típica de crise de identidade da adolescência.

PAI Mas a senhora tem que ver que a gente não compreende essas coisas. As crianças do nosso tempo não eram assim.

MÃE Isso não pode ser normal, com 14 anos!

PSICÓLOGA Sempre foram assim. Não se preocupem, isso passa logo.

MÃE Como é que eu não vou me preocupar, doutora? A minha filha chega bêbada, todos os dias, e eu não vou me preocupar?

PSICÓLOGA Todos os dias?

MÃE Se a senhora fosse mãe...

PSICÓLOGA Há quanto tempo isso vem acontecendo?



PAI Faz uns oito meses...

PSICÓLOGA Oito meses...

MÃE A senhora entende? Eu já não sei mais o que fazer. Já pedi, já implorei, já ameacei, já fiz de tudo... E não adianta nada!

PSICÓLOGA Ameaçou. Isso nunca funciona.

PAI Mas o que é que se vai fazer...

MÃE Eu quero que a senhora me diga então o que fazer.

PAI A gente não sabe fazer outra coisa! Tem que partir pro laço!

PSICÓLOGA Mas, não é assim que se educa uma criança!

PAI O meu pai me ensinou assim, e eu vou fazer o mesmo com os meus filhos.

PSICÓLOGA É espancada.

MÃE Não senhora!

PAI Não, não é espancamento, é aquelas chineladas que a gente dá.

PSICÓLOGA Vocês adotaram esta menina de uma pessoa ou de uma instituição?

MÃE Da minha irmã.

PAI Da irmã dela, que era prostituta.

PSICÓLOGA O pai como era?

MÃE Um coitado, morreu.

PAI Foi assassinado.

PSICÓLOGA ... assassinado. Como o problema *é* assim tão sério, a menina já vem bebendo há oito meses, não adiantaria nada nós a colocarmos no Grupo de Jovens que nós temos, que se encontra aos sábados. Um grupinho muito bom, muito saudável! Todos adolescentes, também!

PAI Eu acho que seria bom.

PSICÓLOGA Mas agora não adianta mais.

PAI Por que não adianta mais?

PSICÓLOGA Porque o problema dela é grave!

MÃE Eu tô lhe dizendo que é grave.

PSICÓLOGA Uma criança que teve mãe prostituta, é alcoolatra... não



pode, não pode.

PAI Nós não aguentamos mais a menina em casa.

MÃE Eu não aguento mais!

PSICÓLOGA Uma semana na Instituição vai fazer muito bem prá ela. E ela sai curada.

PAI Viu, eu não te disse?

MÃE A senhora acha?

PSICÓLOGA Claro! Eu já vi muitos casos como esse. Olha, eu garanto. Eu vou dar aqui uma fichinha... vocês falem com a d. Vitória, no 4º andar, daqui a uma semana.

PAI Mas não dá mais prá aguentar!

PSICÓLOGA Nós temos muitos casos.

MÃE Mas pode acontecer uma desgraça!

PSICÓLOGA Não se preocupem. Nada de grave vai acontecer.

PAI E nessa semana, o que é que a gente faz com ela?

PSICÓLOGA O que vinham fazendo antes.

PAI A gente não pode...

PSICÓLOGA Isso é com os pais. Vocês encontrarão a d. Vitória, e ela vai encaminhar a menina para a Instituição. Uma semaninha e ela estará boa.

MÃE A senhora acha que tem que ser assim, mesmo?

PSICÓLOGA Claro, eu já vi muito disso antes!

MÃE E isso vai resolver o problema?

PSICÓLOGA Vai. Vai solucionar o problema da menina, da senhora, e do senhor. A senhora não se preocupe, ela vai voltar ótima! / Tem pessoas especializadas prá tratar do caso dela, ela / vai conviver com meninas da idade dela, que têm os mesmos problemas, as mesmas motivações, elas vão trocar experiências, vivências, informações. Podem confiar em mim. Pas- / sem bem.

MÃE A senhora garante, então?

PSICÓLOGA Eu tenho experiência nesses casos. Boa tarde.

PAI Muito obrigado, então.

PSICÓLOGA Boa tarde.

(Luz sobre Pai e Mãe em casa. Ana Maria entra bêbada.)



- MÃE Isso são horas, Ana Maria! Onde é que tu andava? Responde, menina, onde é que tu anda até essa hora na rua? Meu Deus, que coisa mais triste.
- ANA Eu tava... eu tava na casa de uma amiga.
- MÃE E não podia ter avisado que tu ia na tua amiga. Deixa a gente louca de preocupação. Não consegui dormir ainda. E tu... Andou bebendo. Olha aí, Bernardo, tá que é pura bebida.
- ANA Eu vou dormir.
- PAI Espera um pouco. Quantos anos a senhora tem, hein, d. Ana Maria? Eu lhe fiz uma pergunta. Responde. 14, 15...
- MÃE E acha que tu cuida da tua vida?
- PAI Tu só vai te governar depois dos 18. E até lá a senhora / não vai mais sair sem autorização, está entendendo?
- MÃE Tu acha que a gente não tem mais nada o que fazer do que ficar te esperando?
- ANA Eu vou dormir.
- MÃE Claro! Agora tu vai dormir! Os bobos ficaram até agora / aqui sem saber por onde tu anda. Vai, vai dormir.
- PAI Vai tomar um banho, guria.
- (2º flash da chegada de Ana Maria em casa. A mãe espera)
- MÃE De novo bêbada e a essa hora. Francamente. Olha, guriazinha, se tu pensa que eu vou ficar aguentando as tuas bebedeiras, tu está muito enganada, ouviu? Era só o que faltava. Olha, guria, tu te ajeita. Não me faz perder a paciência contigo. Olha, eu tô te avisando! Eu tô te avisando, / depois tu não te queixa.
- ANA Não precisa aguentar, vai dormir.
- MÃE Não posso dormir, não. Não sei se te prenderam, se tu morreu pelo meio do caminho.
- ANA Olha, guria, eu tô cansando de ti. Isto vai ter que acabar. Ah, vai. Eu não posso continuar assim. Meu Deus, o que é que eu fiz prá merecer tudo isso?
- (3º flash da chegada de Ana Maria em casa. Ninguém a espera)



ANA Olá... Ué, não tem gente nenhuma me esperando? Olá... "Isto é hora de chegar, menina?" "Eu não aguento mais, eu não a guento mais"... Eu é que não tô aguentando. Iiih, tá tudo girando... "Ô, guriuzinha, tu te comporta. Te comporta Ana Maria. Seja boazinha. Tu é tão novinha, Ana Maria." / Sabe o que tu tem que fazer, Ana Maria? Olha, Aninha, vai a merda, viu? Vai a merda, Ana Maria. Vai... Vó... Ô, vô! (Luz em resistência fecha sobre Ana e abre dando passa-gem de tempo.)

MÃE Falou com eles?

PAI Falei.

MÃE E...

PAI Eles vem buscar a menina.

MÃE O que mais tu falou com eles?

PAI Que eles viessem, que ela tá dormindo.

MÃE Tu acha que tá certo? Tu acha que é isso mesmo que a gente tinha que fazer?

PAI A mulher disse que era bom prá guria. Que ia resolver o / problema dela!

MÃE Nós tentamos tudo, não é?

PAI É, sim. A gente tentou de tudo.

MÃE Eu fico pensando, será que eles vão tratar ela direito, / lá?

PAI A mulher disse que sim

MÃE Bom, ela deve saber mais do que nós.

PAI Eles sabem. Lá eles sabem. Ela vai ficar boazinha de novo. (Batem a porta)

MULHER Seu Bernardo? Da Instituição.

PAI Pode entrar. (Entram mulher e policial)

POLICIAL E a menina?

PAI Tá no quarto.

MULHER A senhora é mãe da menina?

MÃE Bom dia. Me diz uma coisa, vocês vão cuidar bem dela, lá?

MULHER Mas é claro!

MÃE Ninguém vai fazer nada de ruim prá ela?

MULHER Certamente que não! Não se trata de um presídio. É uma Instituição para cuidar de menores desajustados.

MÃE Qualquer coisa a senhora me avisa...

MULHER Ela será muito bem tratada. Dentro de alguns dias estará/ de volta.

POLICIAL Ela está dormindo?

MÃE Eu vou acordá-la. Ana, Ana...

PAI Tem uma moça que quer falar contigo, viu? Não passou a bedeira ainda.

MÃE Viu como ela está?

PAI Levanta, minha filha.

ANA Que foi?

PAI Eles vieram te buscar.

ANA Prá onde eles vão me levar?

PAI Um lugar que tem uma porção de meninas que nem tu, assim. Um^s amiguinhas prá ti. Da tua idade.

MÃE Vai ser bom prá ti, Ana.

ANA Mas eu não vou.

PAI Vai, minha filha. Tu vai gostar de lá.

ANA Eu não quero ir. Eu não quero ir, pai.

MÃE Eu te avisei, Ana.

PAI Calma. Vai ser pro teu bem!

MULHER As roupas dela...

ANA Eu não vou!

PAI Vai, minha filha, vai.

ANA Eu não vou.

MÃE Qualquer coisa a senhora me avisa, tá?

MULHER Eu lhe chamo. Passe bem. (Todos saem. Ficam pai e mãe)

ANA Não deixa eu ir, pai! Mãe! Eu não quero ir!...

PAI Tá feito. Agora é com eles. Não me olha assim! Tu também/ quis!

MÃE Não tô dizendo nada!

PAI Então não fica me olhando. Vai trabalhar! Vai pro quarto, prá cozinha, qualquer canto aí!



MÃE

(Saindo) Vai ser bom prá ela.

PAI

Vai ser, sim. Tem que ser!

(Luz baixa em resistência)

FIM DO I ATO



(Pequeno quarto vazio com apenas uma janelinha ao alto. Duas meninas ali estão: Dalva que caminha de um lado para o outro e Louquinha, que de cócoras sorri perdida em seus pensamentos e fantasias. Dalva para de repente ouvindo um barulho que vem de fora.)

DALVA Tá chegando alguém!

LOUQUINHA Eu vou olhar, eu vou olhar, eu vou olhar! Me ajuda, me ajuda aqui, Dalva. Eu olho.

DALVA Mas me diz tudo que tu tá vendo. Me diz mesmo!

LOUQUINHA Eu digo, eu digo, eu digo. Me ajuda! (Dalva "dá pé" e levanta Louquinha até a janela) Eu tô vendo, eu tô vendo!

DALVA O que é que tu tá vendo?

LOUQUINHA Da tô vendo ali, ó!

DALVA O quê?

LOUQUINHA Um carro. Um carro!

DALVA Que mais?

LOUQUINHA As gurias, as gurias!

DALVA Aonde?

LOUQUINHA As gurias, ali, ó!

DALVA A Joana tá aí? O que é que tu tá vendo? (Silêncio) Fala, fala aí senão eu vou te largar. Fala! (Larga Louquinha)/ Me ajuda que eu vou espiar. (Sobee. Louquinha iragueja) / Fica firme, sua merda! (Lá em cima) Não tô vendo ninguém, porra!

LOUQUINHA O céu tá tão bonito!

DALVA Ninguém! Que merda! (Se sacudindo lá em cima) Mas o carro tá aí.

LOUQUINHA Ai, guria, assim eu não vou aguentar. Tô largando, tô largando!

DALVA Espera, sua merda, espera! (Escorregando até o chão) Puta que pariu, qual é a tua, hein? Porra! Será que tu não podia aguentar um pouco mais?



LOUQUINHA Ai, Dalva, eu tava tremendo todinha!

DALVA Porra, tu olhou todo mundo, eu não olhei nada! Tu viu a Joana?

LOUQUINHA Ó! As gurias vem vindo. Eu não sei quem é a Joana. As gurias.

DALVA As gurias. Ó, merda! Eu quero saber da Joana.

LOUQUINHA A gente podia fugir. A gente podia fugir, né Dalva?

DALVA Fugir? Olha... vai tomar no cú! Não dá nem prá sentar no chão.

LOUQUINHA (Apontando a janelinha) A gente podia fugir por ali.

DALVA (Irônica) Quer fugir por ali?

LOUQUINHA A gente arreventava.

DALVA Arreventava a tua cabeça. Ó, burra! (Puxando-lhe o cabelo.)

LOUQUINHA Ai, ai, meu cabelo, ai! Tu não precisava puxar meu cabelo.

GUARDA (Fora de cena) Vamos fazer silêncio aí dentro. Vamos parar com a bagunça.

(Abre-se a porta. Entra Ana Maria.)

DALVA (Para o Guarda) Olha aqui, eu quero um cigarro, viu?

GUARDA Cala a boca.

DALVA Eu quero um cigarro!

GUARDA Olha que não tem janta hoje.

LOUQUINHA Eu não tô gritando. Eu tô comportada. Eu tô com fome.

GUARDA Vamos fazer silêncio. (Fecha a porta)

DALVA (Para Ana Maria) A Joana não veio contigo? Não conhece a Joana?... A Joana, porra!

LOUQUINHA Como é teu nome?

ANA Ana.

LOUQUINHA Cheirosa.

DALVA For que é que tu veio prá cá, hein? Tu não tem pinta de / Instituição.

ANA Não fiz nada.

LOUQUINHA Eu vou ser tua amiga.

(Louquinha fica examinando-a. Ana tenta se proteger da sujeira da peça.)



DALVA Alguma coisa tu andou fazendo. E não faz cú doce, é bom tu ir te acostumando.

LOUQUINHA Eu vou limpar prá ti.

ANA Quanto tempo vocês vão ficar aqui?

DALVA (Para Louquinha) Não vai limpar nada.

LOUQUINHA Pára!

DALVA Quanto tempo nós vamos ficar aqui dentro? Não sei. Três dias, três semanas, três meses... depende das bolinhas.

ANA ?...

DALVA Se tu te comportar bonitinha: bolinhas azul. Se ficar meia boca: bolinha verde, o que não quer dizer nada. Mau comportamento: bolinha vermelha.

LOUQUINHA Eles grudam as bolinha no caderno. Eu tenho duas.

DALVA Essa tá aqui há dois meses e só ganha bolinha vermelha.

ANA (Para Louquinha) Por quê?

DALVA A gente só sai daqui prá comer e dormir. E essa aí fica se arretando pros guri lá no refeitório.

LOUQUINHA É, lá no refeitório tem os guri. Eu sou amiga deles. Os guardas não deixam eu falar com os guris... Mas a psicóloga vai deixar eu ir prá Unidade, né, Dalva?

DALVA (Fazendo um círculo com o indicador em volta da orelha) Vai, sim. Ela vai te chamar.

JOANA (Fora de cena) Pode ir soltando, pode deixar que eu conheço o caminho.

LOUQUINHA Vem mais guria. Vem mais guria! Nós vamos fazer uma festa!
(Entra Joana)

DALVA Sua vagabunda!

JOANA Vai prá puta que te pariu! Tá pensando o quê?

DALVA Qual é a tua, hein? Qual é a tua?

GUARDA Olha aí, vamos acabar com essa bagunça, eu tô avisando.
(Sai)

DALVA Filha da puta. Leva quase um mês prá chegar aqui.

JOANA Te esperando. Fui presa por quê? Te esperando.

DALVA Ah, me esperando! E como é que eu ia sair daqui?

JOANA Tava tudo combinado.



DALVA Furaram a ponte, porra. Eu ia fazer o quê?

JOANA Tu é uma cagona. Ninguém furou nada. A gente tá... Tu é que não pintou.

DALVA Ah, tava aí, tava aí!

JOANA Vai te fuder!

LOUQUINHA Quando a gente for prá Unidade, a gente vai fazer um plano prá fugir.

JOANA (Para Dalva, referindo-se à Louquinha) Que é isso aí?

DALVA Tu falou com o Paulo?

JOANA Falei. Falei no camburão. Pegaram ele também.

DALVA Puta merda!

JOANA Pegaram todo mundo.

DALVA Que porra!

LOUQUINHA (Para Ana Maria) Vamos, vamos fazer uma festa. Eu quero dançar.

JOANA Pegaram todo mundo. Só se salvaram o Pirata e o Luigi Peçonha. Puta que pariu. Merda, merda de vida. Vim acabar / nessa porra! (Ana observa Joana meio assustada. Dalva percebe.)

DALVA Ô Joana, não faz tanto estardalhaço. Tem carne fresca aqui, hoje.

JOANA (Observando Ana) Hum...

LOUQUINHA Ela é minha amiga! (Tenta cobrir Ana, protegendo-a)

JOANA Sai da frente, cagalhona. (Ana afasta Louquinha) Carne nova, hein?

DALVA Vê se não tem cara de cabaçuda.

JOANA É a própria. Cheirosinha. (Riem) Me diz uma coisa, de onde tu vem, negrinha?

ANA Não interessa.

DALVA Olha só, tem muito que aprender.

LOUQUINHA É minha amiga.

JOANA Ih, doidinha, sai. Vamos abrir espaço que eu quero dormir.

DALVA Ela quer dormir.

JOANA Que que há, faz três noites que eu não durmo. (Vai se ajeitando no chão)



LOUQUINHA (Para Ana) Tu tem vó?

ANA Tenho.

LOUQUINHA Eu não tenho mais... E mãe e pai tu tem?

ANA Não. Nem mãe nem pai. Eles morreram.

LOUQUINHA Eu nunca tive. Nem pai nem mãe, eu tive.

DALVA Mãe tu teve.

LOUQUINHA Não tive, não! Nunca tive.

DALVA Como é que tu nasceu, gurria?

JOANA Caiu do céu.

LOUQUINHA Eu nasci da cegonha. (Riem) Não ri, tá. Minha vó disse./
Outra vez ela disse que eu era filha do diabo. Agora eu não sei se foi da cegonha ou do diabo.

JOANA O diabo comeu a cegonha. (Risadas)

LOUQUINHA Só que eu não conheço nem o diabo nem a cegonha... A minha vó não volta mais. Eu tava só brincando com ela. (Ri
sinho) Ela queria morrer, aí eu peguei o travesseiro e apertei, apertei... ela dormiu, dormiu... Depois eu falei/
com ela... ela nunca mais falou comigo. A minha vó... (Pa
ra Ana) eu afoguei ela.

ANA (Tentando tirá-la da histeria que começa a manifestar-se)
Quando eu sair daqui eu vou morar com a minha vó.

JOANA Só que tu não vai sair daqui tão cedo. Que que há? Bota logo o pé na merda, pô!
(Riem com a fala de Joana)

LOUQUINHA Eu tenho duas bolinhas vermelhas. Todo mundo já foi falar com a psicóloga. Mas nunca me chamam.

DALVA Fica te fresquiando com os guris. (Para Ana) E tu abre o teu olho, cheirosa, senão tu leva pau também. E não é o que tu tá pensando! (Ri) Se tu tiver sorte a psicóloga te chama. Depois da entrevista, tu vai prá Unidade. É sorte mesmo que se precisa, porque bolinha eles dão prá quem eles querem. Puta, eu não vejo a hora de mandar daqui.

LOUQUINHA É sim, lá a gente pode fugir, né Dalva? Nós vamos fazer um plano prá fugir. Eu te levo, tá Ana? Ai, agora eu vou fazer coco.



JOANA Isso aqui já tá fedendo que chega, porra, e tá encosta de cagar?

DALVA Hoje não, baixinha. Tu já fez ontem, prá que fazer hoje de novo? Economiza. Podia fazer uma vez por mês, pelo menos.

LOUQUINHA Eu faço todos os dias. (Vem se arrumando para o chão)

DALVA Vai te limpar, guria porca.

LOUQUINHA Não tem papel, terminou. Eu vou me deitar.

JOANA Vira essa bunda prá lá, porra!

LOUQUINHA Se não tem papel a gente tem que ficar cagada. (Para Ana)

Quer deitar?

JOANA Não te encosta, sai prá lá! Que saco!

DALVA Se tu tomasse o banho frio que eles tem aí, não ficava fe dendo todo dia, desse jeito.

LOUQUINHA Ah, mas é frio. Eu fico com gripe. Lavo só de vez em quan do.

DALVA A gente tá sentindo.

JOANA Olha aqui, guria, eu hoje vou te botar embaixo do chivêi-ro nem que seja a tapa. Não quero saber de porcaria aqui/ dentro.

DALVA Que nojo!

JOANA Vou pegar ela hoje. . .

LOUQUINEA Tá frio! (Gritando) Tá frio, tá frio!

GUARDA Que tá acontecendo aí dentro? Que é que vocês tão fazendo?

LOUQUINEA Eu não quero tomar banho!

JOANA (Gritando mais alto) Nós tamo com fome!

GUARDA Cala a boca. Mais um pio e ninguém come hoje.

LOUQUINHA Eu não quero tomar banho.

DALVA Cala a boca.

LOUQUINEA Eu não quero tomar banho... Eu não quero tomar banho...
(Luz morre em resistência. As meninas estão deitadas. A-
na de pé no meio da cena.)
(Ana Maria entra em cena com um pacote em baixo do braço.
Já estão em cena uma menina triste de cabeça baixa e Ju-
lião, que grita ordens para as meninas.)

JULIÃO Vamos logo que não temos tempo a perder. (Para Maria que



está de cabeça baixa) E tu, não fica te fazendo de santa-nha, ouviu? Agora, já já tu vai ver o que é bom. (Para Ana) Como é teu nome, tetéia?

ANA . . . Ana Maria.

JULIÃO Chegou faz duas semanas, acho! Fica aqui deste lado. (Vendo o pacote que carrega) Que é isso aí?

ANA As minhas coisas.

JULIÃO Que coisas? Deixa eu ver. (Olhando para dentro do saco)/ Só isso?

ANA Só.

JULIÃO (Examinando-a melhor) Hum-hum. Pretendes passar uma curta temporada aqui?

ANA ...

JULIÃO Eu fiz uma pergunta, responde!

ANA Eu não sei.

JULIÃO Não entra na delas, senão tu te rala. Tu abre teu olho, viu? Abre teu olho e nada de macaquice. (Afastando seu / foco de interesse) Ei, Beatriz, vem ou não vem? Anda logo!

MARIA Não pode correr, tá pisada.

JULIÃO E quem foi que te perguntou? Anda logo, cadelinha.

BEATRIZ (Lenta, e com dificuldade vem entrando. Está mancando de uma perna) Tô indo.

JULIÃO Tá atrasada, sabia? Anda pela rua dando o rabo, toda noite, depois é isso!

BEATRIZ Tu pensa que eu sou dessas puta que ficam se esfregando em ti, na frente de todo mundo, é?

JULIÃO Olha aqui, ó... (Dá um tapa) mais respeito! Vai pro teu lugar, aí. (Beatriz se dirige para o fundo) Não, é aqui. (Beatriz volta) Prá lá, lá é melhor. (Beatriz em silêncio e com dificuldade vai se deslocando) (Entra Américo) Boa-noite, doutor.

AMÉRICO Boa-noite. Quais os casos para hoje? (Julião aponta Ana com a cabeça) ... Tem gente nova aqui? (Beatriz olha-o / com certo desprezo) O que é que tu tá me olhando assim? / (Ana surpreende-se e o fita indagadoramente) Baixa esses

olhos. Quando eu falo contigo, baixa os olhos. (Para Bea-
triz) Que que há? Não tô cagado. Tô cagado, por acaso?...
Respondam, suas porcas!

BEATRIZ

Não.

AMÉRICO

(Para Ana) Como é teu nome?

ANA

Ana Maria.

AMÉRICO

Ana Maria... Tu que tá chegando, ouve bem, as outras já /
sabem, já me conhecem, eu não sou de brincadeira. Comigo
ningém brinca, tá ouvindo?... (Para Maria) E tu, ô...

JULIÃO

A enxada, doutor.

AMÉRICO

Andaram roubando uma enxada, durante o dia. Quem foi que
roubou a enxada? (Olha para Maria)

JULIÃO

Eu tenho minhas desconfianças, doutor.

AMÉRICO

(Suavemente) Tu, carinha de santa, diz lá, onde é que tu
enfiaste a enxada? (Gritando) Desembucha!

MARIA

Lá no refeitório.

AMÉRICO

Roubou a enxada prá se livrar do serviço, não é? Foi? (E
la responde afirmativamente com a cabeça) Vai capinar toda
noite, e te prepara, amanhã, paredão prá ti! (Para Bea-
triz) E essas perna aberta aí, ô? Que que há, tá inchada?
Que foi que aconteceu?

JULIÃO

Tentou fugir pulando o muro...

AMÉRICO

Bem feito. Prá não ser vagabunda. E não fica com essa ca-
ra de dor. (Para Julião) Bota o nome dela pro castigo. /
Tava na minha mira há horas. (Olhando para Ana) Eu vou
avisar mais uma vez, não brinquem comigo!!! (Dirigindo-/
se para Ana Maria) Vamos andar na linha e cumprir o regu-
lamento, senão vai todo mundo entrar no pau. Abre teu o-
lho. Pode subir, vai pro dormitório. E vocês pro pátio. /
Ligeiro, mais ligeiro. E não quero conversa no corredor. /
(As meninas saem) Indisciplinadas, ainda têm muito que
aprender.

JULIÃO

O senhor sabe que a gente se esforça, né doutor?

AMÉRICO

É, eu sei.

(Sirene que invade toda cena. Meninas levantam e passam/



MERENDINHA para o banheiro. Ana acordá sobressaltada.
 Vamos lá, boneca. Aqui não é hotel. Te manca, ~~sem~~ fica
 sem café. (Ana acordá e senta na cama) Tá chegando, é?
 É.
 ANA
 MERENDINHA Ih! Tu vai adorar. Isso aqui é a glória!
 DALVA (Entrando) Que merda! Vão ser porca assim no inferno.
 MERENDINHA Que que é?
 DALVA Puta, que fedor esse banheiro. Se é que se pode chamar es
 sa merda de banheiro. É cheiro de mijo, vazamento, modess
 boiando pelo chão.
 MERENDINHA Claro! E o garotão aí, não menstrua?
 DALVA Não dá nem prá escovar os dente, pô!
 JULIÃO (Fora de cena) Vamos lá, chega de vagabundagem. Vamos cor
 rer, senão acaba o café.
 (Ana se dirige para o banheiro)
 MERENDINHA Uh-uh! Tô indo! (Julião disfarça)
 CARLA (Entrando com as calças arregaçadas e tapando o nariz) /
 Não dá, não é mais possível continuar nessa sujeira. Que
 que há, Merendinha, já começou a te fresquear, são sete
 da matina.
 MERENDINHA Prá essas coisas não tem hora, minha filha.
 DALVA É ferro e ferro na boneca, né?
 MERENDINHA Sai, que tu não gosta dessas coisa.
 (Ana volta do banheiro com a toalha e a escova de dentes
 sem serem usadas)
 DALVA Tava bom o banho quente, bem? Anda logo senão vai ficar /
 sem café.
 (Dirigem-se para a fila do café)
 CARLA Me empresta a tua toalha.
 DALVA Minha toalha não. Vai soltando.
 CARLA Tá, soca no rabo.
 MERENDINHA Vocês vão brigar muito por esse pano de chão, é?
 DALVA Cala a boca, ô putinha. Tu nem lavou a cara, tá cheia de
 remela, sua porca.
 MERENDINHA E tu queria o quê? Que eu fosse lá, me atolar na merda?



ANA A gente vai direto pro café?

CARLA Vê se te esforça prá engolir aquilo.

DALVA É pão duro e café queimado em caneca furada. Ai, um leitinho quente com bolo Saúde!

MERENDINHA Quer leitinho quente? Toma, mama aqui. (Oferece os peitos)

JULIÃO Olha a fila, vamos fazer fila direito aí.

MERENDINHA (Para Ana) Esse aí é o Julião, não é uma gracinha?

CARLA Ele adora as menininhas novas.

MERENDINHA Não te engraça com ele, viu? Ele tem dona, já.

DALVA AINDA MAIS QUE... tu é cabaço, hein?

MERENDINHA Tem cara.

DALVA Cabacinho. Ah, deixa eu ver, mostra.

ANA Vê se não enche, tá?

CARLA Ih, mal chegou e tu já tá dando em cima.

JULIÃO Quero ver todo mundo rezando alto, agradecendo a refeição que vão comer.

TODAS Abençoi, Senhor, essa refeição que vamos tomar. "

DALVA Tomar mesmo. Tu engole e aquilo sai arranhando tudo lá dentro.

MERENDINHA (Olhando para Julião) Ui, não fala em arranhar que eu me acabo toda.

JULIÃO Depois do cfé tem dez minutos de pátio antes da aula.

DALVA É prá arrotar?

ANA Aula de que?

CARLA Arte culinária, trabalhos manuais, técnicas comerciais, / todas as coisas que "vocês vão utilizar no futuro"...

MERENDINHA Higiene...

DALVA Educação sexual, essa eu vou te dar depois, quer?

ANA ...

CARLA Te segura nas pata de trás, Dalva. Deixa prá comer ela amanhã.

JULIÃO Vão parar com o retoço, senão vão ficar sem café. Depois/ não fica reclamando. Tô avisando.

DALVA Não tô reclamando, só tô conversando. Qual é?

ANA Os guri também vem tomar café aqui?



MERENDINHA Guri? Ah! Ela quer homem. Carla, diz prá ela que aqui não tem disso.

DALVA Aqui tu tem que te contentar com as Dalva da vida, mesmo. (Encosta-se em Ana)

ANA Pára, pára com isso!

DALVA (Cantando) Café de mijo. New bread, pão de merda, caneca furada, leite queimado. Dor de barriga, patente cagada.

JULIÃO (Disfarçando) Pode passar, pode passar. Parou aqui. (Me rendinha entra)

CARLA Prá que fazer toda essa onda, até parece que tomar esse café de merda é uma maravilha. (Américo ouve atentamente.)

AMÉRICO Qual maravilha de café que tu tá falando aí? Tu, aí, fedorenta, tô falando contigo! Dá graças a Deus que tu come./ Já agradeceu por tudo que tu recebe aqui?

CARLA Já...

AMÉRICO Sai da fila. Vai agradecer de novo. Agradecer o que tu come aqui, todo dia. O que tu não tinha na tua casa, viu? / Lá tu passava fome. Foi por isso que teus pais te largaram aqui. Mal agradecida! Começa a rezar... O que é que tu tá esperando? Não sabe rezar o Pai-Nosso?

CARLA Sei...

AMÉRICO Então vamo lá.

CARLA Pai Nosso que estais no céu (...) Mas livrai-nos do mal...

AMÉRICO (Dando-lhe um bofetão) AMÉM!!

JULIÃO Vamos entrando, vamos tomar café agora. Depois tem dez minutos prá começar a aula. Ninguém vai lembrar o que aconteceu aqui. Ninguém viu nada. Não aconteceu nada. Vamo entrar, vamo entrar. (Meninas conversam no pátio depois do café)

CARLA For que vocês não me avisaram que ele tava vindo?

JOANA Tu acha que a gente viu?

CARLA Vocês gostam de ver os outros se fuder mesmo, né? Fica todo mundo olhando.

JOANA Tu não é a primeira, e não vai ser a última. Quantas ve-

zes tu já me viu levando pau aqui dentro?
 (Chegando) Ui, que loucura!!! Pau de quem?
 MERENDINHA
 CARLA Podiam ter me avisado. Saçana que vocês são.
 (Ana se aproximando do grupo)
 JOANA Ah, vai te fuder!
 ANA Eles batem assim, em vocês, a toda hora?
 CARLA Batem. E abre teu olho, viu? Aqui é cada um por si.
 JOANA Tu também já deve estar na fila. Não demora vai entrar na dança.
 CARLA E ninguém te avisa. Te cuida viu, aqui tem sempre alguém nas tuas costas, te espiando, querendo te enrabar.
 (Bate sineta para o início da aula)
 (Meninas sentadas na sala de aula)
 PROFESSOR Como vocês sabem, não basta tomar banho todos os dias com sabonete e se esfregar bem. Isso não é suficiente. Vocês têm que usar desodorante. Sabem por quê? Vocês trabalham o dia todo e estudam, e quando chega a noite, o que acontece?
 JOANA Tamo podre.
 PROFESSOR Começam a transpirar e a cheirar mal. E nada melhor para protegê-las que o desodorante.
 MENINA A Merendinha tem um estoque no armário dela.
 PROFESSOR Outra coisa importante: nós estamos com um surto de piolho aqui na Instituição, e eu não quero...
 DALVA Ai, socorro, socorro, piolho, piolho, socorro!!!
 PROFESSOR E eu não quero que digam que as minhas alunas não estão / preparadas para enfrentar esse problema.
 DALVA Como, por favor, diga como.
 CARLA Escuta aqui, Merendinha, foi tu que me roubou o meu poster do Francisco Cuoco, não é? Sua putinha!
 MERENDINHA Eu não roubei merda nenhuma. Eu tenho um muito mais bonito dele com a Regina Duarte.
 PROFESSOR Portanto, lavando as cabecinhas três vezes por semana, eu sei que vocês já fazem isso...
 DALVA Isso o quê, professor?



PROFESSOR

Lavar a cabeça três vezes por semana. Assim nós estamos evitando maiores inconvenientes. Vocês têm tomado banho todos os dias?

CARLA

Eu tô a fim de ir no banheiro. Dá licença?

PROFESSOR

Só um pouco, nós já vamos terminar.

DALVA

Ai, acaba, negrinho.

PROFESSOR

Um outro ponto importante que eu não toquei quando se falou em desodorante, é que vocês estão ficando mocinhas, e fica muito chato vocês levantarem o braço e... aparecer a quele monte de cabelo. Vocês têm que aprender a depilar / as axilas. Entenderam? E já aproveitem e depilem as pernas. Duas vezes por mês já é o suficiente.

DALVA

Professor...

PROFESSOR

Sim!

DALVA

O senhor não falou nas doenças.

PROFESSOR

Não, ainda não.

DALVA

Pois eu acho que tem, aqui dentro, alguém que tá com doença...

PROFESSOR

Mas quem está com doença? Que tipo de doença?

DALVA

Não sei. Comentam que é venérea.

PROFESSOR

É... Olha aqui ó, quem sabe, a gente conversando com a direção, criasse uma campanha de prevenção contra as doenças venéreas e... Que é que vocês acham?... Eu não sei... Ah! eu tô vendo que vocês estão muito interessadas. E já que estão interessadas, nós vamos avançar no próximo ponto. / Sobre os dentes. Vocês já se deram conta que as pessoas / não sabem escovar os dentes? É... é isso mesmo. As pessoas pegam a escova de qualquer jeito e esfregam maltra-
tando a gengiva. Não, não é possível. Primeira coisa: nós temos que ser econômicos, a gente pega a escova e põe um pouco de pasta...

CARLA

Não é a gente que bota a pasta.

PROFESSOR

Prá não desperdiçar. Vocês estão sendo educadas para a vida lá fora, e lá fora o custo de vida tá muito caro. En-
tão começamos desde já. Olhem o modo certo de escovar os



dentes: é no sentido vertical, pega-se a escova, assim, e xeca, xeca, xeca (risadas) xeca, xeca, é só... (faz bochecho) enxaguar e pronto.

CARLA: Só que nunca tem água no banheiro.

PROFESSOR: Ou melhor, quase pronto. E quando não tiver água no banheiro, a senhorita sabe o que faz?

DALVA: Usa palito hidráulico.

PROFESSOR: Naaaaão. Isso faz mal, infecciona a gengiva. Vocês têm que usar fio dental.

CARLA: (Fingindo ignorância) O que é isso?

DALVA: Mas o senhor não falou na doença.

PROFESSOR: Mas eu não sei se não é melhor deixar este assunto para a próxima aula...

DALVA: É que eu ouvi falar... parece que a Carla tá com doença...

CARLA: Mas é uma filha da puta, mesmo.

PROFESSOR: Um instante, por favor...

DALVA: Foi o que eu ouvi. Ela tá doente.

PROFESSOR: Que tipo de doença?

DALVA: Gonorréia.

CARLA: Eu te arrebento a cara, machorra filha da puta.

PROFESSOR: Silêncio! Isso é uma coisa gravíssima, a doença é contagiosa.

CARLA: Eu não tenho doença nenhuma!

DALVA: Ela ontem falou prá mim que tava minada das coisa, pode / passar prá todo mundo.

CARLA: Eu te pego...

PROFESSOR: Olha, para dirimir as dúvidas, já que nós estamos falando de saúde e higiene, acho que será melhor que todas passem pela inspeção do médico.

TODAS: Fara o Gabinete Médico! Vamos lá. Cuidado que gonorréia mata.

DALVA: Preparem-se prá abrir as perninhas, meninas! O doutor vai ficar louco hoje. (Risadas e bagunça)

PROFESSOR: Por favor, em fila. Em fila. Olha a disciplina. Meninas, / meninas! Olha a postura de moça. Em fila! (Saem correndo sala a fora)



(Ana trabalha com a enxada. Dalva e Carla lêem uma revista
tinha arrancando e passando página por página uma para a
outra. Entra Merendinha.)

MERENDINHA Mas o que é isso? A minha revista! Eu não aguento essa. Tu sabe que eu sou amarrada nas minhas revista. Prá que fazer isso?

DALVA Não entra nessa, Merendinha. A gente tava numa boa curtin do esse lance e tu te grila.

MERENDINHA Olha aí, tá dando uma de bacana prá cima de mim. E a minha revista? E a minha revista?

DALVA Já era. Pronto, tu estragou a curtição da gente.

MERENDINHA Tu tá querendo curtir em cima, é? Eu faço mil macete prá conseguir essa revista. Olha, eu não transo mais aquela / pantalonã contigo.

DALVA Nem tô mais a fim.

MERENDINHA Claro que tá. Tu te amarrôu porque ela é unissex.

JULIÃO Olha a esculhambação. Olha o bolinho. Vamo trabalhar. Vamo trabalhar.

CARLA Tu, hein? Tu e as tuas idéias.

DALVA Tu não aceitou. Não tá a fim da gozação?

CARLA Olha aí, não tô ligada nessa de levar uma tremenda pauleira.

DALVA Esse papo...

JULIÃO Como é, tá pronta a tarefa? (Para Carla) Que cara é essa menina?

CARLA Nada, tô achando a glória trabalhar.

JULIÃO Olha o jeito que tu fala comigo. Daqui a meia hora quero/ tudo terminado. Senão te mando pro paredão.

ANA Que é isso de paredão?

CARLA O lugar onde a gente apanha.

ANA Apanha?

CARLA É isso aí. É onde a gente leva pau. A transa é a seguinte: tu fica parada lá. Os cara vem e te batem, te batem, te / batem enquanto tiver vontade. Tô com fome. Terminei. Vô embora.



DALVA Vou contigo. (Para Ana) Escuta aqui, boneca.

ANA ?... não.

DALVA Pois eu fumo. Tu sabe que eles dão dois cigarros prá gente, por dia, aqui?

ANA Sei.

DALVA Pois é, daí tu vai ganhar esses cigarro. O que é que tu vai fazer com eles? Tu não fuma, então tu vai dar eles prá mim, né?... né?

ANA O que eu levo nisso?

DALVA Ah, isso a gente pode ver. A gente pode conversar sobre / isso. Que tu acha, hein benzinho?

ANA Só tem uma coisa que me interessa: sair daqui!

DALVA Fugir, fugir? (Vendo outra menina afasta-se) A gente pode conversar sobre isso. Já volto.

(Ana permanece só em cena. Ao fundo duas meninas caminham lentamente. Param e beijam-se apaixonadamente.)

(Ana vai até o fundo e larga a enxada. Vem roendo um pedaço de New Bread. Aos poucos vão chegando as outras meninas.)

DALVA Ai, gurias, vocês saíram antes, perderam a maior.

CARLA O quê?

DALVA Aquela guria nova, aquela gorda que chegou... (ri)

CARLA O quê? Mas o quê?

DALVA Os peito dela caíram dentro da sopa. (Todas riem) E a cara do Julião, olhando. Sacana. Bem que ele gostou de ver os peito dela nadando na sopa.

CARLA E ela não se queimou?

DALVA Queimar com aquela sopa fria?

CARLA Numa dessas queima as teta da guria.

DALVA Eu bem que tirava um pedaço daquela carne prá comer. Hum!

MERENDINHA É, eu sei o que tu quer comer. (Olhando para Ana)

DALVA Despeitada. Tu tá falando porque tu não tem ninguém em casa.

MERENDINHA Ah, não tenho, olha aqui, ó!

DALVA Ih, não fecha nem uma mão.



MERENDINHA Não fecha. A tua é que não fecha.

DALVA Claro. Machão não precisa, entende? (Queria até ter/ menos.

MERENDINHA Machão, machão. Mas lá fora tu bem que gosta dum caralho.

CARLA Vão parar com a merda desse papo, pô. Vamo tratar de descolar um.

DALVA Olha aqui, ô fedorenta, tu não fica fazendo bossa comigo. Eu te meto a mão na cara. Te arranco esses cabelo e ainda te faço engolir os piolho.

MERENDINHA Eu te arranco... Filha da puta! (Se engalfinham) Socorro! Puta!

DALVA Não gospe na minha cara, sua putinha de funcionário!

JULIÃO (Ao se aproximar, as meninas ouvem a senha e se separam) Que que há por aqui, vamos parar com esses arretos no quintal. Isso aqui é uma casa de respeito. Vamos circular. (Merendinha se afasta.)

DALVA Que arreto, pô, ninguém tá se arretando; antes tivesse.

JULIÃO Se eu pegar alguém se arretando, vou botar prá catar' pali-tinho de fósforo no pátio. (Se afasta)

CARLA Bem que eu tava precisando de um arreto.

DALVA Tu quer que eu te faça esse favor, eu faço.

CARLA Ai, vem negrinha, que eu te chupo toda.

JULIÃO (Vendo novos movimentos) O que é que tá havendo aí?

CARLA Vamo parar com isso. Vamo descolar um.

DALVA Que graça. Tem coragem de falar depois de aprontar comigo. Qual é a tua?

CARLA Eu te aprontei?

DALVA Olha aí, tu arrumou aquela coisa que era quente, e apresentar que é bom, tu não apresentou!

CARLA Ah, é? Tenho obrigação agora!

DALVA Acho que sim, se tu tem uma jogada bacana comigo, tu não/ pode te mandar com a coisa e curtir adoidada me deixando sozinha, por fora. É questão de honra!

CARLA Quando eu te pedi o tutu prá repartir, tu ficou de gozação comigo. Maconha é coisa séria, maninha, tem que ficar de olho vivo, senão, já era.



DALVA Não entra nessa, pô!

ANA Vocês fumam maconha?

DALVA Nós? (Para Carla) Só me faltava essa.

CARLA Tu acha que nós ia... ai, uma coisa horrível dessas? Não, isso já é abusar da amizade da gente.

DALVA Tu não sabe de nada.

CARLA Tá a fim de uma maconhinha? Bem que tu podia...não! Não pode!

ANA Eu nunca fumei.

CARLA Não? (Para Dalva) Ela nem sabe o que é.

DALVA Eu te ensino. É só tu conseguir que a gente curte. É um lance incrível!

ANA Como eu vou conseguir?

CARLA Escuta, guria, afinal, o que é que tu fez na vida? Hein?

DALVA Não fez nada prá entrar aqui, nunca fumou maconha, quer / dizer, nada de nada!

CARLA (Debochada) Vai ver que ela nasceu aqui dentro e a gente nem... incrível!

DALVA Logo, logo ela vai aprender, tá em boas mãos. Pode te ligar!

ANA Como?

CARLA Não entra no papo dela, porque ela...

DALVA (Cortando) Tu tem que ir atrás de alguém, que entre nas coisas, entendeu?

ANA Quem?

DALVA Daí tu tem que ver, falar com as pessoas, tem que ir entrando, a gente tá com as cara muito usada, manja?

CARLA (Se afastando / Para Dalva) Ô, vem cá, quero te bater / uma.

DALVA Guenta aí.

CARLA Escuta, tu tem merda na cabeça? Essa guria é nova. Tu não sabe dela, pô. Se ela falar?

DALVA Se a gente esfriou, tem mais é que botar a cara dela pro lance, não te grila, pô!

CARLA Tu tá pirada. Ela vai arrumar sujeira pro teu lado.

DALVA Tu é que tá com merda demais na cabeça. (Para Ana) Olha aí, guriuzinha, tu vai me dedar?

CARLA Não, ela é gente fina. Tu é que leva jeito prá dar bobeira.

DALVA Pô, mas tu tá ficando pau no ou, mesmo, né? (Para Ana) / Trata de te apresentar.

ANA Eu não conheço ninguém.

DALVA (Para Carla) Tudo depende dos contatos, senão já era. (Para Ana) Tá bom, vamos começar com o desodorante.

ANA Que transa é essa?

DALVA O desodorante é assim: tem gente aí que toma mesmo desodorante. No começo é assim mesmo. A gente vai juntando prá poder tomar e tirar aquele sarro. O que importa é o seguinte: tem uns assistentes, o Leleco, daqui da nossa divisão é um deles, que passa com os desodorante vazio e trás cheiro de cachaça e vende prá gente, manja?

CARLA Faz duas semanas que ele não trás desodorante, filho da puta. Tá querendo aumentar.

DALVA A maconha a gente descola assim, quando...

CARLA Quando vem alguma guria nova prá cá, né, que consegue trazer escondido assim: mete lá dentro...

DALVA Ou quando os assistentes passam prá gente. Mas eles fazem mil chantagem.

CARLA Tu tem bosta na cabeça, mesmo.

DALVA (Para Ana) Escuta aqui, menininha, tu pode curtir mil lance aqui com a gente, mas vê se te manca e não fica dedurando.

ANA Tá pensando o quê?

DALVA Nada, por enquanto. Mas se tu cagar, já sabe, leva uma tremenda refrescada e aí já era, fica por fora de toda jogada.

CARLA E aí, negrinha, tu tá fudida aqui dentro.

JULIÃO (Se aproxima e ouve as últimas palavras) Quem é que tá / fudido e por quê?

DALVA É a novela. Aí, a coitadinha da Regina chorou, chorou, mas



ele não quis nem olhar prá ela, se mandou, e ela pirada.

JULIÃO Vocês já lavaram a louça?

DALVA Hoje não é nós.

CARLA A Regina Duarte tava tão bonita...

DALVA Aí veio o Cláudio e mostrou tudo. (Se encosta em Ana fazendo par amoroso)

CARLA Tão linda a cena.

JULIÃO Vamo separar esse bolo. Vamo lá, vamo lá. A primeira que eu ver de arreto vai ficar sem almoço. Eu tô de olho em / vocês. Não pensa que pode brincar comigo.

SUZANITA (Está sentada durante a cena na outra extremidade) Que tu tá pensando, hein? Que a gente é cachorro?

JULIÃO Que que há, guria? Não te mete onde não é chamada. Vai chorar prá outro lado.

SUZANITA Não fala assim comigo, viu? Eu vou contar prá minha família o jeito que vocês tratam a gente.

JULIÃO Que família, guria, que família? Quem foi que largou aqui?

SUZANITA A minha mãe tá doente, não pode cuidar da gente. Mas logo que ela ficar boa o meu pai vem me buscar.

JULIÃO Quem te busca?

SUZANITA O meu pai, sim senhor!

JULIÃO Vai dormir, guria. Tu acha que se a tua família te quiser se, ia te largar aqui? Boa coisa tu não andou aprontando. Olha aí ó, eu conheço muito bem tua ficha. Tu é uma grande filha da puta. Tu é filha da puta mesmo. A tua mãe nem sabe quem é que te fez.

SUZANITA É mentira! É mentira! Ele tá mentindo, eu tenho pai, eu tenho pai!

JULIÃO E como é que é o nome dele? Diz logo!

SUZANITA Ele é... é...

JULIÃO A tua mãe está cogando prá ti, guria. E vê se não enche o saco. Vamo lá, vamo circular. Nada de bolinho.

SUZANITA Mãe, mãe, mãe, manda o pai vir me buscar. Eu tenho casa, eu tenho pai. Pai, pai, paieeeeee!!! Me busca, me busca!!

DALVA Tudo bem, ó. Eu sei que ele vem logo. Te calma, vê se em



tra numa boa.

SUZANITA

(Grita histericamente) Paieeee!

JULIÃO

Leva ela prá enfermaria, tá ficando louca. Vamo logo! Car reguem ela prá enfermaria!

SUZANITA

Eu tenho pai. Pai, vem me buscar, vem me buscar...

(A menina vai sendo arrastada para fora da cena por Carla e Dalva, seguidas por Julião. Ana fica só em cena. Ouve-se os gritos da menina até desaparecerem completamente. Ana está imóvel em cena. Ao fundo, muito sutilmente, ouve-se os gritos da menina que apanha no paredão.)

ANA

Hoje eu mergulhei um pouco mais fundo e aprendi um pouco mais sobre violência... (Olha para o céu) Incrível!...eu olhando o céu... tá tão estrelado. Eu sei que é bobagem. É tão lindo, debaixo de tanta beleza...! Tanta dor, desespero, vontade de morrer e ao mesmo tempo tanto amor pelas pessoas. Elas não são exatamente assim como parecem. Alguma coisa faz elas ficarem assim. Que que é isso? Que que é isso, meu Deus? (Pega lápis e papel) E eu escrevo. É uma coisa boa escrever. Descobri que assim eu digo coisas, falo comigo o que não posso dizer pros outros. Escrevendo eu vou entendendo mais, as coisas e... suportando toda essa vida que levo. Mas vai mudar. Eu sei que vai mudar. Já faz quatro meses que estou aqui. Eu tenho tanta vontade de ver lá fora... Ninguém mais me visitou. Amanhã eu faço quinze anos. Como será que a gente vê a vida quando tem vinte, trinta e quarenta, cinquenta, setenta... Vó, eu tenho tanta vontade de te ver. Sempre sonho contigo.

JULIÃO

Ana, te prepara, tem visita.

ANA

Prá mim?

JULIÃO

É, vamo logo.

ANA

Quem é? Vó!

JULIÃO

A tua mãe e teu irmão.

ANA

A mãe... VAMOS.

(Ana entra na sala de visitas, abraça Marcelo. A mãe toma se.)



MÃE Como vai, Ana?

MARCELO Tá bonita. (Abraçando-a)

ANA (Para mãe) Muito bem!

MARCELO A gente veio te trazer um presente, pro teu aniversário.

ANA Meu aniversário é amanhã.

MÃE A gente não pode vir amanhã aqui, tem que levar teu pai no médico. Tu sabe como são essas coisas. Não é a gente que marca a consulta.

MARCELO Abre!

ANA Não precisava.

MÃE Abre. Vê se tu gosta.

ANA Como que abre?

MARCELO Aqui. Gostou?

ANA Um relógio!

MÃE Gostou?

ANA Eu não posso ficar com ele.

MÃE Por que não? É prá ti. Teu presente de quinze anos."

ANA Aqui não se pode ter nada.

MÃE A gente escolheu com tanto carinho.

MARCELO Eles não te deixam ficar com o relógio?

ANA Claro.

MÃE Tu podia guardar.

ANA Vão me roubar, não vale a pena. (...) Deve ter custado muito caro.

MÃE Mas isso...

ANA (Para Marcelo) O que é que tu anda fazendo?

MARCELO Estou trabalhando.

ANA Aonde?

MARCELO Num escritório... Eu... me casei, Ana.

ANA Ninguém me avisou nada.

MARCELO É... Foi meio às pressas. (Ri) A gente foi ao juiz e casou. Não teve festa. Não teve nada... Tu vai ser titia. / (Riem) Tu tá bem aqui? Tu tá estudando, né? Me disseram que tem aula de um monte de coisa.

ANA Tem sim.

MARCELO Quando tu sair daqui... tu pode trabalhar comigo lá no es
critório.

MÃE É isso mesmo!

MARCELO Tu não quer mesmo ficar com ele?

ANA Não. Agora eu tenho que ir.

MÃE Mas... já?

ANA Eu tenho aula. Tchau!

MARCELO Vai. Feliz aniversário!
(Ana sai. Pátio, Ana sentada. Aproxima-se a menina Suzanita.)

SUZANITA Oi, vou sentar, tá?

ANA Oi.

SUZANITA Por que é que tu tá aqui, hein?
(Silêncio)

ANA Sabe que dia é hoje?... Hoje é dia do meu aniversário.

SUZANITA Vamos cantar parabéns! Fazer uma festa com bolo.

ANA Tô fazendo quinze anos...

SUZANITA A gente canta parabéns.

ANA Quantos anos tu tem? (Não responde)... Eles vieram me vi
sitar ontem.

SUZANITA Ontem choveu...

ANA Hoje eles não podiam...

SUZANITA Hoje tá fazendo sol...

ANA Me trouxeram um relógio... Prá eu contar as horas que eu
fico aqui dentro...

SUZANITA Tic-tac, tic-tac, tic-tac, tic-tac...

ANA O meu irmão casou... eu vou ser titia. Não me disseram na
da. Ninguém me diz nada... Onde é que tu tava?

SUZANITA Eu... naquele lugar, de novo.

ANA Eu fiz quinze anos, não podiam vir hoje? Não precisa, não
precisa vir. O que é que ela vai fazer aqui? (Silêncio)
Que foi que aconteceu? (Silêncio)

SUZANITA Tic-tac, tic-tac, ti-tac, eles vêm com... com... aquela a
gulha... e aí... ó (mostra o braço) Toda hora que faz /
blém, blém, blém...



ANA O que é que eu vou fazer com o relógio?

SUZANITA Aí eles vêm ... (mostra o braço)

ANA Eles não se importam com a gente, não é?

SUZANITA Enfiam, enfiam sim, sempre, blém, blém, blém...

ANA Eu não quero mais fazer aniversário...

SUZANITA A gente vai cantar parabéns...

ANA Eu não quero, nunca mais, fazer aniversário.
(Luz morre em resistência)
(Em casa meninas esperam para tomar banho. Carla dança e canta, enquanto as outras acompanham batendo palmas.)

CARLA Vira, vira, vira,
Homem, vira, vira
Vira, vira lobisomem, vira, vira
Bailam corujas e pirilampos

CORO Tira, tira, tira
Bota, bota
Tira, tira esse homem
Eu quero é mulher

MERENDINHA (Entrando e se enxugando) Ai, eu gostei da bundinha prá trás, rebolando.

ANA Canta outra Carla, canta!

MERENDINHA Esses dias eu fiquei com ciúme, o Julião passou e ficou o lhandando a tua bunda.

CARLA Ih, aquele, Deus me livre, só jogando na patente e puxando a descarga.

DALVA E ainda é capaz de entupir! (Riem)

MERENDINHA É porque tu nunca viu o que ele tem no meio das perna!

DALVA Eu não gosto dessas coisas...

ANA Então conta prá nós o que é que ele tem no meio das perna.

MERENDINHA Ele tem um negócio "assim" ó, desse tamanho...

CARLA Dívido.

MERENDINHA E tu não gosta disso, por acaso?

CARLA Ah, e eu vou querer o pau do Julião, por acaso?

MERENDINHA Pensa que eu não vi esses dias... com o Américo?

CARLA Tu tá ficando pirada, guria?

MERENDINHA Eu entrei no gabinete do Américo, e ela tava lá, ajoelhada, não sei o que tava fazendo, rezando é que não tava. / (Merendinha faz que se masturba, esfregando o sexo) Ai, eu tô com um calor aqui! (Todas riam muito)

ANA Também, essa "Berenice" não pára de coçar!

MERENDINHA Tão todinhas com ciúme do meu Julião!

ANA Vem cá, me diz uma coisa, tu gosta mesmo dele?

DALVA Tá com eles só por causa dos desodorante.

ANA Eu acho que ela gosta.

CARLA Claro que gosta, é puta mesmo.

DALVA Com aquela cara, aquele sebo...

MERENDINHA São tudo uns podre, aqui dentro.

ANA (Saindo para o banho) Pelo menos a gente tem o que beber.

CARLA Isso enquanto ela for "nossa" amiga.

DALVA Qualquer hora ela vira.

CARLA Claro que vira, ela é tri-putinha, coitada.

MERENDINHA Ah, minha filha, tá com ciúmes, é? Quem sabe se tu dá uma com ele?

CARLA Deus me livre, eccccss!!!!

DALVA Deu prá essa discussão, já perdeu a graça, puta merda! Não se acha uma porra aqui dentro prá tirar um sarro.

CARLA Sim, o que é que o "Buck Jones" quer?

DALVA Vai te fuder. Eu só tô a fim de dar um pinote e ir pro cinema curtir o "Tubarão".

CARLA A cho bom o "pé de chinelo" aí se contentar com a "Praça/da Alegria".

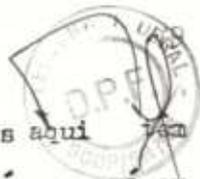
MERENDINHA É, ainda mais agora que o Esquadrão da Morte não tá dando fresco prá ninguém. Já pensou o "machão" aí ficar com os bagos furado? (Riem)

ANA (Voltando) Essa fila tá demorada hoje.

DALVA As bonecas resolveram se arrumar melhor hoje...

ANA Hoje é dia de dança. O único momento de paz que a gente / tem aqui.

DALVA É, o negócio é dar o fora. Quem sabe a gente prepara um / plano e foge?



ANA

Isso é papo prá depois. Tu sabe que as paredes aqui
ouvidos. Como é que é? Ninguém vai fazer um número prá eu
assistir?

DALVA

Eu não estou disposto.

ANA

Eu venho aqui e faço poemas, digo prá vocês e vocês nada,
é? Vamos, Merendinha, agora é tua vez. Como é que é aque-
la musiquinha idiota que ela canta?

MERENDINHA

Só porque não foi prá ti que eu ofereci...

DALVA

Então oferece prá mim, negrinha.

ANA

Não, oferece prá mim. (Começa a imitá-la cantando) Como
é que é?

MERENDINHA

Não é assim.

ANA

Então canta.

MERENDINHA

A primeira vez que eu cantei essa música eu ofereci
num namorado meu, numa festa.

CARLA

Como é que ele era?

MERENDINHA

A coisa mais linda. Eu tinha treze anos. Foi um pouco an-
tes de eu dar pela primeira vez.

DALVA

Chega de conversa mole, guria, canta.

CARLA

Até parece aquele cara que tá sempre entortando colher na
TV.

DALVA

Só que essa aí entorta a paciência. Vamo lá, ô bacana, can-
ta, porra!

MERENDINHA

Ai, tá bem. Se preparem pro coro! CORO

Eu posso não saber de nada

Andar até errada, mas eu sou assim ASSIM

Prá mim mais nada interessa

nem se outro alguém ainda gosta de mim DE MIM

Eu sei que por aí existe alguém que ainda insiste

em me querer ME QUERER

Mas não precisa nem ter medo

Já não é segredo que eu sou de você

Eu sou de você, eu sou de você

EU SOU DE VOCÊ

Eu sou de você, eu sou de você

O que me falam eu não ligo



E com você não brigo por motivo algum
 E só se você me deixar
 Porque eu não te deixo de jeito nenhum NENHUM
 Eu posso estar errada em tudo
 Mas isso eu não mudo e não deixo de ser DE SER
 E ainda que você não queira
 de qualquer maneira
 Eu sou de você
 Eu sou de você, eu sou de você EU SOU DE VOCÊ
 Eu sou de você, eu sou de você EU SOU DE VOCÊ

ANA Vamo fazer uma suruba?
 CARLA Ih, tava demorando...
 MERENDINHA Eu sou de você, eu sou de você...
 MARINHO (Entrando) Ah, tem festa... As putinha tão de festa, é?
 DALVA Iiiiiii!!!!!!!
 CARLA Pintô: sujeira!
 ANA Sai daqui. Não sabe que é proibido entrar homem aqui?
 MARINHO É proibido o quê? Eu digo o que é proibido aqui.
 CARLA Nós tamo na fila pro banho. Sai logo daqui!
 MARINHO Tão na fila pro banhinho, é? Então vamo se pelar que eu /
 entro nessa festa. Eu tô a fim de comer vocês todas, suas
 vagabundinhas, suas putinhas, eu como todas vocês...
 DALVA Tu tá bêbado, cara, vê se te manca!
 ANA Sai daqui, cara, sai!
 MARINHO Não querem fetiar com o tio Marinho? Pois vocês vão, suas
 putas de merda, vocês vão ver. Eu quero, tá sabendo? Eu
 quero!
 DALVA Vai tomar no teu cú, bêbado filho da puta! Para de cagar
 ordem aqui dentro!
 CARLA É isso aí, seu puto, se tu não der o fora, tu vai te fu-
 der, tá ouvindo, tu vai te fuder com a gente.
 MARINHO (Atirando-se para abraçar Carla) Que é que é, gostosa, /
 não tá a fim de dar pro tio Marinho? Gostosa, putinha gos-
 tosa do tio...
 ANA Tia Luma, tia Luma! Socorro, tem homem aqui dentro!



TODAS Socorro! Tem um tarado aqui dentro, socorro, socorro!!!!

MARINHO Suas vagabundas! Eu vou falar com a tia Luma. Vai ter paredão prá vocês hoje. Vai ter paredão, vai ter...

(Sai. Algumas meninas correm atrás dele.)

LUNA (Fora de cena) Aiiii! Pára! Socorro, ele vai... Sai daqui, pelo amor de Deus. Alguém me ajude! Aiiii!

CARLA (Entrando) Gurias, o tarado atacou a tia Luma, lá. Ela tá toda roxa. Levem ela prá enfermaria!

MERENDINHA Vamo junto, vamos ver o que é que vai pintar.

ANA Parem! Parem!

DALVA Que que é?

ANA Escuta, até quando, hein? Até quando a gente vai aguentar essa merda toda prá cima da gente? Até quando, hein? Prá mim chega, eu não quero mais saber desse papo de disciplina e o caralho, vão prá puta que pariu! A gente aguenta / desaforo, laço, fome, frio, é cheiro de merda prá todo lado. Mas isso eu não vou aguentar, chega, eu não quero saber de nenhum podre passando a mão em mim. Só bota a mão em mim quem eu quero.

DALVA Mas o que é... Tu quer fazer o quê?

MERENDINHA Ô Ana, daqui há pouco passa o Julião por aí, tu já viu né, eu...

ANA Não me interessa , não tô mais a fim de ser desrespeitada entenderam? Nós não podemos deixar isso ficar assim.

CARLA Tá bom, então bate logo o lance...

ANA Eu vou lá falar com o homem. E vocês vêm junto.

DALVA Com o Américo?

MERENDINHA Tá pirada! Ah, tá, pirou!

ANA Pirada porra nenhuma! Isso aqui é um lugar proibido prá homem, só entra mulher. Como é que esse bêbado entra e fica agarrando a gente? Nós vamos contar tudo pro Américo.

MERENDINHA Eu não vou, eu não quero apanhar...

ANA Isso não pode ficar assim, nós não vamos levar porrada de graça, não!

DALVA (Para Merendinha) Vai sim, quanto mais gente melhor!



ANA Nós vamos botar toda podridão daqui prá fora!

MERENDINHA Tu acha que ele vai acreditar em nós?

DALVA Claro que vai!

CARLA Ele tem que acreditar, porra! Eu tô cansada de apanhar!

MERENDINHA (Para Ana) Tu quer levar porrada no paredão, é?

ANA Não interessa!

MERENDINHA Claro que interessa. Depois a gente se fode.

ANA Vamos nos fuder de qualquer maneira. Eu vou, quem vem comigo?

DALVA Vamos lá!

CARLA Tu fala, a gente vai junto, mas tu fala.

MERENDINHA A gente fica do lado de fora, escutando!

TODAS Vamos lá, vamos!!!!

(No gabinete de Américo)

ANA Ô, Julião, nós queremos falar com o Américo.

JULIÃO Falar com quem?

ANA Com o dr. Américo.

JULIÃO O que é que vocês querem com ele?

ANA Contar uma coisa que aconteceu agora, é muito grave.

JULIÃO O dr. Américo tá muito ocupado, não pode perder tempo com bobagens.

ANA Não é bobagem. Vai logo que é importante.

JULIÃO Que que é isso, guria? Onde está o respeito?... Vou ver se ele pode atender. (Sai) (Entra no gabinete) Doutor... tem umas gurias aí querendo falar com o senhor.

AMÉRICO E quem são essas gurias?

JULIÃO Da ala 3, a Dalva, Ana Maria...

AMÉRICO Ana Maria.

JULIÃO Mais a Carla e... a Merendinha.

AMÉRICO Sabe se aconteceu alguma coisa?

JULIÃO Não senhor, não sei de nada, deve ser invenção dessas gurias. Eu posso dizer prá elas voltar outra hora.

AMÉRICO Eu falo com elas.

JULIÃO Sim senhor. Com licença. (Para meninas) Ele não tem muito tempo, vamos entrando, fala bem rápido.

ANA (Entrando) A gente quer contar uma coisa que aconteceu.
AMÉRICO Vocês entram na sala: não pedem licença, não cumprimentam. Qual é a educação de vocês? Não sabem que estão na sala do diretor da Unidade?

ANA Com licença...
AMÉRICO Tá bom, te afasta um pouco. Pode falar.
ANA É sobre o Marinho.
AMÉRICO O que é que houve com o Marinho?
ANA Ele vive bêbado aqui dentro. E agora resolveu agarrar a gente aqui dentro, no dormitório.
AMÉRICO Ele não pode entrar lá.
ANA Mas ele entrou. Nós estávamos esperando prá tomar banho e ele entrou e tentou agarrar a gente.
AMÉRICO Devem ter feito alguma coisa...
ANA Não fizemos coisa nenhuma.
AMÉRICO Não grita comigo.
ANA Ele não tinha o direito de entrar lá. Além do mais tinha outra assistente cuidando do banho.
AMÉRICO Estás mentindo.
ANA Eu não tô mentindo.
DALVA A gente tava esperando...
AMÉRICO Cala a boca! Só uma fala comigo... Continua.
ANA Nós tava conversando enquanto esperava pro banho. Ele entrou e se jogou sobre ela (Carla) e tentou morder e chupar o pescoço...
AMÉRICO Não tô vendo marca nenhuma no pescoço dela...
ANA Nós caímos em cima dele e ele fugiu pro banheiro e atacou a tia Lina. Pode ver, ela tá com o pescoço todo roxo. As gurias levaram ela prá enfermaria.
AMÉRICO Tá bom...
ANA Isso é uma falta de respeito. O dormitório é o único lugar que a gente tem prá ficar sozinha. Não é possível que agora todo mundo vai poder entrar e olhar a gente tomar banho. Isso não tá certo! Não é justo... O senhor vai mandar chamar...



AMÉRICO Quem pergunta aqui sou eu!... Podem se retirar... Podem se retirar, entenderam?... Eu vou verificar isso daí...
(As meninas saem)

JULIÃO Vão em fila e sem conversa no corredor. (Saem)

AMÉRICO Como é que eu não fui informado, hein? Como é que eu não fui informado????!!!!!!

JULIÃO Dr. eu tô de olho dia e noite...

AMÉRICO Eu tenho que ficar sabendo de tudo, entendeu, de tudo que acontece aqui.

JULIÃO Dr., essas gurias são muito linguarudas, elas podem ter inventado essa história...

AMÉRICO Se essa história sair por aí, vai dar complicação.

JULIÃO O senhor desculpe, doutor.

AMÉRICO Vai chamar a dona Luna. Quero falar com ela imediatamente.

JULIÃO Sim senhor, é prá já. Com licença. (Sai)

DALVA (Off) Vai tomar no cú!
(Na sala de TV, Ana escreve seu poemas totalmente entregue a sua fantasia, alheia ao que passa a sua volta.)

DALVA Tinha que confirmar que ela era virgem, senão eu perdia a aposta.

ANA E daí?

DALVA Falei prá Luna que ela tava com gonorréia. A Luna mandou ela pro médico e a resposta: A menina é virgem.

MERENDINHA Ai, que merda, olha só o que me deram, desodorante de bag tão. Que que eu quero com isso?

DALVA Enfia no cú. (Risadas)

MERENDINHA Existem coisas melhores, minha filha. Ana, tenho uma novidade prá ti, só prá ti, que essas aí tão que é um nojo.

ANA Que é?

MERENDINHA Adivinha quem foi que mandaram embora...

ANA Não diz que mandaram o tio Marinho embora?

MERENDINHA O tio Marinho. Curviam, suas puta diafarçada?

DALVA Foi mesmo?

MERENDINHA Foi, sim, garotão!

DALVA Tu viu, Ana?



ANA Puta que pariu, finalmente. A gente conseguiu a primeira vitória. Ahram o olho, porque eles não vão largar o pé da gente.

DALVA É, agora vão inventar mil macetes prá nos cagar a pau. Cuidado meninas, não cagem fora do penico.

MERENDINHA Eu disse que isso ia acabar fudendo a gente.

JULIÃO Olha o barulho dessa televisão, tá muito alto esse som.

ANA Tá muito alto o quê?

JULIÃO Eu mandei baixar o volume.

ANA Essa é nossa hora de folga. Temos o direito de ver televisão na altura que a gente quiser.

JULIÃO Tá pensando que isso aqui é a casa da tua mãe?

ANA E tu, tá pensando o quê? Não tem o direito de vir interromper a nossa hora de folga.

JULIÃO Olha aqui, guriuzinha, o dr. Américo deu ordem. Tem hora e limite prá tudo.

ANA Isso é prá ti também. Tu viu o que aconteceu com o tio Marinho.

JULIÃO E o que tu pensa que aconteceu com o tio Marinho?

ANA O que todo mundo já sabe.

JULIÃO O tio Marinho tá dando graças a Deus. Tu pensa que o tio Marinho tá aonde? O tio Marinho tá na federal, ganhando / uma banana e sem ter que aturar umas safadas que nem vocês.

DALVA Ô Julião, se pintar um lance lá na federal, me avisa.

JULIÃO Vai brincando, vai brincando. Se existe lei é prá ser cum prida. Pelo menos isso vocês têm que aprender aqui dentro.

ANA Tu reclama o barulho e tá gritando mais que a televisão.

JULIÃO O paredão ainda vai te ensinar muita coisa, é prá lá que tu vai acabar indo.

ANA Olha aí, eu quero ver o "Espelho Mágico". Dá licença?

DALVA Incrível, como tá gostosa essa mulher!

JULIÃO Eu quero te ver no espelho, guria, ah, quero! For essa eu espero!

(Sai. Aproxima-se lentamente Aurora e pára atrás. Ana sem

te sua presença e vira-se. Fitam-se longamente. Estabelece-se o triângulo. Dalva não quer perder as atenções de Ana.)

DALVA (Tentando pegar o caderno é impedida por Ana) Não se pode ler? Que que há? Não tô a fim de ficar por fora.

ANA Não tô sacando o teu jogo.

DALVA Eu sei que tu anda querendo pinotiar daqui. O que é que há, por que tu não fala prá mim? Desculpa, tu tava escrevendo, eu te interrompi.

ANA Tudo bem.

DALVA Tomou banho. Tinha água hoje? Cheirosa...

ANA Ganhei um perfume novo.

DALVA De quem?... Tu gostou?... Quem foi que te deu?

ANA O quê?

DALVA O perfume. Tu gostou?

ANA Gostei.

DALVA Essa novela tá chata!

DUPLIO DE ANA Tu és divina e graciosa.
A mais bela e mais formosa.
Razão do meu viver.
Princesa encantada, quero com meu beijo despertá-la...
E assim poder, finalmente, ser feliz...
Ao lado de quem tanto amo.

DALVA Deixa eu ver isso aí.

ANA Isso é meu. Larga!

DALVA Eu escutei um papo aí que tu vai fugir.

ANA E daí?

DALVA Eu quero fugir contigo.

ANA Eu vou sozinha.

DALVA Tu sabe muito bem que é bem mais fácil quando se foge com alguém vivo e que conhece todos os lance. E eu tô por dentro. A gente bola o plano hoje, então.

ANA Depois a gente fala. Até parece que tu não quer que eu fuja.

DALVA Eu não quero que eles te peguem, só isso. Fansa bem.

(Ao fundo em silhueta: Américo e Julião. Américo deliberadamente derruba uma pilha de pratos. Correm para a cena: Merendinha, Américo e Julião.)

ANA

O que foi isso? (Todos se levantam. Aurora foge de cena)

JULIÃO

Todas aqui. E não quero um pio.

AMÉRICO

Quem foi que virou a pilha de pratos?... Eu perguntei quem foi que quebrou os pratos? (Para Ana) Tira essa mão da cintura, pára com essa cara de deboche. Eu tô te controlando. Vê se raspa essas perna. E bota um vestido. Não vai por esse caminho que vai te dar mal. Eu tô te avisando! / Muito bem, pela última vez, quem foi a putinha que derrubou os pratos? (Julião aproxima-se de Américo e diz-lhe algo no ouvido) (Rindo) Eu sei... Não tem dúvida nenhuma. A gente já sabe quem foi. (Para Ana) Tu continua fazendo das tuas, não é? Continua sendo mau elemento, não é? Tu continua querendo subverter a ordem aqui dentro, não é? (Berrando) Não é?! "

ANA

Eu? Eu não tenho nada a ver com essa história.

AMÉRICO

Cala a boca! Foi tu, sim!

ANA

Eu não sei daqui. Tava olhando televisão quando deu o barulho! Elas tão de prova.

AMÉRICO

Mas isso é muita malandragem nesse corpo, hein? Eu te conheço, guria.

ANA

Não adianta querer me culpar, eu não tenho nada a ver com isso, nada!

AMÉRICO

Julião!

JULIÃO

Vamos indo. Eu te disse que não ia esperar muito. (Sai puxando Ana pelo braço que vai resistindo)

ANA

Eu não tenho culpa de nada! Me larga! Eu não vi nada dessa porra desses pratos. Não! Me larga! Não, paredão não!
(Ao fundo a cena vai se arrumando em silhueta. Ana com os braços erguidos. Algumas meninas sentam-se para esperar a hora de dormir. Cantam e tocam violão. Se ouvem os gritos de Ana enquanto o castigo é aplicado. Luz morre em resistência.)

(Sirenes e holofotes iluminando a cena em movimentos circulares, correria por todo o palco. As meninas em fuga correm pelo pátio, sobem pelo muro, ganham o telhado e tentam pular para a rua.)

JULIÃO Lá em cima, bota a luz em cima, elas tão no telhado!
ANA Não olha prá trás. Não olha prá trás, corre, corre!
AMÉRICO Voltem aqui, suas desgraçadas! Voltem!
ANA (Dando cobertura para as meninas que ganham o telhado) / Pulem. Não parem de correr. Pula, pula!
JULIÃO Pela rua, pela rua! Elas tão pulando prá rua. Pega! Pega!
AMÉRICO Vocês vão pro paredão, todas vocês. Atenção, desçam daí, desçam daí! Eu arrebento vocês, eu arrebento! Ataquem pelo outro lado!
ANA Não olhem prá trás, corram, corram!
DALVA Vem Ana, vem!
(As luzes vão rareando, as sirenes vão se distanciando. Luz tênue da lua através das árvores. As meninas estão atiradas no chão, ofegantes.)
DALVA Aqui eles não nos acham. Eu perdi um sapato.
ANA Mas não perdemos a cabeça.
DALVA Tá frio.
ANA Eu te dou o meu pullover. Tô suando.
DALVA Vamos dormir por aqui?
ANA Pelo menos não tem ninguém. Prá onde é que tu vai amanhã?
DALVA Eu tenho uma amiga aí que é boca-braba, vou lá ver se me ajjeito. E tu?
ANA Acho que vou visitar meu irmão. Não sei ainda.
DALVA A gente conseguiu...
ANA É...
(Dalva vai se aproximando e abraça Ana. Ficam em silêncio abraçadas. Os olhares se encontram e as bocas se unem. As mãos percorrem os corpos.)
DALVA Que que há?
ANA Nada.
DALVA Por que a gente não continua...



ANA Esquece. Esquece o que aconteceu.

DALVA Não posso. Eu tô a fim de ti. Já faz tempo.

ANA Não fica chateada comigo. Eu não devia ter feito isso contigo.

DALVA Não devia mesmo. Por que tu deixou?

ANA Tu sabe que eu tô apaixonada pela Rosana.

DALVA Então por que tu me convidou prá fugir contigo?

ANA Eu convidei as gurias, não ia fugir sozinha, queria mais é que todo mundo saísse junto.

DALVA Tu sabia o que eu tava querendo, não devia brincar comigo.

ANA Eu não brinquei contigo. Eu sei que não devia ter começado. Esquece, esquece. Ah, eu gosto de ti, tá?

DALVA Me dá mais um beijo.

ANA Não, eu não posso fazer isso contigo.

DALVA Não me importa. Me beija. Eu quero assim.
(Beijam-se. Luz vai morrendo em resistência.)
(Casa dos pais. Na sala a mulher do irmão embala o filho)

DORA Tutu marambá, não venhas mais cá, que o pai da criança te manda matar. (Batem à porta) Marcelo, tão batendo!

MARCELO (Na porta) Ana! Ô Ana! Mas como é que tu veio parar aqui? Tu saiu da Instituição? Toda saja. Dora, essa é a Ana. Essa é a minha mulher.

ANA Sai.

MARCELO Como é que tu saiu?

ANA Fugi. A gente pulou o muro e saiu correndo. Eu não aguentava mais.

DORA Quando foi isso?

ANA Ontem.

MARCELO E onde é que tu tava?

ANA Num mato por aí.

DORA Vamos tirar essa roupa, tá imunda. Tá cansada? Já comeu alguma coisa?

MARCELO Esse é o nosso filho.

MÃE (Entrando) Quem é que tá aí, Marcelo?... Ana? O que é que tu tá fazendo aqui?



MARCELO Ela veio nos visitar.

MÃE Visitar? Mas como? Eles te deixaram sair?

ANA Eu fugi.

MÃE Fugiu... Ana! Bernardo! Bernardo, vem cá! Como é que tu foi fazer isso, guria? (Pai entra) Olha quem tá aqui!

PAI Ana! Ué... te soltaram de lá?

MÃE Fugiu!

PAI Fugiu?

MÃE Isso vai dar a maior complicação, hein? Não quero nem saber, isso não vai dar certo.

PAI Ela não pode ficar aqui assim, tem que regularizar essa / situação. Ela não pode ficar aqui. Por que é que tu fugiu? (Mãe sai)

MARCELO Regularizar o quê? A gente vai lá e diz que não quer mais que ela volte!

ANA Eu não tava mais aguentando, eu e umas gurias fugimos.

DORA (Para o pai) Prá ela ter fugido, não deve ser nada bom a quilo lá.

MARCELO Eles batem em vocês? (Ana ri) Vocês apanham? (Ana levanta a blusa)

DORA Meu Deus do céu!

PAI Isso não foi na correria, quando tu fugiu?

ANA Não, na fuga não aconteceu nada.

MARCELO Pai, ela não pode voltar prá lá.

PAI Tu sempre defendendo. Ela não tá certa, tu sabe disso.

MARCELO Que que há de errado com ela? E tá certo ela ficar lá dentro?

PAI Mas ela vai se recuperar lá dentro. A doutora falou. Por isso ela tá lá. Agora ela tá fugindo, dessa maneira a gente tá cooperando prá ela ficar mais doente. A gente tem / que cooperar com os homens lá de dentro, isso sim.

MARCELO Não sei por quê.

PAI Porque existe uma lei. Porque existe uma ordem. Porque existe uma Instituição e ela tá dentro dessa Instituição.

MARCELO Mas agora ela tá aqui, dentro da nossa casa.

PAI Tu não tá entendendo nada, rapaz.

MARCELO Tu não entende que ela precisa é de carinho?...

PAI Ela tá fora da lei! (Barulho de carro. Dora olha)

DORA Ai, meu Deus do céu, Marcelo, a tua mãe tá aí com a polícia!

ANA Minha mãe! (Pai corre para fora)

MARCELO Corre, leva ela prá d. Edite.

DORA O Marcelinho!

MARCELO (Agarra o nenê) Deixa que eu cuido. Vai depressa!

POLICIAL (Entrando com Pai e Mãe) Com licença.

MARCELO Ela fugiu.

MÃE Tu deixou ela fugir, Marcelo. Ai, minha Nossa Senhora! Essa guria ainda vai me matar.

MARCELO Ela saiu correndo pelos fundos. Se o senhor der uma volta pela quadra pode ser que encontre ela por aí.

MÃE Isso não é coisa que se faça. O senhor vai me desculpar, não tive culpa.

POLICIAL Se ela aparecer por aí, a senhora me avisa. Se ela tá fugida da Instituição, vocês são os responsáveis por ela e pelo que ela fizer.

PAI A gente sabe disso.

POLICIAL Nos chamem se ela aparecer. Mas só se tiverem certeza. Bom dia.

TODOS Bom dia.

MÃE Que vergonha, meu Deus, que vergonha! Quando é que vai acabar esse martírio?

PAI Chamar o homem prá nada. (Para Marcelo) Já que o senhor bancou o homem da casa, o senhor vai ter que decidir, o que é que nós vamos fazer com ela?

MARCELO Ela foi se esconder na casa da d. Edite.

MÃE O que é que nós vamos fazer com ela?

MARCELO Ela vai ficar morando aqui. Esta é a casa dela.

PAI O que é que tu pretende, Marcelo. Aqui não dá. Tu sabe, a gente já tentou. Não dá mais.

MÃE Eu não quero mais passar por tudo que já passei.

- MARCELO Mas vocês viram as marcas no corpo dela. É assim que ^{uma} pessoa vai se recuperar?
- PAI Ela continua na mesma. Se ela fugiu é porque ela continua a mesma.
- MÃE Ela só aprende o que não presta. Ela vivia bêbada. (Pausa) Eu não tenho mais condições de ficar com ela.
- PAI É, Marcelo, não dá... A gente já tentou... (Dora e Ana entram) Ela não presta, mesmo...
- MARCELO Chega!
- DORA Pronto! Marcelo, a roupa tava tão suja que não dá prá lavar, vamos queimar essa roupa.
- ANA Eu não vou ficar aqui. Eu vou prá casa da minha vó.
- MARCELO Tu fica uns tempos com ela até a gente ajeitar as coisas por aqui.
- DORA É uma boa idéia, Ana. A tua vó vai ficar contente também.
- MÃE (Para o Pai) Então hoje mesmo tu compra as passagens e leva ela.
- ANA Não precisa ninguém me levar.
- MÃE Nós precisamos ter certeza que tu vai ficar lá.
- PAI Vou até a rodoviária comprar as passagens. (Saem Pai e Mãe)
- MARCELO Não quer pegar o nenê um pouquinho?
- DORA É, pega ele um pouquinho. Eu vou lá dentro fazer uma comida prá nós, tá? Vem Marcelo, me ajuda. (Saem: Ana fica / só com o sobrinho no colo)
- ANA Coisa mais bonita. Como tu é pequenininho. Nem viu o mundo ainda. O que tem prá ti. Tu tem que crescer e ser forte. Forte que nem eu, prá aguentar tudo isso. Tu vai ser que nem eu. Tu vai ter orgulho de mim. Ninguém vai te botar a mão. Eu não vou deixar, não vou. Não vou deixar... (Abraça o nenê e chora. Luz vai morrendo lentamente em resistência.)
(Batidas na porta. A avó vem se arrumando para atender)
- PAI Boa noite, como vai a senhora, ainda se lembra de mim?
- AVÓ Seu Bernardo, quanto tempo, passa, faz favor, como vai o



senhor?

PAI Vem Ana.

AVÓ Ana! Aninha! Meu Deus, como tu cresceu, minha filha! Que saudade que a vó sentiu de ti, filhinha! (Abraçam-se demoradamente)

PAI Eu trouxe a menina prá passar uns tempos com a senhora. / Tem problema?

AVÓ Imagina, claro que não tem problema. Mas vamos entrando, eu vou fazer um café.

PAI Obrigado, mas eu já tenho passagem de volta. Não posso me demorar, o serviço, a senhora sabe como é.

AVÓ Mas prá um cafezinho... A família, a Clara...

ANA É melhor ele ir embora.

PAI Quando a gente vier buscar a menina, a Clara vem junto, aí fica uns dias prá conversar... Então eu vou indo, passe / bem, não deixe ela sair daqui, por favor. Ela vai lhe contar tudo.

AVÓ Eu cuido bem da menina, pode ficar descansado. Lembranças prá família. (Pai sai) Ana, como tu cresceu!

ANA E a vó encolheu.

AVÓ É, tu vai crescendo e a vó encolhendo. Mas, minha filha, o que foi que aconteceu? Conta prá vó. Tu esqueceu a vó, né sua bruaca?

ANA Não esqueci, não.

AVÓ Foi prá cidade grande e não quis mais saber dos velho do interior...

ANA Eu nunca deveria ter saído daqui.

AVÓ A tua mãe, o teu irmão, como vão? Mas que roupa mais bonita!

ANA É da mulher do meu irmão.

AVÓ Ah, casou, é?

ANA Casou.

AVÓ Nem avisam a gente. E a tua mãe?

ANA Eu não tenho mãe, nem pai. Só tenho vó.

AVÓ Mas o que houve, menina.



- ANA Nada. E tu, vô?
- AVÓ Eu tô vendo na tua cara, conta prá vô, filhinha, conta.
(Abraçam-se. Ana chora e desabafa)
- ANA Eu sempre quis ver a vô. Sabe vô, eles não gostam de mim. Eles não me queriam mais, aí eles me botaram na Instituição.
- AVÓ Meu Deus do céu! Por quê? Tu fez alguma coisa errada? E aquilo não é só prá criança que não tem ninguém por si?
- ANA Nada. Eu não fiz nada. Eles queriam se livrar de mim.
- AVÓ Quanto tempo tu tava lá?
- ANA Mas eu fugi. Eu não aguentava mais. A gente apanha dia e noite. Tem um monte de meninas. Não tem comida, a gente / dorme tudo amontoadado, que nem bicho. E eles botam a gente no trabalho e qualquer coisa, laço, laço. Olha como é que eu tô!
- AVÓ Eu sempre pensei que eles te quisessem como filha. Só tinham um menino. A tua mãe era irmã dela. Mas por que tu não veio prá vô?
- ANA Eu te disse, eu tava presa. (Chora)
- AVÓ (Abraçando-a) Pronto, pronto. Não fala mais. A vô não pergunta mais nada. (Ana chora muito amparada pela vô)
- ANA E tu, vô, o que tem feito?
- AVÓ Nada. A vô fica aqui sentada, esperando, vendo o tempo passar. Não tem mais nada prá fazer.
- ANA Agora tem. Tu vai cuidar de mim.
- AVÓ Vou sim. E já é muito trabalho.
- ANA Faz um mingau prá mim?
- AVÓ Quer comer mingau da vô?
- ANA Quero. Costo tanto de ti, vô! (A avó está sentada, Ana / vai escorregando lentamente e senta-se no chão apoiando a cabeça nos joelhos da avó. Esta acaricia-lhe os cabelos./ Silêncio)
- ANA Ô vô...
- AVÓ Hum?
- ANA Tu já amou alguém?



AVÓ Te pára Ana. Ah, eu não sei.

ANA Vó, tu tem que responder. Tu já amou alguém?

AVÓ Já. O teu avô, o teu pai... tu.

ANA Não, eu e o pai é diferente.

AVÓ Ah, o teu avô.

ANA Só o vô?

AVÓ Só.

ANA E quando tu era moça?

AVÓ A gente sempre olhava os moço nos baile, nas praça e na igreja, no domingo.

ANA E o que tu sentia?

AVÓ Não me lembro.

ANA Se tu gostava, tu tem que te lembrar.

AVÓ É. Às vezes eu sento aqui e fico pensando no teu avô. No tempo que eu era nova, nas...

ANA No quê, vó?

AVÓ Deixa prá lá. Isso é coisa do passado. Agora eu não tenho mais que pensar essas coisa, isso é prá gente moça.

ANA Mas se a vó gostava do vô tem que se lembrar.

AVÓ Pois até que ajuda a passar o tempo, sabe Ana, quando eu tiro prá pensar nisso, lembro uma porção de bobagem.

ANA E isso não é bom?

AVÓ É bom sim. Eu sei que é bom, sua boba. Só que a gente não pode dizer pros outros que a gente pensa nisso. Senão eles vão dizer que além de velha, a gente tá puta e louca.

(Riem)

ANA E o que é que tu sentia com o vô?

AVÓ Ah, eu nem sei direito, é uma coisa assim... parece que é tontura. Uiii!

ANA Será que é o mesmo que eu sinto?

AVÓ Olha prá mim, Ana Maria, não me mente. Tu andou arrumando um namoradinho.

ANA Não é namorado. Mas eu gosto de alguém que ficou lá na Instituição

AVÓ Mas lá não tem só meninas?



ANA É, só tem menina.

AVÓ Mas... Ana, tu tá brincando comigo, né?

ANA Não...

AVÓ Eu não entendo muito bem essas coisa...

ANA E quem é que entende?

AVÓ Prá mim, o certo sempre foi homem com mulher.

ANA E existe certo ainda?

AVÓ Pelo jeito não existe mais. (Silêncio. A avó fica olhando o vazio, imóvel, e volta a acariciar os cabelos de Ana)

ANA Vó, eu passei dias que eu tinha vontade de desaparecer. On tem mesmo, quando eu vi que não me queriam em casa, a mãe, eu senti um aperto tão grande. Arrisquei a vida fugindo / daquele lugar e a minha família não queria saber de mim./ Isso dói muito. Mas agora, aqui contigo, vó, eu vejo que lá naquele lugar é que é o meu mundo. Sabe, vó, eu acho que eu não posso viver aqui fora. Tudo que eu quero agora é estar lá. (Silêncio. A avó ouve calmamente)

AVÓ Tu tá querendo voltar?

ANA Acho que é isso que eu quero. A gente procura... Não sei, nem sei onde é que eu vou ficar, o que é que eu vou fazer da minha vida. Que que a senhora tá chorando?

AVÓ Eu tô contente de te ver aqui. Eu quero que tu fique comi go... Mas se tu vai ser mais feliz lá, tu tem que voltar. (Avó levanta-se decididamente e limpa os olhos) Tem dinheiro?

ANA Não. Não preciso. Se a vó deixar eu ir, eu pego uma carona.

AVÓ Nada de carona. Eu tenho um dinheiro aí. Era prá comprar uns óculos, mas não precisa. Prá que eu quero óculos, eu não leio nada, mesmo. (sorri) Nem jornal eu compro mais. Mas olha, tu tem que ir na casa do teu pai avisar que tu não tá mais aqui. (Ana ri)

ANA Pode deixar, vó.

AVÓ Depois tu volta lá prá... A gente ouve falar nessas coisa e acha que nunca vai acontecer na nossa família. Seja o



que Deus quiser. Vamos prá cozinha, eu vou fazer um mingau prá ti.

(Ana abraça-a pela cintura. Saem lentamente de cena. / Black-out)

(Ana Maria parada na esquina. Aproxima-se Joana, antiga/companheira de Instituição)

JOANA

Tu não é a... que fugiu com a Dalva? Ela disse que se amarrrou tanto em ti que acabou fugindo junto, e quando pensei que tava se acomodando contigo, já era. Pô, tu pirou a Dalva, ela andava tão chapada por aí, pela rua, que começou a chutar os pneu dos carro dos homem (risada), já viu, foi entregue com pacote de presente. (ri)

ANA

Putá merda. Quando é que foi isso?

JOANA

Ontem de noitinha. Que sarro! O garotão chutando, curtindo adoidado, os pneu dos homem. (ri) E tu, onde é que tá mocosada?

ANA

Na casa da minha vô. Agora vou pro meu irmão. Preciso dar um recado.

JOANA

Mas tu tinha ido prá casa do teu irmão.

ANA

Ih, pintou muito lance frio depois.

JOANA

Olha aí, não tá a fim duma coisa?

ANA

Onde é que tem?

JOANA

Seguinte: eu vou me encontrar com o Antena no bar do Sovaço. Tá a fim de entrar nessa?

ANA

Pode crer. Tô precisando mesmo ficar ligada.

JOANA

Primeiro eu tenho que descolar uma grana prá pegar a marofa. Tu tem algum aí contigo?(Ana mete as mãos nos bolsos e recolhe todo dinheiro que tem. Separa algum e dá o resto para Joana) Tu é bacana, menina. Tá a fim de chegar no bar comigo?

ANA

Tô.

JOANA

Tão vamo. Depois eu te devolvo. E daí, o que tu tem feito?

ANA

Nada. E tu, como é que tá vivendo?

JOANA

Assim, muito na minha. Olha menina, tô vivendo prá valer, tô de olho vivo em tudo que é lance, e tem que ser tudo



- muito quente!
- ANA Falou.
- JOANA Vou te dizer, qualquer dia desses, quando me encherem a cara de buraco, eu vou sair daqui voando, direto prá cima, manja essa, menina, eu sou um anjo...
- ANA Pode crê!
- JOANA E esse mundo caganerento, vai ficar mais feio ainda sem eu aqui. Uuuuuuuuuuuuuuuuu! (Sai correndo balançando os braços querendo voar.)
- ANA Incrível! Uuuuuuu...
(Bar do Sovaco. Sovaco no balcão, um vendedor de revistas e baralhos pornográficos e Regina , que conta sua estória.)
- REGINA Aí é que tá, o cara desapareceu, desapareceu três dias de casa. O que eu ia fazer? Fui na polícia, dei parte. Cheguei lá e falei: Olha, o Jair sumiu. Aí os cara foram logo dizendo que ele tava preso. Que tinha roubado com ela, sei lá o quê, uma muamba dessas que só ladrão sem-vergonha que rouba. Agora eu é que vou ter que pagar, entende?
- VENDEDOR É muita sacanagem.
- REGINA Baita sacanagem. O pior é que ele anda atrás de uma... /
(vendo Joana) Olha só! Joana! Que é que tu anda fazendo?
- JOANA Por aí, na minha.
- REGINA Ô Sovaco, bota uma cervejinha aí!
- JOANA Tá pagando? Eu tô dura.
- REGINA Eu pago. (para Ana) Tu também é lá da Recuperação?
- ANA Sou.
- REGINA Também tá tirando umas férias?
- ANA É.
- JOANA Ô Sovaco, viu o Antena por aí?
- SOVACO O Antena não apareceu aqui, hoje. De quem é que eu cobro a cerveja?
- JOANA (Para Ana) Vamo dar um tempo. (Para Sovaco) Dela. (Regina) E aí, mulher, qual é o lance?
- REGINA Tô esperando aí uma vagabunda, que tá dando em cima do meu



- homem. Pior é que agora ele foi preso, né? Eu vou ter que pagar prá ele sair da cadeia, e ele vai lá, lambar o rabo dela.
- JOANÁ Ih, vai te meter em complicação.
- REGINA Não vou me meter em complicação. Eu só vou dar um chega / prá lá, vou dizer: qual é a dela? Tem que largar do pé do homem, ele é meu!
- JOANA Que homem?
- REGINA O Jair.
- JOANA Vai dizer que tu ainda anda com o Jair?
- REGINA Claro! O Jair eu não largo, não largo! Tô com ele e não largo!
- JOANA Mas tu sabe quem é ela?
- REGINA Claro que sei, é uma vagabundinha aí. Não tem mais o que fazer então dá em cima dos homem das outras.
- JOANA Te cuida, tá sabendo que os homê tão dando batida a torto e a direito, né?
- REGINA Deixa comigo, deixa comigo. Agora eu não sou mais de menor, agora... a história é outra. Não volto prá lá.
- JOANA Não volta prá lá, mas vai presa.
- ANA É a mesma coisa.
- REGINA É, bota mesma. Se não for prá penitenciária, aqui fora também é uma merda, quer dizer, prá mim tanto faz como fez, sabe? Só sei que tô querendo dar um fim nessa história toda. Ah, pára, qual é? Então eu sustento o cara, pago as contas dele, visto ele, dou de comer, ele tem onde dormir e aí vê uma bundinha rebolando pela rua e ele sai dando / atrás? Ah, vai se fuder!
- JOANA É, tu sabe que homem é foda, né?
- REGINA Não sei porque a gente se mete com esses sem-vergonha, acho que eu vou cair fora... (Entra Antena)
- JOANA Conta aí, que eu já venho.
- REGINA (Para Sovaco e vendedor) Dá prá engolir uma sacanagem dessas, dá? (Chora)
- JOANA Dá, trouxe a coisa?

ANTENA Troxe da boa, sabe que prá ti é especial.

JOANA Eu sei disso. Olha, o negócio é o seguinte, eu não tenho toda grana, mas eu tenho uma lista de nomes, quer fazer um arrego?

ANTENA Deixa eu ver a tua lista. A última que tu me deu só tinha sujeira no meio.

JOANA Essa é boa. Olha aqui.

ANTENA Esse aqui é cagado, não vale nada.

JOANA Como não vale nada? É doutor, cheio da grana.

ANTENA E esse aqui?

JOANA É gente fina, gente finíssima, tenho o endereço dele.

ANTENA Então manda que eu faço abatimento. Que que tu tem?

JOANA Uma quina.

ANTENA Olha, essa é da boa. Prova. (Oferece uma baga)

SOVACO Já falei que não quero negócio aqui dentro. Depois vem sujeira prá cima de mim. Vão lá na rua. Lá fora.

JOANA Que que é Sovaco, a gente é limpeza.

SOVACO Vai prá rua, prá rua. Limpeza.

VENDEDOR Bate a polícia e fecha o bar do amigo.

JOANA Vai bater a tua punhetinha no banheiro, vai.

VENDEDOR Agressiva, além de tudo. (Saem Antena, Joana e Ana. Afagtam-se, acendem o baseado e fumam. Vendedor aproveitando, aproxima-se mais de Regina .) Não quer dar uma olhada no baralho? Tem revistinha também.

SOVACO Quanto é que tu tá vendendo o baralho?

VENDEDOR Esse aqui é de plástico. Olha só o mulherio que tá aí. / (mostra) Olha só o cassete que essa aí tá chupando...

REGINA Eu não posso ver essas coisas, eu tô sem homem. Se eu olhar, tu já viu, eu fico na pior, né? O Jair tá preso.

VENDEDOR (Duplamente interessado) Mas o que foi que ele fez prá / ser preso?

REGINA Ele sumiu um monte de dia, daí, de repente, aparece na casa da mãe dele, completamente bêbado, tri-ruim, todo picado. Daí a velha, tri-sujeira, chamou a polícia e prenderam ele.



VENDEDOR Que velha sacana.
 REGINA Piranha velha, sabe como é...
 VENDEDOR Tu tem casa?
 REGINA É, eu... (Entra uma mulher)
 VENDEDOR Só um pouquinho, entrou gente boa, vou vender uma revista.
 REGINA Te fecha que essa é comigo. (Para mulher) Vamos lá fora.
 MULHER Que é isso, nem te conheço.
 REGINA Eu te conheço. Vamos prá fora.
 MULHER Sai prá lá, me larga.
 SOVACO Eu não quero encrenca aqui dentro. É melhor ir lá fora.
 MULHER (Saindo) O que é que tu quer comigo? Qual é a tua, hein?
 REGINA Qual é a minha? Qual é a tua de dar em cima do meu homem?
 MULHER Que homem? Não sei do que tu tá falando.
 REGINA Tu sabe de quem eu tô falando, do Jair. Tu tá dando em cima do Jair.
 MULHER Tá louca? Que Jair? Eu não conheço nenhum Jair.
 REGINA Claro que tu conhece o Jair. Ele anda te comendo, não te faz de boba. Tá bancando a espartinha, é?
 MULHER Olha o jeito que tu fala comigo, hein?
 REGINA Como se tu fosse grande coisa. Olha aqui, mulher, larga o Jair, larga o pé dele, eu tô te avisando.
 MULHER Quer saber do que mais? É ele que me procura, eu não tenho culpa, meu amor, eu não tenho culpa que ele vive correndo atrás de mim.
 REGINA Vagabunda! E ele ainda foi preso, sabia? Ele foi preso sa be por quê? Tava roubando um perfume prá te dar, gosta de perfume, não é?
 MULHER Mas vai te enxergar, ô muquirana.
 REGINA Porra nenhuma, enxergar, porra nenhuma!
 MULHER O que é que tu quer que eu faça, se ele vive que nem um cachorrinho atrás de mim? Sabia? Sabia? Eu não tenho culpa se tu não consegue segurar o teu homem.
 REGINA Olha aqui, cala a boca, tá? Tu cala essa boca.
 MULHER É isso mesmo. (ri) Tu não sabe prender o teu homem. (ri)
 REGINA Eu não vou perder ele prá ti. (Tira a faca da bolsa e des

fere golpes na mulher.) Eu não vou perder ele, tu não vai me tirar ele.

- MULHER Aiiii, socorro! Me ajude, alguém me ajude, eu estou morrendo. Socorro!
- SOVACO Polícia! Polícia! Puta merda! Tinha que ser na frente do meu bar.
- JOANA (Que estava fumando e ficara olhando a discussão com Antena e Ana) Vamos embora. Vai dar sujeira.
- SOVACO Esperem, fiquem aqui, quando a polícia chegar, eu é que / vou ter que ficar com esse pepino. Filhos da puta.
(Todos correm. A mulher está caída. Sons de carro de polícia que se aproxima. Black-out. Ana Maria volta à casa dos pais.)
- EDITE (Entra correndo casa a dentro) Comadre, compadre!
- MÃE Que foi, d. Edite?
- EDITE É a menina. Tá chegando. Tá dobrando a esquina. (Para o pai que entra) Acho que ela não tá bem, pelo jeito ' ' que ela tá caminhando...
- PAI Bêbada de novo.
- DORA Deixa que eu falo com ela. (Ana se aproxima um pouco cambaleante) Ana, o que houve? Tu tá bem?
- MÃE Viu Dora, é isso que tu tá vendo. Foi sempre assim. Agora tu conhece bem tua cunhada. Todos os dias ela voltava assim prá casa. Foi por isso que nós botamos ela na Instituição. Agora ela tá aí, repetindo tudo de novo.
- PAI Muito bonito, onde é que tu andou?
- ANA Andei olhando o céu.
- MÃE Olha o estado que ela tá. A gente se preocupando contigo. Pensando em te dar uma vida decente, e o que é que tu faz?
- PAI Eu não te deixei com a tua vó? Por que é que tu não ficou lá com ela?
- ANA (Para mãe) Preocupados comigo? (ri) (Para o pai) Eu falei com a vó, a gente pensou e... eu não tinha mais nada prá fazer lá.
- MÃE Tá desgraçando a nossa família, Ana. Tu sempre estragou tu



do, tu destruiu tudo.

PAI Tanto sacrifício prá nada. Tu não tem vergonha na cara?

ANA Continuem, continuem, eu quero ouvir, falem mais, falem!
(gritando) Eu quero ouvir o que o meu paizinho e a minha
mãezinha tem prá me dizer, falem!

EDITE Minha filha, não grita com os teus pais!

MÃE Ana, tu tá bêbada, é melhor entrar.

ANA Eu não tô bêbada, porra nenhuma.

EDITE Pelo amor de Deus!

PAI Cala essa boca e não dá vexame! Fala baixo. Vem cá.

MÃE A gente deu casa e comida, carinho, roupa lavada, colégio,
e tu? Como é que tu agradeceu? Tu não vai mudar, tu não /
presta, mesmo.

ANA (Para o pai que tenta pegá-la no braço) Não me agarra. /
Não me agarra. Eu tenho nojo da tua mão.

EDITE Vai prá dentro, menina. (Para Dora) Eu nunca vi ela as-
sim.

ANA Eu não vou entrar, eu só quero falar com o Marcelo.

DORA Ele tá trabalhando, Ana. Vamos comer alguma coisa, tá? De-
pois a gente conversa. Tu precisa descansar. Vem, Aninha.

EDITE É, vai, minha filha, não dá tanto sofrimento assim prá tua
mãe.

MÃE Que vergonha! Toda a rua ouvindo o escândalo. Meu Deus do
céu, me mata prá eu não sentir tanta vergonha.

EDITE Comadre, se acalme, reage.

MÃE Tu não presta! Tu não vai mudar nunca! Tu não presta...

DORA (Para a mãe) Por favor, pára com isso. Ana, Ana...

ANA O que é que vocês tão pensando que vocês são?

PAI Fala baixo, gurria!

ANA Não falo! O que é que vocês tão pensando que vocês são, /
hein? O que é que vocês fizeram a vida inteira?

PAI Fizemos o melhor prá ti. Essa é a tua casa e a tua famí-
lia.

ANA Não são coisa nenhuma. Eu não tenho nada a ver com a cara
de vocês. Nunca mais quero ver vocês na minha frente. Eu

detesto vocês todos. Dora, por favor, tira essa criança de perto deles, Dora, senão eles vão fazer a mesma coisa que fizeram comigo. Não deixa, Dora, não deixa ele sofrer. As crianças não deviam sofrer... as crianças...

DORA Ana, por favor, não faz assim.

EDITE Minha filha...

MÃE Eu... eu não queria... (Chora)

ANA Sabem prá onde é que eu vou?...

DORA Prá onde?

ANA Vou voltar prá Instituição. Sabem por quê? Lá eu conheço todo mundo. (Para o pai) Ela tá chorando, não vai chorar também?

PAI Pouca vergonha.

ANA Eu tenho vergonha, por isso eu vou voltar, sabem por quê? Lá quando me olham com raiva, eu sei que é raiva mesmo, / não é que nem tu, e tu (para mãe) que me olham com essas cara cínica, como me quisesses bem, como se fizessem muito por mim, mas não fazem, vocês só estragaram a minha vida.

PAI Tu nunca ia ter isso na tua vida.

DORA Ana, essa aqui é a tua família.

ANA Eu não preciso da família de vocês. Agora eu vou fazer alguma coisa por mim. Vou viver com alguém que amo, eu vou fazer a minha família. Lá eu vou me encontrar, eu vou buscar a minha verdade.

MÃE Que vergonha, que vergonha.

ANA Que vergonha coisa nenhuma. Eu tô apaixonada. Tô apaixonada sabem por quem? Por uma mulher. Eu encontrei o homem que eu tenho dentro de mim!

DORA Ana, o que é isso?

PAI Ela tá louca, essa menina tá louca! Tá enlouquecida! (Mãe apoia-se no pai quase desmaiando)

EDITE Pai Santíssimo! (Benze-se e reza)

ANA Eu não tô louca não, tô amando! Tô amando a minha vida. Eu tô apaixonada. Eu vou lá prá Instituição prá encontrar a Rosana, a mulher que eu amo.



MÃE Vai acabar na sargeta! Desgraçada!

ANA Eu vou ser feliz! Eu vou ser livre!

MÃE Que horror, que horror!

PAI Jogando a tua família na lama, na sujeira, na frente de todo mundo. Vai te embora! Vai!

ANA Vou, vou sim. Eu não quero mais ver a cara de vocês, nunca mais, chega de podridão na minha vida. Eu vou ser feliz, vou ter minha família, feliz, feliz! (Sai correndo de cena)

(Ana perambulando pela rua. Um guarda se aproxima dela.)

GUARDA Que tu tá fazendo por aqui?

ANA Nada.

GUARDA Nada, a essa hora da noite? Vamos ver os documento.

ANA Não tenho.

GUARDA Não tem.

ANA Não tenho, pode procurar.

GUARDA Vamos lá, garotão, vamos explicar essa história lá na delegacia.

ANA Não perde tempo, me leva pro Juizado, sou menor.

GUARDA Lá na delegacia tu explica.

ANA É pro Juizado que tu tem que me levar.

GUARDA Cala a boca. Vamos indo.

ANA Me larga. Eu vou sim, me larga.

GUARDA Bico calado.

ANA Eu vou porque eu quero.

(Ana volta à Instituição. É recepcionada por Américo. Ele está sentado na sua cadeira giratória observando Ana à sua frente.)

AMÉRICO Então o passarinho voltou prá gaiola. Conta prá mim por que voltou? Hein? Bom, já que o passarinho voltou, nós temos que ser amigos, não é? Será que não estava bom lá fora? (ri) Se preferiu voltar, é porque aqui dentro está melhor, não? (irônico) Muito bem, "filho pródigo"; agora a coisa vai ser bem diferente. Vai ser mais duro do que antes. Vai ter que te cuidar comigo, tá ouvindo? Voltou sé-

ria. Muito séria. E esse cabelo?
 Cortei.

ANA
 AMÉRICO
 Pois eu acho bom ele crescer logo. Pensa que eu não estou te entendendo? Estás muito enganada se pensa que vai ficar dando uma de machão aqui dentro! Eu vou ficar de olho em ti, ouviu? Deixa crescer esse cabelo e dá um jeito de raspar essas pernas. E usa um vestido!!! (pausa) Vai falar com o Julião, ele tem uma missão prá ti. Um mês lavando louça lá na cozinha, vai te fazer muito bem. Vê bem o que tu estás armando dentro dessa cabeça aí, entendeu? / (silêncio) Vai, sai da minha frente. Prá cá! Pelos fundos. (Meninas conversam no pátio)

MERENDINHA
 Consegui o que eu queria.

MARTINHA
 Trepou com o Julião?

MERENDINHA
 Tô falando que consegui os desodorante.

MARTINHA
 E daí?

MERENDINHA
 Tá tudo lá no quarto. Lúcia, agora eu preciso da tua caixa.

LÚCIA
 Olha só! (Ana aparece no fundo)

MERENDINHA
 A Ana tá de volta. (Correm e envolvem Ana) Voltou, Ana, o que aconteceu?

ANA
 Ó!

LÚCIA
 Tá tão bonita.

MARTINHA
 Cortou o cabelo!

VERA
 Ficou uma graça com o cabelinho curto...

MERENDINHA
 Como foi que te pegaram?

ANA
 Na praça. Fui dar uma volta...

LÚCIA
 Fiquei chateada contigo. Eu queria fugir contigo.

ANA
 Não deu tempo de avisar.

MARTINHA
 Nós temos que fazer uma festa de arromba.

VERA
 Tenho uns Optalidon lá no quarto.

LÚCIA
 Tu tá a fim? Podemos festejar hoje...

ANA
 Eu passo lá.

MERENDINHA
 Eu tenho uns desodô ótimos!

MARTINHA
 Eu levo os meus.

(Surge Aurora na outra extremidade. Ana tenta dirigir-se para ela.)

VERA

(Segurando-a) Tu não contou nada lá de fora.

LÚCIA

E a Dalva? Falou com ela?

ANA

A Joana me disse que ela voltou.

MERENDINHA

Mas não esquentou. Se mandou dois dias depois.

MARTINHA

Tem uma onda aí que apagaram ela.

(Ana consegue desvencilhar-se das meninas e aproxima-se de Aurora)

VERA

Ana, vem cá, me diz como é que te prenderam... Ana...

(As meninas saem jogando bola. Vera ainda fica uns instantes.)

ANA

Oi!

AURORA

Oi. (Corre para a outra extremidade. Ana a segue) Te pegaram...

ANA

É, me pegaram.

AURORA

E lá fora, como é que tá?

ANA

Tá uma barra pesada, como sempre.

AURORA

Mas lá é melhor que aqui...

ANA

Tu não sabe como era lá. Não tinha nada prá fazer.

AURORA

Foi tu que quis voltar?

ANA

Foi.

ROSANA

Eu só fiquei sabendo que tu tinha fugido no outro dia.

ANA

Não deu tempo prá te buscar na outra Unidade prá gente fugir junto.

AURORA

Eu não ia ter coragem. (Ana segura sua mão)

ANA

Nem comigo? (Olham-se) Tava com saudade de ti, dos teus olhos. Eu tive medo que tu não gostasse mais de mim.

AURORA

Tu que fugiu...

(Beijam-se)

(Foco de luz em Ana Maria que está só em cena.)

ANA

Joana morreu. Ela roubou um patinho de uma loja de artigos importados. Um patinho amarelo de lata, que ao se dar corda, sai rebolando, abrindo e fechando o bico vermelho. Joana se apaixonou pelo patinho. Todos os dias ia na loja



brincar, até que o velho, dono da loja, proibiu sua entrada. Ela resolveu roubá-lo. Ela não atendeu à ordem de parar. O velho chutou o seu corpo sem vida, querendo arrancar de sua mão o patinho de folha, gritando: ladrona, ladrona! Uma lágrima escorreu de seu olhos vazios e misturou-se com o sangue que manchou o meio-fio. Um patinho custa mil e duzentos cruzeiros.

(Menina com violão, canta em versos a ascensão de Ana como o machão Barba ; as suas façanhas amorosas e a fama de líder por ela conquistada.)

MENINA

Às vezes perdida; outras confundida,
Ela estará sempre na memória
Daqueles que compreenderam sua vida.
Revelo aqui, em versos, então, sua história.

Também nunca esquecerão
Os falsos e desumanos sem paciência,
Que tanto ajudaram na destruição
E agora carregam o crime na consciência.

Logo Ana foi por Paula adotada,
E com Odete resolveu casar,
Barba passou então a ser chamada
Destronando o pai e tomando o seu lugar.

Na Instituição haviam inúmeras famílias,
Os machões representavam o pai,
As meninas no papel de filhos e filhas,
Formavam assim um verdadeiro lar.

Machão autêntico como nunca tinha havido,
Com diversas mulheres para amar,
Galo passou a ser seu apelido
Idolatrado pelas menores do lugar.

O tempo então foi passando
Ela sem nada a temer,



A vaidade foi aumentando,
Glória e fama a crescer.

Nas filhas sempre muito apaixonadas,
O seu desprezo causava imensa dor,
Sentindo-se da mãe enciumadas,
Escreviam para o pai longas e lindas cartas de amor.
(Meninas tentam envolver Barba e entregar-lhe suas cartas declarando seu amor por ele.)

- I Galinho!
- II Paizinho!
- I Galinho, ô Galinho! Ai, meu Deus. Pelo amor de Deus, Galinho!
- III Pai, olha aqui prá mim.
- II Olha a cartinha que eu escrevi prá ti. Olha!
- I Ai, assim não, assim eu me mato.
- IV Se tu não ler isso aqui, vai te arrepender pro resto da vida.
- III Barba, Barba, pega, pega, pega isso aqui. Aiii!!! Ele pegou, ele pegou. Ai. Aiiii!!!!!!
- I Galo! Ai Galinho, agora o meu, pega o meu, Galinho...
- IV Barba, tu vai te arrepender. Barba, eu penso em ti. Só em ti...
- III Tesão! Psiu, psiu! Tesão! Barba... Ai, ai, aiii... pegou
- I Ai, ele só não pega o meu.
- III Barba meu amor!
- IV Ele pegou, ele pegou! Ele pegou o meu, nem acredito, anado amor...
- III Barba, Barba! Tô falando contigo... me ouve gostoso...
- I Prá ti, ó, só prá ti, aiiii, pegou, gurias, ele pegou!
- IV Eu tenho certeza que tu vai sentir a mesma coisa que eu sinto. Ai, ai...
- III Tô falndo contigo, Barba. Galo, galinho! Galo, Galinho...
- TODAS Ai, Barba, meu amor, Galo, Galinho, te amo... (Gritos)
(Américo irrompe pelo espaço espalhando as meninas que



assustadas começam a recolher as cartas espalhadas pelo chão.)

AMÉRICO

Vamos parar com essa algazarra! (Para Barba) Já começou a fazer barulho, né? Eu tô te cuidando. Quem é o Solon aqui? (Silêncio) (Ri) Ah, ninguém sabe, é? O Solon andou faltando com o respeito a essa Instituição. Eu já sei tudo que ele andou fazendo no pátio. Uma vergonha. (Para Barba) Tu sabe quem é o Solon ?

BARBA

Não.

AMÉRICO

Ninguém sabe, né? Todo mundo gosta de trepar com ele, mas não sabem quem ele é. Suas putinhas, respondam quem é o Solon, suas galinhas... Aonde está esse machão que não se acusa?... Muito bem. Se ninguém quer falar, eu falo: vo cês estão com fome? Não sacode a cabeça, responde!

MARTINHA

Tô.

AMÉRICO

Pois não vai jantar. Ninguém janta hoje. Querem jantar? / Quer? (Para Vera) Quer, coisinha?

VERA

Quero.

AMÉRICO

Pois não vai. Se não me disserem quem é o Solon. (Silêncio) (Ri) Está bem. Não estão gostando da comida. Além de não jantar, não vão dormir cedo. Vão trabalhar. Vão capinar o pátio até madrugada. (Silêncio) Quem é o Solon?... Vai ser muito pior prá vocês. Pela última vez, quem é o Solon? (Vera começa a chorar) Tá bom, então além de não comer, de trabalhar, vocês vão passar a noite no paredão. (Vera chora mais alto) Paredão! Paredão!

VERA

(Aponta Lúcia e chora) É ela!

AMÉRICO

(Ri) Ah! É essa de olhos baixos. Olha prá mim! Não tem coragem, esse machão não tem coragem de olhar prá mim? Prá frente! Machão sem saco. Tem que aprender a respeitar. / (Bate-lhe no rosto e nas costas, machuca o dedo) Ai, meu dedo. Tu vai levar o teu: pisei meus dedos nos teus ossos. Faz massagem no meu dedo. Anda, massageia! (Lúcia lenta e silenciosamente começa a massagear-lhe o dedo) Te abaixe! Assim, devagarinho, isso. É dedo de menina que eu que

ro ver. (ri) Tá bom. Agora beija o meu dedo, beija. (Ela beija, ele ri) Vocês viram o machão? (Pausa) É isso aí que vai acontecer com vocês daqui prá frente. Te cuida Ana Maria, te cuida, viu? Machão sem saco, machão duma fi-ga. (Para Lúcia) Levanta. Que que é que tão esperando, / saiam da minha frente! (Sai)

VERA

(Para Lúcia) Eu tava com medo, pô! Eu já apanhei o bastan-te, não quero apanhar mais!

LÚCIA

Eu só não te quebro a cara, porque tu é filha do Barba ./ Viu? E ele é meu amigo. Por que senão, paredão ia ser pin-to, perto do que eu ia fazer contigo.

BARBA

Ia...

LÚCIA

Educa melhor essa tua filha.

BARBA

Educar melhor nada, tu que tinha que ser macho, não isso aí que tu é. Nunca vi, beijar a mão do Américo. Que nojo!

LÚCIA

Ia fazer o quê? Beijando ou não eu sei que eu vou apanhar.

BARBA

Então, não precisava beijar. Vai direto prá sola, enten-deu? Eu não beijava.

LÚCIA

Tu é tu. Eu já tô cansada disso.

BARBA

Pelo menos tu apanhava com dignidade.

LÚCIA

Dignidade? Vem me falar em dignidade aqui dentro? Que que é isso, hein?

BARBA

Eu aprendi a ter a minha. Foi foda mais aprendi. Tu não te lembra da Isabel? É, isso também já aconteceu comigo. A Isabel era uma filha que eu tinha que tava apaixonada por mim. Uma noite, eu mais o Paulão conversávamos e ela veio trazer uma carta prá mim. Ela queria que eu dis-
virginasse ela...

ISABEL

Barba , paizinho querido. Tô apaixonada por ti, não posso mais esperar. Ainda sou virgem. Quero perder a virgindade mas tem que ser contigo. Sonho todas as noites com esse / momento. Paizinho do coração, te espero no banheiro. Mas vem sozinho. Um beijo. Isabel

BARBA

Ela vive me mandando carta. Quer que eu tire o cabaço de-la.



CARONA Tem mais é que conferir o lance.

BARBA Não vou.

PAULÃO Tem que conferir. Tem que ver, pô.

BARBA Conferir o quê?

CARONA Se ela tá insistindo tanto...

BARBA Não tem nada ali prá conferir.

PAULÃO Vamo lá, Barba, vamos tirar um sarro.

CARONA Claro, não temos nada prá fazer mesmo.

BARBA Ah, só por isso mesmo.

CARONA Simbora!

PAULÃO Falô!
(Dirigem-se para o banheiro)

ISABEL Eu disse prá ti vir sozinho.

BARBA Eles tavam comigo, quiseram vir...

ISABEL O que vocês quer aqui?

BARBA Queremos ver se tu é virgem mesmo.

ISABEL Sujeira, né?

BARBA Sujeira nada.

PAULÃO O pai resolveu trazer os tios prá ver.

BARBA Vem com o paizinho...

ISABEL Pára. Por que é que tu tá fazendo isso comigo, Barba? Eu disse prá ti vir sozinho.

CARONA Para matar a vontade um só é pouco.

BARBA Senta aí.

ISABEL Ai, Barba, não faz isso comigo.

BARBA Eu não tô fazendo nada contigo, ainda.

ISABEL O que é que vocês querem?

BARBA O paizinho quer ver se tu é virgem...

PAULÃO Mostra pro tio também... Isso, baixa as calcinha pro paizinho...

ISABEL Ai, Barba! É claro que sou virgem.

BARBA Vamos ver, dois dedos... Entrou dois dedos. (risadas)

ISABEL Ai, é mentira.

CARONA Virgem, hein?

ISABEL Claro que sou.

PAULÃO Bota mais um, bota três.

ISABEL Ai, pára! Não faz assim. Não me judia, paizinho.

BARBA Olha aqui. Entra quatro dedos. (Riem)

ISABEL Ai, Barba, qual é? Por quê?

BARBA Porque o quê? Onde é que tu é virgem? (rindo)

ISABEL Agora chega. Pára. Falei prá ti vir sozinho, né Barba?

BARBA Ah, pára, Isabel. Ainda vim perder o meu tempo. Que virgem, o quê? (Isabel começa a chorar)

PAULÃO Vamo vê a bundinha agora, te vira.

CARONA Ai, coitadinha! Ela é virgem.

PAULÃO Vamos, vira!

ISABEL Eu vou chamar o Julião. Pára... Aiii, agora chega, Barba tá doendo!

PAULÃO Chama o Julião pau-grande, chama ele, chama... (Risadas)

JULIÃO O que está acontecendo aqui, hein? O que tem o Julião? Vamos levantando, suas vagabundas! Levantem!!!

(Entra Américo)

AMÉRICO Mas o que é isso?!? É isso aí, senhores. O que é que merecem essas meninas? É duro. O que eu, como chefe desta / Instituição, desta Unidade, devo fazer? Como proceder em nome da moral e dos bons costumes, para preservar essa mesma moral e bons costumes e principalmente o nome dessa casa? Como deveria agir para que tudo isso não acontecesse? Para que essas meninas não se violentassem? O que é que / eu devo fazer? É uma tarefa árdua. Nós temos uma única solução: o castigo; que se bem aplicado, talvez possa fazer com que se lhes sejam restituídos o bom senso e o equilíbrio. (mas que também não tem resolvido). É o que resta a fazer: castigá-las. Paredão! Paredão com elas!!!

(Segue-se toda a preparação para o castigo)

(Depois de serem castigadas, as meninas estão caídas no chão. Entra Isabel .)

ISABEL Como é que vocês tão? Tá muito machucado, Barba? Espera aí, eu vou ajudar.

BARBA Tudo bem, o Carona tá pior.

ISABEL

O Carona? (Corre para ajudá-la) Tenho uma coisa boa prá contar prá vocês: o Américo vai embora. Ele vai embora!

BARBA

O Américo?

PAULÃO

O quê?!?

ISABEL

É verdade! Tô falando sério, ele vai embora! Diz que vem uma mulher aí, uma tal de Aparecida Fortuna. Não sei quem é, diz que parece que ela é legal. Já pensou? (Barba ri) Diz que ela vai acabar com o paredão...

BARBA

Acabar com o paredão, isso eu duvido.

ISABEL

Vai sim...

(Entra Aparecida Fortuna)

FORTUNA

A partir de hoje, o diálogo e a compreensão serão as palavras de ordem aqui dentro. Nós vamos acabar com a sujeira. Nós vamos acabar, inclusive, com esse absurdo que é o paredão, as surras, os castigos. Mas para isso, conto com o auxílio de todas vocês. Quero que a gente converse sobre tudo. Quero que vocês me ajudem a por isso aqui nos eixo novamente. Vocês têm que me ajudar, vocês precisam confiar em mim. Eu sou mulher como vocês. Posso entender melhor / os problemas de vocês. Vai ser muito mais fácil daqui por diante. Vocês podem contar comigo. Assim eu espero também poder contar com vocês. (aplausos)Muito bem. Acho que seremos amigas. Ana Maria, quem é Ana Maria aqui?

BARBA

Eu, aqui.

FORTUNA

Ana, eu tenho uma notícia bastante boa prá ti. Faz parte da minha administração, liberar algumas meninas, as mais velhas e com melhores aptidões, para viver num pensionato / da Instituição e procurar emprego, enfim, procurar viver como uma pessoa normal, fora daqui. Foste uma das escolhidas. E isso, eu espero, que todas aqui, um dia, consigam! Ana Maria, eu te desejo muita sorte. (Entrega-lhe uma espécie de canudo)

BARBA

Obrigado. Quer dizer que agora eu estou formado...

PAULÃO

Vê se vem visitar a gente.

BARBA

Eu venho.

ISABEL Não esquece de mim, Barba.

PAULÃO Tchau!

BARBA Tchau. (Recebendo uma pequena mala com os seus pertences)

TODOS Tchau!

(Barba, falando para a platéia a carta para a avó)

BARBA Querida vó: espero que tudo esteja bem contigo aí. Aqui eu tenho muitas novidades: não tô mais lá na Unidade, agora eu moro num pensionato da Instituição. Aqui eles me tratam bem, tô trabalhando numa imobiliária, posso sair e já conheci um paco de gente. Me sinto muito feliz! Aqui, no pensionato tem uma funcionária, a Jurema, muito boazinha, que me prometeu ajuda. Ela conhece uma senhora que consegue bons empregos para as meninas que saem da Instituição. Eu não sei direito o que é. Mas vou conhecer essa mulher hoje. Vou conversar com ela e depois te escrevo. Acho que vai ser bom prá mim. Tchau, vó. Um beijo, saudade da Ana.

JUREMA (Entrando) Então Ana, tá pronta?

BARBA Tô. Eu só não sei o que falar com ela...

JUREMA Então vamos indo antes que escureça. Pode deixar que eu falo com ela. Depois eu te apresento. Tu vai adorar. Ela é realmente uma pessoa muito acessível, muito boa, ela vai gostar de ti. Ela já ajudou um monte de gente, todas as meninas que saem daqui eu levo prá lá. Ela arruma a vida de todo mundo.

BARBA Eu queria que tu me explicasse melhor... Olha, se eu tiver que bater máquina, eu não sou muito rápido.

JUREMA Não precisa te preocupar. Ela vai te explicar direitinho, vamos.

BARBA Será que eu vou ganhar bem?

JUREMA Se vai. Tenho certeza que ela arruma colocação logo, logo prá ti. Ela tem muitos amigos... Gente importante. Olha, é aqui, vamos entrar...

(Entram numa sala onde está uma mulher pintandô as unhas dos pés.)

JUREMA Oi, Nenete.



NENEETE Oi Jurema, quanto tempo?!
JUREMA Pois é, a d. Irene tá aí?
NENEETE A madrinha saiu. Acho que foi no cabelereiro. (rindo) Hoje tem festa.
JUREMA Então ela vai demorar. Espera aí, Ana, vou ver se falo com a Julieta.
NENEETE Ela tá lá prá dentro.
BARBA Jurema, eu tô achando estranho isso aqui.
JUREMA Não tem nada de estranho. Conversa aí com ela, Nenete. Já volto.
NENEETE (Se aproximando mais de Barba) Como é que é, gostosão, tá a fim dum amorzinho?
BARBA Não, não é nada...
NENEETE Ai, é a primeira vez. Tu nunca teve com mulher antes? / (tenta beijá-lo) É a primeira vez?
BARBA Que primeira vez? O que é isso...
NENEETE Quem sabe tu tenta comigo, não precisa ficar nervosô. Eu te ensino direitinho.
PELADA (Entra furiosa, semi-despida) Ai, eu não sei mais o que fazer com aquele velho. Já chupei, já lambi, já mordi, já fiz de tudo! E ele lá, já fiz de tudo e agora ele dormiu. E tem freguês me esperando. (Vai ao fundo, na penumbra, se abraça com um vulto masculino)
BARBA Jurema, ô Jurema, afinal o que é isso, hein?
NENEETE Querido, não precisa ficar com medo, vem com a tia, vem...
BARBA Que história é essa? Me larga! (Entra Jurema)
NENEETE Ele nunca teve com mulher? Tá tão nervoso.
BARBA Escuta aqui, titia, não tá vendo que eu sou paraíba?
JUREMA Que que tá acontecendo aqui?
BARBA Que história é essa dela ficar me agarrando?
JUREMA Nenete, será que tu não viu nada? Tu é burra?
NENEETE Ah, um galetinho desses...
JUREMA Tu não tá vendo que é uma guria? Ana, vem cá que eu vou te explicar...
BARBA Já entendi tudo, olha eu quero um emprego. Não essa sujei



rada toda aqui!

NENEPE Tá pensando o quê, hein?

PELADA (Vem atraída pela discussão) Que orespinho, um gurizinho desses tá com medinho, tá?

JUREMA Não tem sujeira nenhuma, que sujeira que tu tá vendo?

NENEPE (Para Pelada) Ele é mulher!

BARBA Essa porcalhada toda aí...

PELADA O quê, mulher?

NENEPE Fecha essa boca. Tá pensando o quê? Putinha de merda.

BARBA Eu não quero vender o meu corpo.

PELADA Escuta aqui, minha filha, tu tem outra escolha?

JUREMA Ela fica tirando onda de inteligente, escreve poemas. Olha, aqui tu vai ter o teu dinheiro livre mais casa e comida. Já vi muita guria da Instituição se arrumar na vida aqui dentro.

NENEPE Com certeza a Instituição é melhor que isso aqui.

BARBA Porra, Jurema, até parece que tu não me conhece. Tá sabendo que não é nada disso que eu quero prá mim.

PELADA Olha, filhinha, aqui tu leva a grana, que mais que tu quer?

JUREMA Olha Ana, tu pode ter as tuas mulher por aí, mas isso não impede que tu venha aqui e faça o serviço com os homens.

BARBA Eu transo com quem eu amo! Isso aqui é sujeira, Jurema, o que que tu tá fazendo?

JUREMA Pergunta prá elas se elas não tão satisfeitas? Eu arrumei emprego prá muita gente aí. Muita gente vem aqui e se dá bem, porra...!

BARBA Eu tenho nojo de vocês. (Vai saindo)

PELADA Vem, minha filha, vamos parar com isso, tá. Isso aqui é / uma profissão como qualquer outra. Nós ganhamos o nosso / dinheiro honestamente.

NENEPE Tu acha que é dinheiro sujo, e tem dinheiro limpo nesse / mundo?

(Barba sai, Jurema vai atrás.)

JUREMA Olha aqui, guria, tu me fez passar vergonha. Te trago aqui.

Tento fazer o melhor prá ti... Não adianta mesmo, olha, eu não te ajudo mais.

BARBA Eu vou te dedar na Instituição.

JUREMA Experimenta e vai ver o que te acontece. Experimenta.

BARBA Vai te fuder, o que tu tá pensando?

JUREMA Polícia! Polícia!

(Barba entra numa Delegacia acompanhado por um guarda)

GUARDA Vai te pelando! Tá esperando o quê? Anda logo, vai te pelando! (Barba começa a se despir) Pois é, doutor, a mulher começou a gritar por socorro, quando segurei o pivete, o que aconteceu? a mulher tomou chá de sumiço! Ele tá sem documento e as histórias não casam, achei melhor o senhor dar uma conversada com ele.

DELEGADO (Observando Barba enquanto se despe) Vira prá cá, rapaz, tá com vergonha?!... Mas, o que é isso... Tu é paraíba?

BARBA Não doutor, sou paraense. (Guarda começa a rir epãra brusamente sob o olhar repressivo do Delegado)

DELEGADO Paraense, é. E por que é que tu tá usando cuecas?

BARBA É que a minha mãe é muito pobre. Eu não posso comprar calcinhas, aí uso as cuecas do meu irmão.

DELEGADO A tua mãe é muito pobre... Olha, quanto mais tu manter a boca fechada, melhor prá ti, tá ouvindo? Qual é o teu nome?

BARBA Ana... Ana Maria.

DELEGADO Idade?

BARBA Dezesete, incompletos.

DELEGADO Onde mora?

BARBA Num pensionato da Instituição.

DELEGADO Logo vi. Nós temos aqui um pátio, especial para menores, assim como tu. Manja pátio de mineração?

BARBA ... Não...

(Delegado faz sinal para Guarda)

GUARDA Vamos lá, vamos lá. Não, não, não, vai deixando a roupa aí. Baixa aí. Bota o dedo indicador no chão. Agora, caminha em volta. Caminha no redor. Não tira o dedo do chão.

DELEGADO Levanta essa bunda. Mais alto, mais alto! Sem parar, se-
não vai perder petróleo.

GUARDA Em frente, em frente!

DELEGADO Canta, menininha pobre, canta pro titio, canta.

BARBA Eu não sei cantar.

DELEGADO Canta!

BARBA Se outro cabeludo aparecer, na sua rua...

(Os dois riem)

DELEGADO Tá desafinado, minha filha. Chega. (Para o guarda) Leva
ela prá cela.

(Guarda leva Barba para a cela. Barba acha um toco de
cigarro. Junta.)

BARBA Tem fogo aí?

GUARDA Doutor, doutor, olha só, ela tá purando um fuminho.

BARBA Não é fumo, é cigarro.

DELEGADO Mas não é possível!

GUARDA E ainda teve a cara de pau de me pedir fogo.

DELEGADO Olha só, quer dizer que a menina gosta de uma piraçãozi-
nha...

BARBA Isso é um toco de cigarro, não tá vendo?

DELEGADO Ele disse que é fumo, não disse? Então é fumo! Sabe, nós
estamos sem faxineira. E limpar as latrinhas também é uma
piração, sabia? E depois, limpeza geral na Delegacia. (pa-
ra o Guarda) Pode levar.

(Mais tarde, no Pensionato)

JUREMA Ué, aonde tu pensa que vai?

BARBA Pro meu quarto.

JUREMA Não vai coisa nenhuma. Onde é que tu andava? Tá todo mun-
do te procurando. Há dois dias que tu não aparece.

BARBA E tu não sabia onde eu estava?

JUREMA Não faço a mínima idéia. Ninguém sabia. Telefonaram da i-
mobiliária várias vezes. Eu não sabia mais o que dizer...
Como somos os responsáveis por ti, tive que explicar que
estavas sumida. Sinto muito, mas perdeste o emprego. Tu
some, não dá explicação... Isso não se faz. Agora, tu per



deste a vaga no Pensionato.

BARBA

O quê? Tu sabia que eu tava preso. Só me largaram depois que eu limpei toda aquela merda deles. Tu sabia!

JUREMA

Eu vou lá saber onde tu te mete? Tenho mais o que fazer aqui dentro.

BARBA

Tu não me dedou prá aquele guarda?

JUREMA

Tá ficando louca? Olha, vai lá dentro que tem gente te esperando.

BARBA

Quem quer falar comigo?

JUREMA

Um orientador lá da Instituição. Devem estar com saudades de ti, vão te levar prá lá de novo...

BARBA

Qual é a tua, hein?

JUREMA

Eu faço o que me mandam. E não discute comigo, tá ouvindo? Vai arrumar as tuas coisas. Tu vai voltar hoje mesmo prá Instituição. E não me olha desse jeito, eu não tenho nada com isso. (Um homem aparece na porta) Aninha, eu gosto / muito de ti...

(Barba volta para a Instituição)

BARBA

Me botaram no "Caça Petróleo", e depois tive que lavar as latrinas e tudo... Puta merda.

MERENDINHA

Ninguém ia pensar uma coisa dessas da Jurema. Ela parecia ser tão amiga de todo mundo.

BARBA

Amiga... O que ela fez prá mim. Meu patrão ligando toda hora pro Pensionato prá saber de mim, por que não ia trabalhar, passei dois dias sem ir na imobiliária, e ela falando que eu tinha fugido, que não tava merecendo a confiança que "todos" tinham depositado em mim.

MERENDINHA

Cretina.

BARBA

Filha da puta, é o que ela é.

MERENDINHA

Bom, aqui as coisas não andam boas, também. Pegaram a Dalva...

BARBA

Putá... A surra que ela não levou...

MERENDINHA

Ninguém mais viu ela. Ela não foi trazida prá cá.

BARBA

E a Fortuna?

MERENDINHA

Acho que não tá conseguindo segurar. O pior de tudo tu não



sabe, te lembra do seu Manoel?

BARBA Aquele que vivia cantando ópera? Da Unidade 6? Claro, todo mundo gosta dele lá.

MERENDINHA Ele foi despedido.

BARBA Por quê?

MERENDINHA Ninguém sabe. Veio da Sede. A d. Fortuna não pode fazer nada.

BARBA Mas isso tá foda, mesmo!

MERENDINHA E já chegou o substituto do seu Manoel.

BARBA Quem é?

MERENDINHA Parece que o homem é primo, sei lá, parente do Américo.

BARBA Mas é assim que os caras tão realmente a fim de ajudar a gente?

LÚCIA (Entrando) O seu Manoel... (Chora)

MERENDINHA Fala, guria.

LÚCIA Ele morreu.

BARBA O seu Manoel?

LÚCIA A mulher dele tá aí, ele morreu do coração. Diz que foi / porque despediram o velho. Ele passava todo tempo aqui, / não resistiu.

MERENDINHA Morreu de desgosto.

BARBA Sujeira.

LÚCIA Ele era o único cara que conversava com a gente. Era o mais legal que tinha aqui dentro.

BARBA Morreu de desgosto esse cara. Isso não tá certo. A gente tem que fazer alguma coisa.

LÚCIA Mas o que a gente pode fazer, Barba?

BARBA Vamos falar com todo mundo. Vamos reunir o pessoal. (As meninas vão aparecendo de todos os lados) Olha aqui, pessoal, atenção aqui, ó: sei que vocês já tão sabendo, botaram o seu Manoel prá rua. É, o seu Manoel que ajudava a gente, que falava com a gente, que gostava da gente, que defendia todas as meninas aqui dentro da Instituição. Eu pergunto: que que é isso? Como é que botaram um cara desses prá rua? E isso na administração da d. Fortuna, que



diz que quer nos ajudar, ser nossa amiga? Nós não podemos permitir que isso aconteça. Mais grave ainda que isso, é que o seu Manoel morreu! É, morreu! Morreu de desgosto. Isso não está certo. Nós não podemos admitir que isso volte a acontecer. Vamos fazer um abaixo-assinado, protestando contra a atitude da administração. Um homem bom, honesto, trabalhador, é afastado de seu trabalho. Ele deu a vida toda pelas meninas da Instituição. Agora ele tá morto. É justo isso? É justo?

FORTUNA

(Entrando) Meninas! Tenho uma notícia muito triste para vocês, talvez já saibam: o seu Manoel foi despedido ontem e, talvez em consequência disso, faleceu hoje pela manhã. Eu sei que essa é uma hora muito triste e quero que saibam que estou com vocês, como sempre. Ele era uma pessoa muito bondosa, sempre preocupado com vocês. Prá mim tem sido difícil... Nessa luta, que tenho travado aqui dentro, tenho procurado manter o diálogo com vocês. As pressões... O que eu quero pedir é que evitem desordens aqui dentro. Nós não podemos permitir que a violência volte a imperar aqui dentro.

BARBA

Nós não queremos que as marcas que temos em nossos corpos fiquem maiores. Não queremos ser espancadas. Queremos ser respeitadas como seres humanos. Nós não temos culpa se nossos pais nos jogaram aqui dentro. D. Fortuna, isso aqui é um abaixo-assinado de todas as meninas da Instituição, protestando pelo afastamento do seu Manoel e pedindo que se decrete três dias de luto na Instituição.

FORTUNA

Eu o entrego a Administração. A partir de agora, a minha situação vai ficar muito difícil aqui dentro. Mas de qualquer forma, estarei sempre ao lado de vocês.
(As meninas ficam esperando uma resposta.)

AMÉRICO

(Entra acompanhado de Julião) Várias de vocês que estão aqui já me conhecem. Estou voltando a direção desta casa. D. Fortuna foi afastada. Foi afastada por ser permissiva, condescendente, foi afastada por ser... mulher, de bom co

ração. E vocês abusaram daquela que foi uma mãe vo-
cês. Vocês são as culpadas pelo afastamento da d. Fortuna.
Eu estou de volta para por ordem, disciplina e organiza-
ção nessa casa. O que não havia na administração anterior.
De hoje em diante vai voltar a linha duar a minha adminis-
tração. Portanto, (para Barba) os "machões" que se preo-
cupem em cumprir as ordens e não tomarem atitudes agressi-
vas e de liderança. Aqui dentro ninguém é líder. Quem man-
da sou eu! E vocês são todas iguais, todas a mesma imundi-
cie. Vocês têm que ser transformadas em pessoas de bem, pa-
ra poderem ser reintegradas na sociedade. Porque vocês sa-
bem de onde vieram. Eu quero: obediência nos horários às
aulas, refeitório, trabalho e muito respeito. Não permiti-
rei fugas. Aquela que fugir será severamente castigada. /
Exijo o maior respeito a qualquer um dos meus funcionários.
Julião, encaminhe as meninas para os seus deveres.

JULIÃO

Sim senhor. Vamos dispersar, vamos dispersar. Vocês não
ouviram?

(Todos saem. Bigode está só em cena. Aos poucos, as meni-
nas começam a entrar visivelmente animadas)

LÚCIA

Barba! Barba! O abaixo-assinado foi publicado.

BARBA

O quê? Foi mesmo?

MERENDINHA

Foi, sim. Foi publicado. Já faz tempo.

BARBA

Era isso que nós precisava. Agora eles começam a nos res-
peitar.

VERA

Eu ainda não acredito. No jornal, o nosso nome no jornal.

AMÉRICO

(Param de falar e abrem a roda. Barba fica a frente das
meninas) Quero falar contigo.

BARBA

Estou a sua inteira disposição.

AMÉRICO

Como é que você me explica a publicação desse abaixo-assi-
nado? Fala!

BARBA

Não sei de nada.

AMÉRICO

Não sabe de nada? Quer acabar com a minha administração!/
Quer acabar comigo, quer? Mas não vai conseguir. Vai ver
o que vai te acontecer, machão filho da puta. Como é que



isso chegou ao jornal?

BARBA
AMÉRICO

O abaixo-assinado foi entregue à d. Fortuna. Dessa vez tu não escapa do paredão. Eu vou acabar com essa tua alegria. Machão, eu te prometo que tu vai sair daqui com os bigodes brancos! (Para outras meninas) E não quero saber de algazarra...

(É interrompido por Suzanita que entra falando)

SUZANITA

Vamos logo. O que vocês tão fazendo aqui? A peça vai começar, olha aí, tá todo mundo esperando prá ver a peça. (ri) Vocês não vão se arrumar? Mas eu é que vou fazer o papel principal, né? Vou ser a artista principal. Vou ser famosa. É, eu agora sou artista, vou trabalhar na peça do Barba . A gente não vai deixar ele (aponta Julião) entrar, / né : Barba? Nós vamos fazer um circo! E se a lona furar, / hein? Aí vai chover no circo. E a gente não tem sombrinha. Tem, Barba, a gente tem sombrinha?

BARBA

Não...

SUZANITA

Os artistas não podem se molhar. Os artistas... Ah, eles/ tem sombrinha. Eu, eu vou ficar famosa, né Barba? Nós vamos viajar por todo mundo. Todo mundo vai ver a nossa peça. E aí eu vou prá televisão. Eu vou ganhar uma casa bem grande. Comprar um ônibus. E viajar, viajar, viajar na televisão. (para Merendinha que chora baixinho) Não chora, / agora nós vamos ser muito feliz. Só pode chorar tele-lá- / grimas.

AMÉRICO

Julião, leva essa menina daqui.

SUZANITA

O seu Américo vai construir a casa prá nós, com gramado, / sem paredão, sem injeção, sem escuridão, solidão. Às vezes eu sinto tanto a falta... parece um corte... A injeção não... (para Julião que tenta segurá-la) me larga, a injeção não... (corre para Américo) O seu Américo vai comprar um ônibus prá nós... nós vamos fazer a peça do Barba na televisão... O senhor vai comprar roupa para todo o mundo.

AMÉRICO

(Para Julião) Retira ela daqui!



SUZANITA Vai comprar sapato, eu adoro sapato, ele vai ajudar. É verdade, ele falou. Ele gosta da gente. Lá fora ninguém / gosta de mim, pensam que eu tenho sapato.

JULIÃO Vamos, tem que comprar sapato prá viagem.

SUZANITA A viagem. Eu vou viajar. O senhor gosta de mim, né, seu Américo? Gosta sim. Ele é o nosso pai. Pai porque gosta da gente. "Pai Nosso, agradecemos por ele gostar de nós..." (Julião vai carregando-a para fora) Não me machuca. Ele gosta de mim. Não me machuca, tu não pode me machucar... (Silêncio. As meninas vão saindo de cena. Ficam Américo/ e Barba. Américo lentamente vai se retirando)

BARBA Eu preciso falar com o senhor.

AMÉRICO O que é que tu quer comigo?

BARBA Eu quero de volta os originais do meu livro que eu entreguei para a d. Fortuna.

AMÉRICO Tu entregou os originais para a Instituição para que fossem publicados, não é verdade?

BARBA Sim. Mas eles serão publicados mesmo?

AMÉRICO Serão publicados em nome de todos os menores da Instituição.

BARBA O senhor quer dizer é que vão juntar os meus poemas com os dos outros menores? É isso?

AMÉRICO Não, os poemas serão publicados em nome dos menores da Instituição. Você deve ficar feliz.

BARBA Mas são meus! Fui eu que escrevi! Saíram de dentro de mim!

AMÉRICO A Instituição vai publicar para que esses originais tragam algum benefício: e tu deve estar de acordo se eu lhe / disser que este benefício será extensivo à todos, tu, tuas colega... a própria Instituição que te ampara. Pensa um pouco nas outras meninas nesta casa que tanto lhe fez bem.

BARBA Eu penso nelas, o que eu escrevo é também prá elas. Agora o livro, o livro é o meu livro. É prá ser publicado em meu nome!

AMÉRICO Tu é muito mal-agradecida. Tu, com teus poemas tão bonitos, que falam tanto de justiça. Tu não passa de uma gran



de egoísta.

BARBA Desse jeito eu não quero!

AMÉRICO Tu tá me irritando! Olha, pensa bem, o que é que tu, sozinha, vai fazer com os originais, hein? Pensa na glória que vai ter uma menina da Instituição, escrevendo poemas aqui dentro. Isso é uma coisa muito bonita, muito construtiva, uma coisa muito boa!

BARBA Se não for em meu nome, eu quero ele de volta.

AMÉRICO Nós não vamos discutir tudo isso de novo, chega! O livro/ vai ser publicado em nome de todas as crianças da Instituição.

BARBA Mas isso é roubo! Roubo!

AMÉRICO Mal-agradecida, afinal...

JULIÃO Com licença?

AMÉRICO O que foi?

JULIÃO Preciso falar com o senhor. Particular.

AMÉRICO Chega aqui. (Afastam-se)

JULIÃO Doutor, uma comissão de homens, aí embaixo, quer falar com o senhor. Vieram fazer uma visita e querem conhecer as dependências da Instituição.

AMÉRICO Uma vistoria. Por que não avisaram antes?

JULIÃO Eles querem também uma entrevista com algumas menores, / principalmente aquela machona.

AMÉRICO E quem são eles, tu conhece alguém?

JULIÃO São jornalistas, políticos...

AMÉRICO Políticos?!?! Tu já devia ter me avisado!

JULIÃO Eles chegaram de surpresa, doutor, Eles falam do abaixo-assinado das menores...

AMÉRICO Agora essa gente vai viver aqui bisbilhotando. E agora? Onde é que eles estão?

JULIÃO Na sua sala...

AMÉRICO Vou recebê-los. (Saem)

(Barba fica só em cena. Meninas entram gritando)

LÚCIA Bigode ! Bigode !

VERA O deputado quer falar contigo.

BARBA Que deputado?

LÚCIA Tem um monte de gente lá embaixo, querem falar contigo, Barba.

BARBA Que é que eles querem comigo?

VERA Foi por causa do nosso abaixo-assinado que foi parar no / jornal.

LÚCIA Fala com eles, Barba . Eles estão com o seu Américo.

BARBA Eu vou aproveitar e vou pedir meu livro de volta.

LÚCIA Isso mesmo. Vai, tão te esperando. Fala bastante com eles.

VERA Que onda, já pensou? Os deputados querendo falar com a gen-
te.

(Barba sai. Meninas ainda ficam comentando em algazarra)

AMÉRICO (Em meio as meninas que brincam no pátio, lê em voz alta os poemas de Barba) "Se o rio de sua vida secar, seja pa-
ciente, pois nele ainda vão surgir muitas cachoeiras..."

(ri) (Para menina que o observa) Viu que bonito? (Conti-
nuando) "Por trás de todo vulto escuro, sempre existe a
imagem viva de um ser humano." (Barba vai se aproxima-
do lentamente) "Numa estrada sem luz, teu olhar fez da vi-
da o pranto iluminado." (Percebendo a presença de Barba
diz os poemas para ele) "Ame sempre aquele que pouco te
dá, e não aquele que muito te promete..." (Entregando-lhe
os manuscritos) Pode levar. A Direção resolveu de outra /
maneira. Nós íamos fazer um grande favor, mas... Estás a-
poiada muito bem, agora. Políticos, jornalistas... Tá fi-
cando famosa, minha filha. Conseguiu até um documento de
soltura... vai sair dessa Instituição, que tanto bem te /
fez, para te integrar na sociedade. Porém, está reservada
a essa Instituição, o direito de assinar ou não tal docu-
mento. Se entraste aqui para ser recuperada, a Direção po-
de provar que ainda não estás em condições de enfrentar o
mundo lá fora...

BARBA Se eu não sair, eles vem me buscar!

AMÉRICO Acontece, ô guriazinha, que podes muito bem, de repente, /
ser conduzida... pro Sanatório, por exemplo. Nós vamos

provar que não estás em condições. Viu, Ana Maria? Eu ainda sou a autoridade aqui dentro. Só vais sair daqui com os pentelhos brancos! E já sabe, qualquer insubordinação, te mando pro Sanatório! (Sai)

(Barba está só em cena. Entra o Narrador)

NARRADOR

Dos muitos métodos de preparar uma fuga da Instituição / quando se está incomunicável ou sendo vigiado, o mais comum é o dos alfinetes. Primeiro, junte vários alfinetes, / quantos você conseguir encontrar. Separe também um bom pedaço de algodão. Para maior êxito do método, proceda da seguinte maneira: apanhe um alfinete e ponha um pouco de saliva ao longo de sua ponta, cuidando para que fique bem lubrificado. Escolha o ponto do corpo onde deverá ser afixado. Como exemplo podemos escolher o braço. Encoste a ponta afiada e lubrificada do alfinete na pele, e com o polegar sobre a cabeça do alfinete, faça uma leve pressão. Você sentirá a ponta rompendo a pele. Você sentirá uma pequena dor aguda. Não se preocupe, é natural. Logicamente escorrerá um pouco de sangue, o que é normal. Continue forçando a cabeça do alfinete com o polegar, agora com um pouco mais de força. Por quê? Porque os tecidos do corpo oporão resistência, então você vai ter que forçar um pouco mais. Não fique nervoso quando o alfinete afundar nos seus tecidos e você começar a sentir uma dor quase insuportável. É que o alfinete certamente já alcançou o nervo. Aqui é que nós vamos utilizar o algodão. Pegue a mecha de algodão e enfie na boca, e quando a dor for se tornando / insuportável, morda o algodão. Isso evita a tendência natural que sentirá de gritar. Quando o alfinete encontra o nervo, pode causar problema. Mantenha a calma, entorte / parte do alfinete, perto da cabeça e ele naturalmente desviará seu rumo. Há casos em que a dor é terrível, pode levar, inclusive, ao desmaio. Portanto, não se surpreenda / se você estiver despertando após alguns minutos de escuridão. Afixado o primeiro alfinete, você colocará o segundo,

CASTRA
10.5
29

o terceiro, o quarto e assim sucessivamente, introduzindo os nas partes escolhidas. Você pode colocá-los nas coxas, pernas, braços, costas e, isso é fundamental, pelo menos um no seio. Recomendação importante: você não pode gritar, pois se isso acontecer, chamará a atenção dos monitores e toda a operação irá por água abaixo. Uma vez introduzidos todos os alfinetes, volte as suas atividades normais e aguarde os resultados. A partir do segundo dia, o organismo começa a rejeição. Você sente náusea, dor de cabeça, / febre, e será internada na enfermaria. Constatada a necessidade de operação, será removida para o hospital. Do hospital você tentará a fuga.

(Durante a narração, Barba introduz os alfinetes e retoma seu trabalho. Os movimentos vão se tornando lentos a medida que o processo de inflamação progride. Américo está atento a todos os movimentos.)

AMÉRICO

Hoje é dia de faxina. Vamos logo pegar os baldes, vassouras, panos, sabão e vamos limpar tudo isso. Ana Maria Barba, vamos lá. Que que tá parada aí? (Aproxima-se e examina-o) O que está acontecendo? Olha prá mim! Que que tá sentindo? Fala! (Pega-lhe o braço, Barba se retorce de dor. Os alfinetes saltam para fora) Cheia de alfinetes nos braços. Chama os enfermeiros! Maldita! Se tu morre aqui dentro vai me causar um problema danado. (Barba quase / desmaia de dor) Se estás pensando que eu vou te mandar pro hospital, estás muito enganado.

(Entra a equipe de enfermeiros e retiram os alfinetes.)

BARBA

Então eu fui pro castigo. Fui fazer a famosa marcha da manhã. Marchava das quatro horas da manhã até a meia-noite, durante três dias, sem parar. Era inverno. Eu caminhava / só de short e camiseta. Comida, só uma vez por dia. A minha mulher, a Odete, tentava me dar doces ou alguma coisa a mais para comer, mas não deixavam. Ao meio-dia, hora do sol mais forte, como eu não reclamava e executava tudo ca lado, o seu Américo fazia eu olhar para o sol. E ria, ven



do as lágrimas escorrerem pelo meu rosto. Ele ria, pois só assim conseguia me ver chorando. E cantava: "Peru, peru, quantas agulhas tens no cú..." Ele ria muito e gritava: "Tu não ri, tu não ri!" Mas eu aguentei. A gente sempre aguenta. Mas eu já estava quase perdendo as esperanças quando de repente chegou o comunicado oficial, dizendo que eu estava livre. (Começa vestir-se. As meninas trazem sua mala) Preparei minhas coisas, me despedi de Odete, prometendo tirá-la dali, e fui embora. Eu me sentia livre e esperançoso. Eu ia encontrar um mundo diferente daquele em que eu vivia. Acho que por causa das pessoas que ajudaram bastante e me tiraram de lá. Fui trabalhar na Assembleia Legislativa, tenho um futuro brilhante, dizem. O meu livro está para sair. Eu vou ser famoso, todo mundo vai falar em mim, vai... gostar de mim. Eu acho que é disso que eu preciso. Que gostem de mim... Perdi meu emprego. Eu sou um homem mas tenho nome de mulher. As pessoas não aguentam isso. Não consigo um lugar para morar. Ninguém / confia nos menores que saem da Instituição, ou num presídário, eles têm medo. Mal eles sabem é que a gente morre de medo deles... Lá na Unidade, eu me sentia preso e queria a minha liberdade. Agora eu sou livre. Mas eu quero / ser livre? Aquele mundo que a gente fica imaginando lá dentro não existe. Aqui de cima desses viadutos eu vejo a cidade mais de cima, ela parece tão bonita com essas luzes todas piscando. Aqui me sinto menos sufocada. Quando eu bebo e engulo uns Optalidon, sinto até que posso voar sobre a cidade, sobre todas essas luzes... Eu queria fazer alguma coisa por mim, mas... Eu não consegui nada na minha vida. Eu não sei por quê... Não sei. Acho que sonhei / demais. E a realidade não é nada boa. Ainda mais pra gente como eu. Por quê? Eu só queria que as pessoas gostassem de mim... É, acho que é isso. Não nasci para ser feliz...

(A cidade brilhante ao fundo, ouve-se sons de carros, bu



zinas, apitos, etc. Uma sirene de ambulância bem ao fundo vem se aproximando)

" Barba, ai, se tu não me der um beijinho eu me mato"

" Vou trabalhar nas peças do Barba. Nós vamos viajar.../ Voar... Vem, Barba, vem voar por todo o país..."

" Peru, peru, quantas agulhas tens no cú..."

" Tu só vai sair daqui com os bigodes brancos"

" Barba, tu quer um desodorante"

" O senhor sabe que ela é culpada, merece ser castigada"

" Te cuida, gurria, eu tô de olho em ti"

" Paredão, paredão prá ela..."

" Vem Barba, vamos voar, salta... vamos lá prá luz"

" A gente te deu casa, comida, carinho"

" Jogando tua família na lama, na frente de todo mundo"

" Tu não presta, tu vai acabar na sarjeta"

" É importante prá ti, Ana, salta"

" Trás tua camisa, a vó vai costurar prá ti"

" Salta, salta"

" Uma semana na Instituição e ela volta curada"

" Mas isso é hora de chegar, Ana Maria? Salta logo, salta"

" Barba, Barba, salta, eu tô te esperando no banheiro"

" Paizinho tesão"

" Machão sem saco, salta, salta"

" Tu destruiu meu lar, salta"

" Eu sou amiga, mulher como vocês. Salta, Ana, salta"

" Vem, minha filha, vem pro colo da vó, salta, salta"

" O Zeca morreu"

" Que bolachuda, vem com a tia, vem, salta"

" Ana, é importante prá ti, salta"

" Vem, Barba, vamos fazer as tuas peças na lua, vem"

" Vem, Ana, a vó tá esperando, vem"

" Salta, salta, salta, salta..."

(Barba embala-se cada vez mais rápido no balanço)

Eu vou, eu vou, eu tô indo... (Salta)